



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS**



LETÍCIA MARIA PEREIRA DOS SANTOS

**O USO DO CELULAR NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA:
VIAJANDO PELO MUNDO DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS**

Uberlândia

2020

LETÍCIA MARIA PEREIRA DOS SANTOS

**O USO DO CELULAR NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA:
VIAJANDO PELO MUNDO DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Uberlândia (PROFLETRAS/UFU), como exigência parcial para obtenção do Título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Cristina Cristianini

Uberlândia

2020

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

S237 2020	<p>Santos, Letícia Maria Pereira dos, 1967- O uso do celular nas aulas de Língua Portuguesa: [recurso eletrônico] : Viajando pelo mundo das expressões idiomáticas / Letícia Maria Pereira dos Santos. - 2020.</p> <p>Orientadora: Dra. ADRIANA CRISTINA CRISTIANINI. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Letras. Modo de acesso: Internet. Disponível em: http://doi.org/10.14393/ufu.di.2020.360 Inclui bibliografia. Inclui ilustrações.</p> <p>1. Linguística. I. CRISTIANINI, Dra. ADRIANA CRISTINA ,1969-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Letras. III. Título.</p>
--------------	---

CDU: 801

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



Ata da defesa de TRABALHO DE CONCLUSÃO FINAL DE MESTRADO junto ao Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) do Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Defesa de Trabalho de Conclusão Final de Mestrado Profissional em Letras, número 02/2020, PROFLETRAS

Data: 14 de fevereiro de 2020

Hora início: 08h

Hora encerramento: 13h

Discente: Leticia Maria Pereira dos Santos – 11812MPL011

Título do Trabalho: O uso do celular nas aulas de língua portuguesa para o ensino do léxico

Área de concentração: LINGUAGENS E LETRAMENTOS

Linha de pesquisa: Teorias da Linguagem e Ensino

Projeto de Pesquisa de vinculação: Variação lexical e o ensino de língua portuguesa: estudo com vistas a contribuições para a prática docente

Aos quatorze dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte, realizou-se no bloco 1U, Sala 213, do Campus Santa Mônica da Universidade Federal de Uberlândia, com início às nove horas, a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão Final de Curso caracterizada acima, apresentada pela mestranda **Leticia Maria Pereira dos Santos**, que cumpriu os requisitos exigidos pelo regulamento em vigor para tal apresentação, a saber: concluiu os créditos exigidos, foi aprovada em prova de proficiência em língua estrangeira e em exame de qualificação, de acordo com os registros constantes nas atas e arquivos da Secretaria do Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Letras. Os trabalhos foram instalados pela Profa. Dra. Adriana Cristina Cristanini, presidente da Banca Examinadora, que foi constituída pelos seguintes professores: a) Profa. Dra. Eliana Dias, Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP; b) Profa. Dra. Rita de Cássia da Silva Soares, Doutora em Semiótica e Linguística pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP; c) e pela orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso da candidata, Profa. Dra. Adriana Cristina Cristanini, Doutora em Semiótica e Linguística Geral pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP. Após abertura, a presidente concedeu à discente a palavra para a exposição do seu trabalho e, em seguida, a Banca Examinadora procedeu à arguição dentro dos tempos estabelecidos pelo regulamento e, encerrados os trabalhos de arguição, retiraram-se a candidata e os assistentes. Em reunião secreta, a Banca Examinadora fez o julgamento da dissertação e da defesa da candidata, tendo os examinadores emitido o seguinte parecer: **APROVADA**, sendo favorável a emissão do título de **Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS)**. Ao final da sessão, a candidata e os assistentes foram chamados e o resultado proclamado pela Profa. Dra. Adriana Cristina Cristanini. Nada mais havendo a tratar, foram encerrados os trabalhos às doze horas e os membros da Banca Examinadora conferiram a presente ata e a assinaram juntamente com a mestranda. Esta defesa de Trabalho de Conclusão Final de Mestrado Profissional é parte dos requisitos necessários à obtenção do título de **Mestre**. O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.


Profa. Dra. Eliana Dias - UFU


Profa. Dra. Rita de Cássia da Silva Soares - USP


Profa. Dra. Adriana Cristina Cristanini - UFU
Orientadora


Leticia Maria Pereira dos Santos
Matrícula: 11812MPL011



Dedico esta dissertação:

Aos meus pais José Vicente e Maria de Lourdes (in memoriam).

Aos meus filhos Pedro Henrique e Theo.

Às noras Layzze e Ana Gabriela.

A Pedro dos Santos (in memoriam).

Aos irmãos, sobrinhos e cunhados.

À minha avó Maria Caixeta de Sousa (in memoriam).

Aos familiares e amigos.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida e pela oportunidade de estudar.

Aos meus pais pela educação e cuidados. Ao meu pai, José Vicente Pereira (in memoriam), por despertar em mim o gosto por aprender e a minha mãe Maria de Lourdes Caixeta Pereira (in memoriam), pelo carinho e cuidados.

Aos meus filhos Pedro Henrique e Theo, pela paciência e compreensão nesse tempo de pouca dedicação como mãe. Pelo amor incondicional que ambos me dedicam. Por me proporcionarem a experiência do amor mais sublime e, ainda, proporcionarem essa completude como ser humano, pois, por meio desse amor, torno-me a cada dia um ser humano melhor.

Às noras Layzze e Ana Gabriela, pela atenção e pelo carinho, e por serem as filhas do coração que a vida me trouxe.

Ao meu irmão Luis Alberto e sua família, pela acolhida e incentivo e a todos os familiares, que de algum modo se alegram com minha conquista.

A todos os amigos que torceram por mim, nessa empreitada.

À minha avó Maria Caixeta de Sousa (in memoriam), que me incentivou no gosto pela leitura.

Aos colegas professores, diretoras, vice-diretoras e especialistas, das escolas nas quais leciono, pela compreensão, incentivo e ajuda.

Aos colegas da turma PROFLETRAS V, pela parceria.

À coordenação do PROFLETRAS, pelo suporte necessário.

A todos os professores do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS- da Universidade Federal de Uberlândia- UFU, pelos inestimáveis ensinamentos.

A UFU- Universidade Federal de Uberlândia, pela oportunidade de desfrutar de prestimosos conhecimentos.

Ao ILEEL (professores e técnicos e funcionários), que não mediram esforços em nos assessorar nas demandas.

À Professora Doutora Eliana Dias, pelas prestimosas aulas, pela alegria contagiante e por ter aceitado compor a banca.

À Professora Doutora Rita de Cássia Silva Soares, que não mediu esforços em se deslocar para participar da banca.

Ao corretor Professor Agenor Gonzaga, que prontamente se dispôs a corrigir esta dissertação e ao colega de profissão, professor José Jorge, pelas conversas e correções.

A todos os professores com quem tive a oportunidade de aprender, durante minha vida escolar, que certamente possibilitaram que eu chegasse até aqui.

Aos alunos da pesquisa, que foram fundamentais para o desenvolvimento do projeto, pois sua adesão foi fator de grande alegria e de um maior estímulo, no desenvolvimento do projeto.

Aos pais, familiares e/ou responsáveis pelos alunos da pesquisa, pela compreensão e adesão à pesquisa, pois contar com o apoio incondicional de todos os pais foi inenarrável e surpreendente.

À CAPES, que possibilitou a concretização deste estudo, por meio da bolsa de estudos, sem a qual não teria sido possível.

Especialmente, à Professora Doutora Adriana Cristina Cristianini, pela orientação, ensinamentos, paciência, compreensão, carinho e amizade, que levarei para a vida. Exemplo de pesquisadora, que, incansável na busca pelo saber e crescimento próprio, ilumina-me, inspirando-me.

RESUMO

Observamos, por meio de nossa prática em sala de aula, uma carência no desenvolvimento de atividades para o ensino sistemático do léxico, bem como o pouco uso do celular, nas aulas. Diante disso, a presente pesquisa objetivou desenvolver uma proposta pedagógica, que utilize, nas aulas de Língua Portuguesa, o recurso tecnológico do celular como ferramenta pedagógica, com vistas a suprir essas carências, por meio da exploração das Expressões Idiomáticas (EIs), tendo como foco a ampliação lexical, e conseqüentemente, melhorar a capacidade de leitura, produção e interpretação de textos e oralidade. Visando, ainda, a construção de um BLOG, contendo as atividades realizadas. Observamos, também, que o espaço dedicado às EIs não é muito explorado, nas aulas de Língua Portuguesa. A partir dessas observações, foi realizado o estudo das EIs utilizando o celular. A fundamentação teórica baseou-se em Almeida (2003), Barbosa (1990, 1999, 2000, 2001), Bezerra (1998), Biderman (1998), entre outros. As atividades desenvolvidas, em sala de aula, compuseram o *corpus* do trabalho. Desse modo, partimos da hipótese de que o uso celular, nas aulas de Língua Portuguesa, é uma ferramenta pedagógica relevante para o ensino-aprendizagem. Seguimos os parâmetros do método pesquisa-ação e, por meio de estudos semântico-lexicais, numa perspectiva diacrônica, elaboramos uma proposta de intervenção, posteriormente aplicada em uma turma com trinta e três (33) alunos, do 9º ano do Ensino Fundamental II, de uma escola pública da rede estadual de Minas Gerais. Durante essa intervenção, os alunos fizeram leituras de vários gêneros textuais, pesquisaram sobre várias EIs, desenharam, criaram animações – GIFs – e um BLOG, o que resultou no contato com novas palavras e expressões, e assim ampliaram o conhecimento lexical, além de compreenderem que a linguagem se constrói socialmente, pois ao pesquisarem a origem das EIs puderam identificar a construção social dessas expressões pesquisadas. Como produto, desenvolvemos, utilizando o celular, GIFs e um BLOG direcionado a alunos e professores, para divulgação e compartilhamento das atividades desenvolvidas para a pesquisa e dos resultados obtidos.

Palavras-chave: Léxico. Expressões Idiomáticas. Variação e mudança linguísticas. Ensino-aprendizagem. Celular. BLOG.

ABSTRACT

Through classroom practice, we have observed a lack in the development of activities for systematic lexicon instruction in addition to low use of mobile phones in class. Given this, this study aimed to use mobile phones as a technological resource and pedagogical tool in Portuguese language lessons to meet these needs through the exploration of idioms, focusing on lexical expansion and, hence, on improving students' reading, writing and interpreting texts, and oral skills. We have also observed that idioms are not much explored in Portuguese language classes. On account of that, we studied idioms using mobile phones. The study theoretical background was based on Almeida (2003), Barbosa (1990, 1999, 2000, 2001), Bezerra (1998), Biderman (1998), among others. The activities developed in the classroom made up the *corpus* of the work. We assumed that mobile phone use in Portuguese language lessons is a critical pedagogical tool for teaching and learning. Through semantic-lexical studies, from a diachronic perspective, we developed an intervention proposal, later applied to a class with thirty-three participants from the ninth grade of a public school in a state school of Minas Gerais, Brazil. Along this intervention, students carried out readings of various textual genres, looked up idioms, created drawings, GIFs animations and a BLOG, which resulted in contact with new words and expressions, and thus expanded their lexical knowledge, as well as their understanding that language is socially constructed, since they sought the origin of idioms and could identify their social construction. As a result, we developed GIFs and a BLOG using mobile phones to disseminate and share both the activities developed during the study and also its findings among students and teachers.

Keywords: Portuguese language. Idiomatic Expressions. Lexicon. Linguistic variation and change. Teaching and learning. Mobile phone. BLOG.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - 1º Exemplo de exercício sobre o ensino do léxico	56
FIGURA 2 - 2º Exemplo de exercício sobre o ensino do léxico	57
FIGURA 3 - 3º Exemplo de exercício sobre o ensino do léxico	58
FIGURA 4 - Palavras de mesma esfera de ideias.....	63
FIGURA 5 - “Dar murro em ponta de faca”	75
FIGURA 6 - “Carregar o mundo nas costas”	76
FIGURA 7 - “A rosa de Hiroshima”	76
FIGURA 8 - “Meu pensamento é um rio subterrâneo”	77
FIGURA 9 - “Ela tem um coração de gelo”	77
FIGURA 10 - “Fome de leão”	78
FIGURA 11- capas da revista Veja Capas da Revista Veja.....	87
FIGURA 12- Expressões populares 1	101
FIGURA 13- Expressões populares 2	102
FIGURA 14 - Expressões populares 3	103
FIGURA 15 - Expressões populares 4	104
FIGURA 16 - Desenhos feitos pelos alunos.....	118
FIGURA 17 - Desenhos feitos pelos alunos 2.....	119
FIGURA 18 - Desenho feito pelos alunos 3.....	119
FIGURA 19 - Pesquisa do grupo 1 sobre a expressão “Andando nas nuvens”.....	122
FIGURA 20 - GIFS do grupo 1 “Andando nas nuvens”	123
FIGURA 21 - Pesquisa do grupo 1 sobre a expressão “Chutar o balde”	124
FIGURA 22 - GIFs do grupo 1 “Chutando o balde”	125
FIGURA 23 - Pesquisa do grupo 2 sobre “Fazer tempestade em copo d’água.....	126
FIGURA 24 - GIFs do grupo 2 “Fazer tempestade em copo d’água”.....	127
FIGURA 25 - Pesquisa do grupo 2 sobre “Filho de peixe peixinho”.....	128
FIGURA 26 - GIFS do grupo 2 “Filho de peixe peixinho”	129
FIGURA 27 - Pesquisa do grupo 3 sobre “Chorar o leite derramado”	129
FIGURA 28 - GIFS do grupo 3 “Chorar o leite derramado”	130
FIGURA 29 - Pesquisa do grupo 4 sobre “Viajar na maionese”	131
FIGURA 30 - GIF do grupo 4 “Viaja na maionese”	132
FIGURA 31 - GIF do grupo 4 “Viaja na maionese”	133
FIGURA 32 - GIF do grupo 5 “Pisar na bola”	134

FIGURA 33 - Pesquisa do grupo 4 sobre “Quebrar um galho”	135
FIGURA 34 - GIF do grupo 6 “Quebrar um galho”	136

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Infográfico sobre o acesso à internet	24
QUADRO 2 - Distinção da lexia	46
QUADRO 3 - Lexia complexa	49

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
EIs	Expressões Idiomáticas
EUA	Estados Unidos da América
GIF	Graphics Interchange Format (tradução literal: Formato para Intercâmbio de Gráficos.
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
OK	Okay
PROFLETRAS/UFU	Programa de Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Uberlândia
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	13
1 CELULAR E ENSINO.....	19
1.1 BLOG e GIFs	35
1.1.1 BLOG	36
1.1.2 GIFs	37
2 VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA: O LÉXICO	39
2.1 Aspectos lexicais da língua.....	39
2.2 Lexias simples, lexias compostas e/ou lexias complexas.....	45
2.3 EIs do português brasileiro	48
2.3.1 Conceituação de expressão idiomática	48
2.3.2 O tratamento dado ao ensino do léxico nas escolas	54
2.3.3 Léxico e sociedade	59
2.3.4 Campos lexicais.....	62
3 MÉTODO E PROCEDIMENTOS	66
3.1 Atividades desenvolvidas em sala de aula, tendo como recurso pedagógico o celular.....	69
3.1.1 Módulo 1	71
3.1.2 Módulo 2	79
3.1.3 Módulo 3	89
3.1.4 Módulo 4	90
3.1.5 Módulo 5	93
3.1.6 Módulo 6	94
3.1.7 Módulo 7	96
3.1.8 Módulo 8	101
3.1.9 Módulo 9	104
4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	106
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	137
REFERÊNCIAS	141
ANEXOS	149
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA RESPONSÁVEL LEGAL POR MENOR DE 18 ANOS	150
ANEXO B – TERMO DE ASSENTIMENTO PARA O MENOR ENTRE 12 E 18 ANOS INCOMPLETOS	153

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

É inegável que o mundo virtual e seus desdobramentos sejam parte real de nossas vidas. Até mesmo os mais vividos já não conseguem realizar as atividades diárias sem o uso dentro e fora da escola, das mais variadas virtualidades que estão presentes em ações simples como a compra com cartão de crédito/débito e relações por meio das redes sociais. Quanto aos jovens, percebemos que parece ser, atualmente, impensável suas vidas dissociadas da virtualidade, uma vez que essa é inerente a eles desde o nascimento. Notamos, também, que esses jovens, sempre mantêm o *smartphone*, no bolso ou na mão.

Tornou-se impraticável que as escolas públicas continuem ignorando o mundo virtual nos processos de ensino-aprendizagem. A realidade atual é nova e o modo de ensino pouco mudou. Esse descompasso entre a realidade e o ensino cria barreiras. Há que se buscar mecanismos que quebrem essas barreiras. Continuar com modelos de aula em que foram produtores em tempos, quando as demandas eram outras, não se justifica. Traçar estratégias produtivas de uso de recursos virtuais é um grande desafio, pois controlar o acesso aos sites e redes sociais, como *whatsapp*, *instagram*, entre outras, não é tarefa simples para o professor desenvolver, uma vez que fazem parte do cotidiano dos jovens. A realidade, encontrada nas escolas, é que há um constante embate entre alunos¹/professores/equipe diretiva para coibir o uso de celular nas aulas. Esse embate é desgastante, uma vez que tem que ser feito constantemente. O celular é um recurso rico em possibilidades dada a sua abrangência. Mas, há que se conscientizar os educandos para o uso proveitoso desse recurso, uma vez que ocupam o tempo que ficam na internet para jogos e conversas aleatórias. Melhor aproveitado seria se uma parte desse tempo fosse dedicado às pesquisas que enriquecessem os conhecimentos nas mais variadas áreas do saber científico e popular, visto que se ambos são necessários para a vida.

O dia a dia na sala de aula e os recorrentes problemas com o uso do celular nos trouxe a reflexão de que não é mais possível travar uma luta (sem sucesso) na proibição desse uso. Essa proibição, tomando por base a justificativa de que os alunos se distraem com o celular, não pode continuar sendo empecilho para o uso proativo² desse recurso tecnológico. O uso consciente dessa ferramenta possibilitará aulas mais dinâmicas e interessantes, uma vez que ela está afinada com os aprendizes.

¹ Nesta pesquisa, utilizaremos a palavra *aluno*, mesmo sabendo que *participante* é mais usado em dissertações. A nossa escolha é motivada por se tratar de escola, da qual palavra *aluno* faz parte.

² Adj. Que se comporta ou pensa de modo antecipado; que busca identificar e resolver possíveis problemas com antecedência, por antecipação.

Ao longo da história do homem, toda novidade gera espanto, insegurança e até mesmo um quê de ansiedade com o advento do novo. O celular, nas aulas, é o nosso “novo”, que nos amedronta, que nos assombra e de certo modo nos acanha. Ontem o novo era o aparelho de som, a TV, o videocassete, a calculadora, entre outros, que chegavam à escola e causavam temor, assustavam as aulas convencionais. E o medo de que os alunos de hoje, usando o celular se distraíam é aquele mesmo de quando essas ferramentas adentraram para a escola. Por mais que os professores tentem fiscalizar o uso do celular nas aulas, sabemos que os alunos o camuflam, escondendo do professor. Desse modo, melhor usá-lo para as aulas, porque por mais restrições que tenham, há o uso clandestino.

Hoje, celular, já não é mais um mero celular, agora é um smartphone com vários recursos, e que esses podem ser explorados para o desenvolvimento cognitivo de maneira positiva. Por apresentar tantos recursos, também tem impropriedades. Sendo assim, caberá ao professor alertar aos seus alunos para os riscos que os meios digitais oferecem. Nem tudo no meio virtual, tecnológico se apresenta como ferramenta positiva de aprendizagem adequada e válida. O uso indiscriminado e sem supervisão, tanto na escola quanto fora dela, desses recursos ofertados pela internet é preocupante, devido à inocência e falta de maturidade dos jovens ao se exporem. Sendo bem aproveitado é uma ferramenta com grande potencial para o ensino/aprendizagem, podendo ser utilizado, entre outras coisas, pedagogicamente para a ampliação do léxico, através de leituras de gêneros textuais variados, de pesquisas sobre o próprio léxico, entre outros.

A ampliação do léxico, relevante para a excelência em leitura/escrita/interpretação, é, hoje, pouco explorada nas aulas de Língua Portuguesa, tanto nos livros didáticos quanto nos materiais alternativos que os próprios professores elaboram. Em estudos realizados sobre esse tema Dias (2004, p. 4) explica que:

na verdade, a maioria dos professores pouca atenção tem dado aos problemas concernentes ao léxico. Além de estar sempre preocupada com o conteúdo programático, a maioria não tem formação nas áreas de Lexicologia e Lexicografia, não percebendo, por isso, o papel do léxico no mundo comunicacional em que o aluno está inserido.

Acreditamos que pela extensão do conteúdo programático previsto, sendo o próprio currículo de referência, com seus campos de atuação, as práticas de linguagem, objetos de conhecimento e as habilidades, extensos, é insuficiente o número de aulas, dedicadas ao ensino de Língua Portuguesa, além de os docentes, em geral, não terem, em suas licenciaturas, estudado

as disciplinas Lexicologia e Lexicografia. Talvez por esses motivos, os professores de Língua Portuguesa vão relegando o ensino do léxico para segundo plano, não considerando que esse é de certo modo um sustentáculo para a aprendizagem dos demais campos do conhecimento humano. Nessa direção, expõe Cruz (2015, apud CALÇADA, 1990, p. 295):

Se atentarmos para os aspectos teórico-metodológicos, defrontar-nos-emos, logo de início, com a falta de delimitação de um vocabulário fundamental, a ser dominado pelos alunos durante o processo ensino-aprendizagem de sua língua. Além de não haver previsão de um léxico básico e de sua ampliação gradual, inexistente qualquer preocupação pela fixação e uso de palavras estudadas para a compreensão de textos. Após realizados os exercícios, as unidades linguísticas trabalhadas, por seleção intuitiva do autor, não são retomadas em outras lições. A aquisição vocabular, se ocorrer, torna-se então um fato meramente acidental. Assim, os fatores psicológicos como a motivação, a atenção, a percepção e a memorização das palavras, indispensáveis ao bom desempenho do locutor na seleção vocabular e posterior elaboração do seu discurso, não são prestigiadas.

Desse modo, todas as práticas de linguagem, as áreas de conhecimento e habilidades previstas na BNCC, para serem alcançadas, perpassam pelo ensino/aprendizagem do léxico. Sendo assim, esse é um campo de ensino de Língua Portuguesa que merece mais atenção, dada a sua relevância. Na maior parte das vezes, nos livros didáticos, o léxico é tratado somente no capítulo que versa sobre os processos de formação de palavras na Língua Portuguesa, limitando-se, quase sempre à derivação e composição das palavras³ e alguns processos especiais, como abreviação. Tratam do neologismo de forma incipiente, não explicando bem o contexto cultural e a necessidade de seu surgimento. Pela prática em sala de aula, acumulada pelos anos de magistério, percebemos a necessidade de dar mais atenção ao ensino do léxico, visto que o mundo é percebido e apreendido em grande parte e de certa forma através dele. Nessa direção, Biderman (1981, p. 138) expõe que:

O léxico pode ser considerado como o tesouro vocabular de uma determinada língua. Ele inclui a nomenclatura de todos os conceitos linguísticos e não

³ Adotamos neste trabalho ‘palavra’ com base em Biderman (2001, p.104) que define ‘palavra’ como sendo uma “sequência fônica que constituísse uma emissão completa, após a qual a pausa é possível”, ela, a palavra, é “A atividade de nomear, isto é, a utilização de palavras para designar os referentes extralinguísticos é específica da espécie humana. A nomeação resulta do processo de categorização. Entende-se por categorização a classificação de objetos feita por um sujeito humano, resultando numa única resposta a uma determinada categoria de estímulos do meio ambiente. A categorização supõe também a capacidade de discriminação de traços distintivos entre os referentes percebidos ou apreendidos pelo aparato sensitivo e cognitivo do indivíduo”

linguísticos e de todos os referentes do mundo físico e do mundo cultural, criado por todas as culturas humanas atuais e do passado.

Corroborando as palavras acima, Cristianini (2007, p. 120) reforça que “Léxico é conjunto de todas as palavras que estão à disposição do locutor, e num dado momento ele pode empregar ou compreender.”.

Dar uma tratativa mais enfática ao ensino do léxico, por meio de pesquisa em sala de aula, a partir do uso do celular, é um procedimento didático que supriria a demanda que ora se apresenta nas aulas de Língua Portuguesa.

O léxico de uma língua corresponde a um rol de itens linguísticos com que expressamos nossos sentimentos, pensamentos, estados, entre outros. As palavras de uma língua nos levam ao conhecimento que o homem se edifica em sociedade, por meio de experiências, vivências que partilham com os grupos sociais e culturais dos quais faz parte. O léxico traz em si uma memória dinâmica, que se mostra mutável, não estável, que reflete a necessidades expressivas de um falante em um determinado tempo e espaço. Assim, o léxico tem a possibilidade de constante reformulação.

No que tange à leitura e à compreensão de textos mais formais, como demandam um vocabulário mais complexo, mais elaborado, percebemos que há a necessidade de promover essa competência, visto que ela é de grande relevância no contexto social. Assim visto, o estudo do léxico vem ao encontro das exigências sociais pela competência verbal. São exigências próprias do mundo do trabalho, com vocabulários específicos e situações formais de interação, que envolvem as modalidades oral e escrita da língua. Cabe aos professores de Língua Portuguesa a tarefa de despertar o olhar para o movimento constante do léxico, aos novos sentidos a palavras já existentes na língua, e as mudanças e exigências dos grupos e sua competência lexical.

Pelo exposto, notamos que ampliação do léxico, relevante para a excelência em leitura/escrita/interpretação, é hoje pouco explorada nas aulas de Língua Portuguesa, tanto nos livros didáticos quanto nos materiais alternativos que os próprios professores elaboram. Esse é um campo de ensino de Língua Portuguesa que merece mais atenção, dada a sua relevância.

Para atender melhor esse campo de ensino da Língua Portuguesa, a exploração das Expressões Idiomáticas (Eis) é relevante para esse atendimento.

O presente trabalho objetivou desenvolver uma proposta pedagógica, para ensino de Língua Portuguesa, mais especificamente sobre a ampliação/construção lexical na língua, que

tenha o celular como a principal ferramenta para a aprendizagem e por meio da exploração das EIs, visando ao final à elaboração de GIFs ⁴e de um BLOG⁵.

Para tal, realizamos um levantamento bibliográfico sobre o tema, referente ao ensino das EIs, por meio do celular em sala de aula. Ao final, foram analisados e avaliados, qualitativamente, os resultados da aplicação da proposta pedagógica, mediante observação do professor durante a realização das atividades em questão.

Desenvolvemos um BLOG interativo, para a divulgação da proposta pedagógica de forma a fomentar uma discussão sobre o uso do celular, nas aulas de Língua Portuguesa.

Foi elaborado pelos alunos da pesquisa GIFs, com temática das EIs exploradas durante as aulas de Língua Portuguesa.

Foi desenvolvido o estudo proposto visando tornar o ensino do léxico mais atrativo para os alunos do projeto, e, dessa maneira, acreditamos que possa alcançar outros professores e alunos do Ensino Fundamental II, contribuindo, assim, com os professores de Língua Portuguesa e áreas afins para a reflexão sobre o celular e o ensino, de modo prazeroso.

Esta pesquisa pautou-se pelos pressupostos do método pesquisa-ação, visto que se trata de uma pesquisa em que, a partir da percepção de um problema apresentado pela vivência real, o pesquisador interfere diretamente para atuar nessa realidade, propondo ajudar com uma busca de solução. Além de apresentar uma solução plausível e prática, o pesquisador alertou os envolvidos de como evitar o problema apresentado. Segundo Xavier (2012, p. 47):

Um bom exemplo para esse tipo de pesquisa é o seguinte: um professor detecta uma dificuldade de aprendizagem em seus alunos. Passa, então, a observá-los até descobrir as causas. Em seguida, elabora e testa ele mesmo atividades propostas, o professor compartilha com seus colegas [...]. Nesse tipo de investigação, o cientista pesquisa enquanto age, propõe mudanças que são aplicadas por ele mesmo.

Além disso, como em qualquer outro trabalho científico, a pesquisa bibliográfica também teve um papel de destaque em nosso estudo.

Para iniciarmos nossas discussões sobre o trabalho, elegemos dissertar sobre o Celular e o ensino, mais especificamente o ensino das EIs, por considerarmos que esse aparelho ocupa, ao lado do ensino, grande espaço na vida dos educandos, bem como das orientações propostas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

⁴ *GIF* (Graphics Interchange Format ou formato de intercâmbio de gráficos) é um formato de imagem muito usado na Internet.

⁵ BLOG (contração dos termos em inglês *web* e *log*, "diário da rede") é um sítio eletrônico cuja estrutura permite a atualização rápida a partir de acréscimos dos chamados artigos, postagens ou publicações.

O trabalho que ora se apresenta, foi organizado em 4 (quatro) capítulos, sendo assim constituídos:

No primeiro capítulo intitulado “O celular e o ensino”, tratamos do espaço na escola para uso do celular, bem como as considerações da BNCC, no que tange a temática tecnológica no âmbito educacional. Ainda, abordamos as definições e campos de atuações dos BLOGS e GIF.

No segundo capítulo, denominado de “Variação e mudança linguística: o léxico” no qual haverá um subcapítulo apresentado como “Aspectos lexicais da língua”, outro nomeado como Lexias simples, lexias compostas e/ou lexias complexas e ainda outro: “EIs do português brasileiro”. Discorreremos sobre o que é lexicologia, nos embasando em autores como Labov (1982), Martins (2002), Barbosa (2009), Biderman (2005), Pottier (1974).

No terceiro capítulo, abordamos “Método e procedimentos” para a realização desta pesquisa.

No quarto capítulo, apresentamos a “Descrição e análise dos resultados”.

Na sequência, fazemos um arrazoado das discussões com vistas às considerações finais.

Passemos, agora para à discussão sobre o uso do celular e sua possível relação com o ensino.

1 CELULAR E ENSINO

Neste capítulo abordamos o uso do celular, verificando seu papel na comunicação e as possibilidades de usá-lo no ensino, como ferramenta pedagógica nas aulas de Língua Portuguesa.

No desenvolvimento e sobrevivência da espécie humana, um importante papel é reservado à comunicação. A transmissão dos conhecimentos, a organização das sociedades, através da língua, das linguagens, foi o que nos permitiu avanços e evolução. Esses não teriam sido possíveis sem a inter-relação de registros dos acontecimentos, trocas de informação e expressão de sentimentos e ideologias. Dessa relação da comunicação, surgem a escrita e a leitura que se apoiam no uso e conhecimento do léxico da língua como mecanismo de afirmação da necessidade de uma troca de saberes cada vez mais aprimorados. Nesse contexto, vão surgir as mais variadas formas de mídias.

A escola emerge da necessidade de ensinar e reiterar o lugar de destaque da leitura e da escrita nas sociedades grafas. Para esse ensino, ainda que, de forma tardia, e em descompasso, as novas invenções vão paulatinamente se inserindo no ambiente escolar. Assim foi, por exemplo, com o rádio, o jornal, as revistas, a televisão, os filmes, os documentários, entre outros. Atualmente a busca por espaço na educação cabe ao celular. De acordo com Tedesco (2002, p. 2), o uso das novas tecnologias nas aulas pode ser uma boa estratégia de ensino, pois:

uma perspectiva mais pedagógica, a centralidade do conhecimento também inspirou inicialmente algumas posturas otimistas sobre o futuro da sociedade, já que a ideia segundo a qual o desenvolvimento cognitivo tem alguma influência nas condutas e no comportamento das pessoas esteve sempre na base das propostas de mudança social. Ensinar a pensar bem, a pensar melhor, estava associado geralmente à ideia de formar um ser mais “humano”. As últimas versões deste enfoque provêm de pensadores vinculados ao desenvolvimento de enfoques interdisciplinares que permitam compreender adequadamente a complexidade dos fenômenos. O suposto básico deste enfoque é que as pessoas capazes de compreender a complexidade atuariam de maneira mais responsável e consciente.

Não há como fugir da constatação de que esses instrumentos tecnológicos são um potencial recurso pedagógico para se atingir os objetivos propostos de ensino de Língua Portuguesa, mais propriamente no caso desta pesquisa, da ampliação do léxico. Afastar uma ferramenta que pode ser uma inestimável auxiliadora é querer ficar preso a metodologias obsoletas que já não cabem no mundo dos jovens. A juventude anseia por práticas educativas

mais modernas e atualizadas, e a própria história da educação mostra que às escolas sempre faltaram recursos tecnológicos. Assim Antônio (2010, s.p.) explicita que:

sempre foi muito comum a falta de recursos tecnológicos nas escolas, principalmente nas escolas públicas. Com o telefone celular passamos a ter muitos desses recursos disponíveis não apenas pela escola, mas também pelos alunos! Isso deveria ser comemorado, mesmo que não concordemos que os alunos prefiram ganhar celulares dos seus pais do que enciclopédias, pois com os celulares eles também ganham diversas possibilidades de aprendizagem que antes não tinham porque a própria escola não dispunha desses recursos. Isso é fascinante, não é?

Em se tratando das aulas de Língua Portuguesa, se em todas as atividades se fizesse o uso do celular seria relevante, e mais ainda na ampliação do léxico, uma vez que a diversificação das aulas promoveria um ensino proativo, participativo e efetivo, além de ser interessante para os discentes.

Corroborando com esse ponto de vista Bueno (1999, p. 87) relata que a tecnologia se expressa como:

Um processo contínuo através do qual a humanidade molda, modifica e gera a sua qualidade de vida. Há uma constante necessidade do ser humano de criar, a sua capacidade de interagir com a natureza, produzindo instrumentos desde os mais primitivos até os mais modernos, utilizando-se de um conhecimento científico para aplicar a técnica e modificar, melhorar, aprimorar os produtos oriundos do processo de interação deste com a natureza e com os demais seres humanos.

No contexto educacional, a tecnologia serve ao determinado por Moran (2006, p. 61): “É importante conectar sempre o ensino com a vida do aluno. Chegar ao aluno por todos os caminhos possíveis: pela experiência, pela imagem, pelo som, pela representação (dramatizações, simulações), pela multimídia, pela interação *on-line e off-line*”.

Nem sempre é fácil chegar aos alunos, como indica Moran, mas a escola, ainda que em descompasso, busca alcançá-los. O uso do celular nas aulas é controverso e para alguns professores, só pelo fato de haver proibição do uso do celular no ambiente escolar, para fins não pedagógicos, já é motivo suficiente para que não experimentem usá-lo como ferramenta pedagógica. Ainda mais que há, também, resistência de algumas famílias, que não admitem que o smartphone seja recurso de pesquisa. Vale ressaltar que temos leis estaduais que garantem a nós, professores, o uso do celular nas aulas como instrumento de pesquisas com fins pedagógicos. E além dessa garantia, há também, a recomendação de sua utilização prevista pela BNCC (Base Nacional Comum Curricular), pelos documentos da UNESCO (Organização das

Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura). E, ainda, pela SBP (Sociedade Brasileira de Pediatria), que se preocupa com o uso seguro da internet.

O dia a dia na sala de aula e os recorrentes problemas com o uso do celular nos trouxe a reflexão de que não é mais possível travar uma luta (sem sucesso) na proibição de tal uso. Essa proibição, tomando por base a justificativa de que os alunos se distraem com o celular, não pode continuar sendo empecilho para o uso proativo desse recurso tecnológico. O uso consciente dessa ferramenta possibilitará aulas mais dinâmicas e interessantes, uma vez que ela está afinada com os aprendizes.

A BNCC (Base Nacional Comum Curricular), é o documento que define os conhecimentos, parâmetros, diretrizes essenciais que todos os alunos da Educação Básica, do território nacional brasileiro, devem ter a oportunidade e o direito de aprender. A BNCC está prevista, conforme definido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996) e, portanto, ela deve ser obrigatoriamente observada na elaboração e implementação de currículos das redes públicas e privadas, urbanas e rurais. Sendo assim, como está previsto nesse documento, o uso da tecnologia na escola é uma ferramenta necessária para os que estão almejando a uma sociedade imersa no meio digital. Nesse sentido, fica clara a relevância da exploração desse recurso em favor da ampla formação do aluno e da sua interação com o mundo. Para tal, torna-se relevante a incorporação de novas tecnologias na sala de aula e a urgência em se saber como utilizá-las de maneira mais assertiva. Uma dessas ferramentas tecnológicas, dentre outras possíveis, disponíveis é o celular.

A BNCC apresenta em seu texto dois itens que trazem a tecnologia como ferramenta didático-pedagógica, que potencialmente contribuiram para o desenvolvimento de habilidades humanas. A primeira delas está mostrada no item intitulado “*Competência 4*”, das Competências Gerais da Educação Básica, que é também o item 4 das Competências Específicas de Linguagens para o Ensino Fundamental II, que traz os seguintes dizeres:

Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo. (BRASIL, 2018, p. 9 e p. 65).

Mediante tal afirmação da BNCC, o ensino que utiliza o digital se mostra como uma das diferentes linguagens que necessita ser utilizada de forma associada a outras formas de comunicação, a fim de que se alcancem os objetivos citados na competência.

Além da supracitada competência número 4, dentre as competências específicas de linguagens para o Ensino Fundamental II básico, arroladas na BNCC, ao todo 6 (seis), destacaremos ainda as de números 1 e 6. “*A competência 1 ou primeira competência*” assim nos direciona, dizendo:

“Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais”. (BRASIL, 2018, p. 65).

Para atender a essa orientação proposta pela BNCC, inserir o uso do celular nas aulas de Língua Portuguesa será de grande valia para que o aluno desenvolva o sentimento de pertencimento na sociedade na qual está inserido. Essa inserção promoverá, como todas as linguagens, inclusive a digital, a organização da sociedade, nas perspectivas da construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica preconizadas, já citada acima. Esse é o caminho natural para o qual caminhamos, uma vez que o digital faz parte do nosso cotidiano nas mais variadas situações, doméstica, de trabalho, de lazer, de comércio, entre outros.

Ademais, temos ainda que enfatizar a “*competência 6*”, uma vez que essa nos orienta, diretamente, sobre a necessidade da tecnologia na sala de aula. Percebemos que nessa competência há a preocupação de que os professores, ao ministrarem as aulas de Língua Portuguesa, preocupem-se não só com a leitura e a escrita, mas também com a formação do aluno para os usos da virtualidade, em prol de si e do outro. Entendo que esse uso deverá se dar de modo consciente, uma vez que implicará responsabilidades, dada a sua abrangência e inevitabilidade, nas mais diversas conjunturas. Assim consta na “*competência 6*”:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (BRASIL, 2018, p. 65).

É preciso, para que haja aplicabilidade eficiente das competências previstas na BNCC, estabelecer regras, uma vez que toda proposta de mudanças de paradigmas requer a criação e implementação de comportamentos adequados para um uso eficaz e proveitoso, sem os quais o uso de novas ferramentas se tornaria um estorvo. A liberação dos celulares, em escolas, não pressupõe que os alunos possam usar esses dispositivos ao bel-prazer e em todo e qualquer

momento, e sem supervisão para conversar, trocar mensagens, jogar e interagir em redes sociais. Aos gestores e professores caberá a tarefa de se estabelecer regras, bem como, criar um espaço de reflexão entre os alunos e a comunidade escolar (as famílias devem ser envolvidas, no diálogo, sobre as regras da escola) de como se darão esse do uso do celular, os aplicativos permitidos. A conscientização dos alunos sobre a importância dessa ferramenta para o aprendizado é importante, uma vez que formá-los como usuários da rede de computadores e despertá-los para o uso eficiente da tecnologia, na escola e fora dela, sem prejuízo à formação escolar esperada, é o que se pretende.

Ainda nas Competências Gerais da Educação Básica, temos sinalizado, no item 1, que devemos:

Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. (BRASIL, 2018, p. 9)

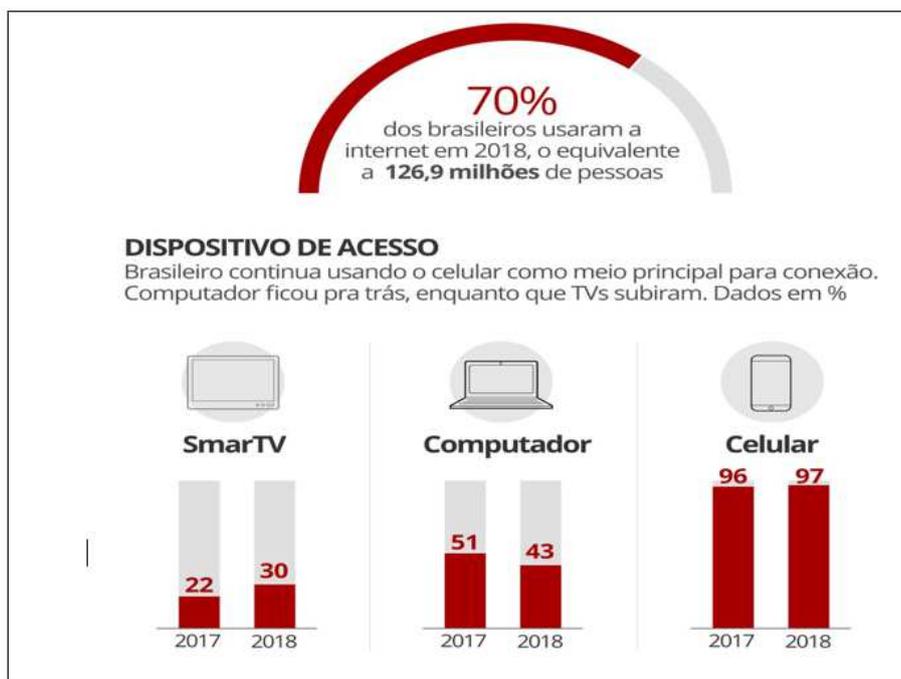
Para a efetivação da referida competência, notamos que a competência linguística, dito assim, a compreensão que perpassa pelo conhecimento e domínio do léxico, é relevante, pois é por meio deste que explicamos o mundo e que nos situamos nele, interagindo em todas as situações vivenciadas. Essa referida competência linguística, de compreensão e interpretação e interação, também se faz necessário para atender a *competência de número 2*:

Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas”. (BRASIL, 2018, p. 9)

De certo modo, todas as competências, gerais ou específicas, previstas pela BNCC, perpassam pela linguagem e conseqüentemente pelo conhecimento do léxico, bem como do uso das tecnologias, como o celular.

Assim sendo, o professor, de hoje e de amanhã, necessita voltar seu olhar para a possibilidade e de certo modo, a necessidade de inserir o celular no ensino como instrumentador de aprendizagem, uma vez que, de acordo com pesquisa publicada por 70% dos brasileiros estão conectados e o celular é o mais usado para se conectar à internet:

QUADRO 1- Infográfico sobre o acesso à internet



Fonte: Foto de Roberta Jaworski/G1.

A condução do processo de ensino-aprendizagem, a partir do uso do celular, faz com que aluno e professor se deparem com informações abundantes na tela. Acessando a internet, na sala de aula e visando ao aprendizado, os dispositivos móveis se abrem em janelas para os mais variados tipos de informações – textos verbais, não verbais e mistos, imagens, videoaulas, testes, jogos, objetos digitais de aprendizagem, museus virtuais e outros, que podem e devem ser explorados por todos. Com todos esses recursos, o celular será, dessa forma, usado para que os alunos se tornem realmente ativos na procura por conhecimento, ao par que esse uso deixa as aulas mais divertidas, interessantes, atuais e dinâmicas, levando à formação de um aluno independente na construção do próprio conhecimento, o qual levará para além dos muros da escola.

Há que se deixar claro que a utilização do celular nas aulas não tem o propósito (e nem deve) de trocar o modo como ocorre a comunicação dos alunos. O digital apresenta-se como mais uma forma de linguagem na escola, e não tem a pretensão de ser uma linguagem exclusiva, uma vez que, também, já se constitui parte da vida dos alunos, das pessoas, fora dos muros escola.

Normalmente, o que acontece na elaboração das aulas pelos professores é a sugestão de vídeo para aluno assistir em casa e depois promove debate em aula, sendo essa a prática mais comum. Com o uso do celular, o professor poderá, ao mesmo tempo em que o vídeo é visto, criar espaços para discussões e ampliar o debate sobre o tema em questão, uma vez que vários

hiperlinks vão surgindo para a turma e relações entre todas poderão ser estabelecidas, ampliando a compreensão do mesmo e tornando o aprendizado mais significativo, pois o aluno o construiu em grupo e não foi simples receptáculo desse conhecimento.

Diante do acima exposto, faz-se necessário elucidar que nem todos os segmentos sociais, nem mesmo todos os profissionais do ensino, compartilham dessas ideias, sendo radicalmente contra o uso do celular como ferramenta de aprendizagem, defendendo sua proibição. Isso se dá, provavelmente, porque percebem que os alunos ainda não estão completamente preparados para usá-lo conscientemente, e desenvolver essa consciência demanda um pouco de tempo.

Silveira, um sociólogo brasileiro, defensor e divulgador do *Software* Livre e da Inclusão Digital no Brasil, um dos grandes implementadores dos Telecentros na América Latina e presidente do Instituto Nacional de Tecnologia da Informação e pesquisador de Comunicação Mediada por Computador e da Teoria da Propriedade dos Bens Imateriais, acerca do assunto, diz que

não tem sentido você proibir que os estudantes tenham acesso a um meio de comunicação que cada vez mais vai adquirir importância na sociedade. Ao contrário, se a gente tem problemas do uso indevido nas escolas, esse é um bom lugar para ensinar como as pessoas devem se portar com o celular (SILVEIRA apud VIANA; BERTOCCHI, 2013, s.p.).

Silveira (apud VIANA; BERTOCCHI, 2013, s.p.) ainda acrescenta:

Se existem algumas coisas ruins, como por exemplo, a pessoa usar o celular para fazer um joguinho em sala de aula ou para fazer ligações, isso requer uma postura da escola em relação aos alunos. Se é impossível ensinar um comportamento de uso de celular a um estudante, o que será possível?

Desse modo, percebemos que a função da escola vai além do uso e não uso do celular; a ela caberá ensinar o uso e suas adequações, a obediência às regras que permeiam todas as relações sociais, inclusas também as do uso do celular, ainda que seja usada a longo prazo. Desafio não muito fácil, mas sabemos que a educação sempre foi desafiada ao longo da história, uma vez que acompanha e compõe essa história. Neste momento histórico, não há como a escola se furtar a esse desafio. Inicia-se então um plano de educação para o bom uso das ferramentas digitais, em destaque aqui o celular nas aulas de Língua Portuguesa para o ensino do léxico dessa língua.

No concernente às leis, temos em MG, a Lei 23.013, que prevê:

Art. 1º É vedada a conversação em telefone celular e o uso de dispositivo sonoro do aparelho em teatros, cinemas, igrejas, salas de aula, bibliotecas e demais espaços destinados ao estudo. § 1º Em salas de aula, bibliotecas e demais espaços destinados ao estudo, é vedado também o uso de outros aparelhos eletrônicos que possam prejudicar a concentração de alunos e professores, salvo em atividades com fins pedagógicos. (DIÁRIO DO LEGISLATIVO-ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DE MINAS GERAIS, 2018, p .2)

Sendo assim, os professores do estado têm a legislação amparando-os, uma vez que é proibido conversar, mas podemos pesquisar, já que a pesquisa não atrapalha o andamento das aulas. E é resguardado o direito de uso para fins pedagógicos.

Por volta da década de 1990, por ter sido privatizado o setor de telefonia, os aparelhos celulares se popularizam, cada dia mais, entre os jovens, com destaque para os adolescentes, que se engajam no uso massivamente. Nesse novo mundo, no qual a tecnologia está presente e faz parte da vida de quase todas as pessoas do planeta, o celular tornou-se para pais e filhos, meio de trabalho, ferramenta de vendas, veículo de comunicação e fonte de entretenimento e informação. No entanto, passadas quase três décadas de uso massivo desse aparelho ainda não superamos as dificuldades que impedem a escola de usá-lo em sala de aula como instrumento pedagógico. Mesmo com essas dificuldades e algumas barreiras, notamos que aos poucos surge uma pequena mudança no modo de encarar essas dificuldades dos profissionais da educação bem como da nossa sociedade como enfatiza Guareschi (2005, p. 33): “Se a sociedade está mudando de forma tão rápida a escola não pode esperar, precisa se destacar, conhecer e explorar as preferências e interesses de sua clientela.” Corroborando essas palavras, podemos afirmar que valorizar a nossa clientela (alunos) é acompanhar suas preferências, que nesse caso, é o uso do celular. Acompanhar as mudanças é dever da escola para que ela se torne presente na vida dos alunos, caso contrário, o aluno frequentará o espaço escolar e não terá em si o sentimento de pertencimento a esse espaço. Espaço esse que deve ser de participação efetiva na construção do conhecimento e do caráter do estudante. E se esse se distancia do espaço escolar a construção do conhecimento ficará ameaçada, no sentido de incompleta, ineficaz.

Alguns caminhos facilitam a aprendizagem. Descobrir esses caminhos é função do educador. A criação de estratégias de ensino que leve a uma aprendizagem significativa é imprescindível. Sobre esses caminhos, Moran, Masetto e Behrens (2013, p. 22-23) explicam:

Podemos extrair ou pessoa, que nos possa ajudar a ampliar o nosso conhecimento, para confirmar o que já sabemos ou rejeitar determinadas opiniões. Um dos grandes desafios para o educador é ajudar a tornar a

informação significativa, escolher as verdadeiramente importantes, a compreendê-las de forma cada vez mais abrangente e profunda. Aprendemos melhor, quando vivenciamos, experimentamos, sentimos, descobrindo novos significados, antes despercebidos. Aprendemos mais, quando estabelecemos pontes entre a reflexão e a ação, entre a experiência e a conceituação, entre a teoria e a prática: quando uma completa a outra. Aprendemos quando equilibramos e integramos o sensorial, o racional, o emocional, o ético, o pessoal e o social. Aprendemos quando interagimos com os outros e o mundo. Aprendemos pelo interesse, pela necessidade. Aprendemos quando percebemos o objetivo, a utilidade de algo, que nos traz vantagens perceptíveis. Aprendemos pela criação de hábitos, pela automatização de processos, pela repetição. Aprendemos mais, quando conseguimos juntar todos os fatores: temos interesse, motivação clara, desenvolvemos hábitos que facilitam o processo de aprendizagem e sentimos prazer no que estudamos. Aprendemos realmente quando conseguimos transformar nossa vida em um processo constante, paciente, confiante e afetuoso de aprendizagem.

Aproveitar e ampliar os conhecimentos prévios são deveres da escola. Nesse sentido, a escola deverá abrir-se às novas tecnologias, assim postula Côrtes (2009, p. 18).

Atualmente, não podemos mais adiar o encontro com as tecnologias; passíveis de aproveitamento didático, uma vez que os alunos voluntários e entusiasmamente imersos nestes recursos – já falam outra língua, pois desenvolveram competências explicitadas para conviver com elas.

Desse modo, o uso didático-pedagógico do celular na sala de aula não é mais uma opção aleatória e irrelevante, mas sim uma ferramenta que a construção de uma sociedade exige. Esse uso didático-pedagógico, dessa ferramenta, de maneira construtiva é um desafio para a escola, atualmente. Nesse sentido, o uso do aparelho celular de maneira construtiva, em sala de aula, perpassa pela adoção do professor de enxergá-lo como ferramenta de ensino-aprendizagem, no contexto escolar. Nessa direção, temos o posicionamento da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura), que se manifesta através do documento, denominado “Diretrizes de Políticas da Unesco para a Aprendizagem Móvel”, ser favorável a essa nova ferramenta de ensino.

A UNESCO recomenda o uso do celular nas aulas, bem como outras tecnologias que se façam disponíveis ao ensino/aprendizagem. Para tanto criou algumas diretrizes para orientar aos governantes sobre esse propósito. Propósito e alcance das diretrizes A UNESCO acredita que as tecnologias móveis podem ampliar e enriquecer oportunidades educacionais para estudantes em diversos ambientes.

Atualmente, um volume crescente de evidências sugere que os aparelhos móveis, presentes em todos os lugares – especialmente telefones celulares e, mais recentemente, tablets – são utilizados por alunos e educadores em todo o mundo para acessar informações, racionalizar e simplificar a administração, além de facilitar a aprendizagem de maneiras novas e inovadoras.

O presente conjunto de diretrizes visa a auxiliar os formuladores de políticas a entender melhor o que é aprendizagem móvel e como seus benefícios, tão particulares, podem ser usados como alavanca para fazer avançar o progresso em direção à Educação para Todos.

Desenvolvidas em consulta com especialistas em mais de 20 países, essas diretrizes têm ampla aplicação e podem se ajustar a um vasto leque de instituições, incluindo pré-escolas, escolas fundamentais e médias, universidades, centros comunitários, e escolas técnicas e vocacionais.

Sugere-se aos formuladores de políticas que adotem as recomendações de políticas da UNESCO, ajustando-as conforme necessário, para refletir as necessidades particulares e as realidades concretas dos contextos locais.

(UNESCO, 2013, p. 7)

Ainda nesse mesmo documento a UNESCO faz a definição de Aprendizagem Móvel e de Tecnologias Móvel.

A aprendizagem móvel envolve o uso de tecnologias móveis, isoladamente ou em combinação com outras tecnologias de informação e comunicação (TIC), a fim de permitir a aprendizagem a qualquer hora e em qualquer lugar. A aprendizagem pode ocorrer de várias formas: as pessoas podem usar aparelhos móveis para acessar recursos educacionais, conectar-se a outras pessoas ou criar conteúdos, dentro ou fora da sala de aula. A aprendizagem móvel também abrange esforços em apoio a metas educacionais amplas, como a administração eficaz de sistemas escolares e a melhor comunicação entre escolas e famílias.

As tecnologias móveis estão em constante evolução: a diversidade de aparelhos atualmente no mercado é imensa, e inclui, em linhas gerais, telefones celulares, tablets, leitores de livros digitais (e-readers), aparelhos portáteis de áudio e consoles manuais de videogames. No futuro, essa lista será diferente. Para evitar o terreno pantanoso da precisão semântica, a UNESCO opta por adotar uma definição ampla de aparelhos móveis, reconhecendo simplesmente que são digitais, facilmente portáteis, de propriedade e controle de um indivíduo e não de uma instituição, com capacidade de acesso à internet e aspectos multimídia, e podem facilitar um grande número de tarefas, particularmente aquelas relacionadas à comunicação. (UNESCO, 2013, p. 8)

Podemos sintetizar as diretrizes, as recomendações e o bons motivos, citados no documento da Unesco, que separam recomendações aos governos e recomendações aos profissionais da educação.

10 recomendações aos governos:

- Criar ou atualizar políticas ligadas ao aprendizado móvel
- Conscientizar sobre sua importância
- Expandir e melhorar opções de conexão
- Ter acesso igualitário
- Garantir equidade de gênero
- Criar e otimizar conteúdo educacional
- Treinar professores

- Capacitar educadores usando tecnologias móveis
 - Promover o uso seguro, saudável e responsável de tecnologias móveis
 - Usar tecnologia para melhorar a comunicação e a gestão educacional
 - **13 motivos para tornar o celular ferramenta pedagógica:**
 - Amplia o alcance e a equidade em educação
 - Melhora a educação em áreas de conflito ou que sofreram desastres naturais
 - Assiste alunos com deficiência
 - Otimiza o tempo na sala de aula
 - Permite que se aprenda em qualquer hora e lugar
 - Constrói novas comunidades de aprendizado
 - Dá suporte à aprendizagem in loco
 - Aproxima o aprendizado formal do informal
 - Provê avaliação e feedback imediatos
 - Facilita o aprendizado personalizado
 - Melhora a aprendizagem contínua
 - Melhora a comunicação
 - Maximiza a relação custo-benefício da educação
- (Guia da UNESCO, 2013)

A UNESCO suscita também algumas recomendações de políticas (UNESCO, 2013, p. 40):

- Promover os usos das tecnologias móveis que fortalecem o sistema.
- Encorajar as escolas e os educadores individuais a se comunicarem, com estudantes e pais, por meio de aparelhos móveis.
- Ampliar o alcance e a efetividade dos sistemas de informação e de gestão educacional, integrando o suporte para as tecnologias móveis.
- Considerar o apoio das tecnologias móveis na coleta de informações educacionais, após um conflito ou um desastre.

Corroborando com o documento supracitado, temos a voz de Moran (2004, p. 246) afirmando que “hoje, com a Internet e a fantástica evolução tecnológica, podemos aprender de muitas formas, em lugares diferentes, de formas diferentes. Mas ainda é a escola a organizadora e certificadora principal do processo de ensino-aprendizagem”.

Refletindo e pressupondo que uma das primordiais funções da escola é formar, por meio desse processo de ensino-aprendizagem, a consciência crítica do indivíduo, entendo que ensinar não é só meramente transmitir conhecimento, e sim possibilitar e facilitar ao aluno a construção do conhecimento. Essa habilidade o tornará capaz de continuar vida afora essa construção, não a interrompendo na egressão da escola, até o fim de seus estudos regulares.

Diante do acima exposto, consideramos que o pensamento de um modelo de educação, com um espaço de construção de conhecimentos que saiba lidar com os meios tecnológicos disponíveis na sociedade, é o de que a sociedade e o cidadão atual necessitam. Esse modelo proposto através das diversas tecnologias, entre elas o celular, traz para o âmbito escolar as

transformações tecnológicas e com isso o professor, com essas novas formas de ensinar, chamará para si a atenção de seus alunos para as informações a serem recebidas e construídas. Caberá ao professor saber fazer um bom uso do celular na sala e utilizar com êxito as possibilidades disponíveis. Reitera esse pensamento as palavras de Rischbieter (2009, p. 56):

A partir das diversas transformações tecnológicas, o professor ganha novas formas de ensinar chamando a atenção de seus alunos para as informações a serem recebidas. Fazendo com que o professor saiba utilizar as possibilidades disponíveis. Dos laptops mais baratos aos telefones que fazem de tudo, surgem instrumentos, cada vez mais ao nosso alcance, que abrem novas perspectivas para a pesquisa, o transporte e consumo de bens culturais, a troca de mensagens e para atividade de autoria de todos os tipos. Resta saber se a escola saberá explorar essas possibilidades.

Para explorar as possibilidades proporcionadas pela internet, Moran (2004, p. 252) destaca que

é fundamental hoje planejar e flexibilizar, no currículo de cada curso, o tempo e as atividades de presença física na sala de aula e o tempo e as aprendizagens conectadas, à distância. Só assim, avançaremos de verdade e poderemos falar de qualidade na educação e de uma nova didática.

O celular já não é mais um mero celular, que usávamos para fazer ligações telefônicas, agora é um smartphone com vários recursos, e esses podem ser explorados para o desenvolvimento cognitivo de maneira positiva. Mesmo adquirindo esses novos recursos, por força do hábito, nominamos de celular esse aparelho. Sendo assim, caberá ao professor alertar aos seus alunos para os riscos que os meios digitais oferecem. Nem tudo no meio virtual, tecnológico, se apresenta como ferramenta positiva de aprendizagem adequada e válida. O uso indiscriminado e sem supervisão, tanto na escola quanto fora dela, desses recursos ofertados pela internet é preocupante, devido à inocência e falta de maturidade dos jovens ao se exporem. Como tudo no mundo, há os usos negativos que ameaçam a integridade moral e até mesmo física dos usuários das redes de internet. Sobre isso, assim nos diz Prensky (2004, p. 1240):

[...] como toda novidade, a internet (para citar apenas um dos meios digitais) ainda é usada sem limitações o que nos traz uma grande preocupação. É certo de que se trata de uma ferramenta que proporciona maravilhas além de auxiliar e potencializar a disseminação do conhecimento, mas devemos estar atentos, precavidos, orientando nossos alunos em como se protegerem das ameaças eletrônicas.

Dessa forma, ao ensinar sobre as regras e usos dos meios tecnológicos, o professor estará contribuindo para a constituição de sujeitos aptos a interagir com o mundo real e virtual, defendendo-se dos riscos e aproveitando-se das múltiplas vantagens de espaços virtuais proporcionados pelo celular.

Inclusive devemos ressaltar que a Sociedade Brasileira de Pediatria se mostra preocupada com as crianças e adolescentes, criando recomendações para orientar pais, escola e os filhos. De acordo com a Sociedade Brasileira de Pediatria, SBP, são necessárias as observações das seguintes recomendações:

Para crianças e adolescentes

- Nas telas do mundo digital tudo é produzido como fantasia e imaginação para distrair ou afastar do mundo real – portanto, não se deixe enganar no mundo virtual;
- A senha é só sua, não compartilhe sua senha com ninguém, ninguém mesmo! Única exceção apenas para seus pais que são responsáveis por você até completar os 18 anos, legalmente.
- Preste atenção para não adicionar qualquer pessoa desconhecida e jamais marque encontros com pessoas estranhas ou conhecidas apenas da Internet e que enviam mensagens solicitando encontros com você!
- Cuidado ao utilizar a webcam, evite a exposição se você estiver sem roupas ou mesmo no seu quarto ou sozinho em qualquer lugar;
- Seja quem você é mesmo, sem criar avatares, heróis ou inimigos que nem existem, ou só existem na sua imaginação. Pode ser engraçado, mas nem sempre é brincadeira! Você pode se machucar à toa, fique sempre alerta aos desafios ou confrontos que podem terminar em problemas sérios, colocando sua vida em risco.
- Seja respeitoso online e trate os outros como gostaria de ser tratado, afinal você merece respeito de todos também. Evite repassar mensagens que possam humilhar, ofender, zombar ou prejudicar a pessoa que recebe este seu recado.
- Crescer e construir o seu corpo precisa de horas de sono e alimentação balanceada e saudável. Se você estiver se sentindo cansado, sonolento, com fome ou sem apetite, ou com dor de cabeça, nas costas, nos olhos ou nos ouvidos, desligue o seu celular ou seu computador, converse com seus pais ou consulte seu médico pediatra.

Para os pais:

- Verificar a classificação indicativa para games, filmes e vídeos e conteúdos recomendados de acordo com a idade e compreensão de seus filhos;
- Estabelecer regras e limites bem claros sobre o tempo de duração em jogos por dia ou no final de semana e sobre a entrada e permanência em salas de bate-papo, redes sociais ou durante jogos de videogames online;
- Discutir francamente qualquer mensagem ofensiva, discriminatória, esquisita, ameaçadora ou amedrontadora, desagradável, obscena, humilhante, confusa, inapropriada ou que contenha imagens ou palavras pornográficas ou violentas;
- Recomendar aos seus filhos que nunca forneçam a senha virtual a quem quer que seja, nem aceitem brindes, prêmios ou presentes oferecidos pela Internet, assim como também jamais ceder a qualquer tipo de chantagem, ameaça ou pressão de colegas ou de qualquer pessoa online;

- Lembrar sempre que você como adulto, pai ou mãe, e, com a convivência diária, se torna um modelo de referência para seus filhos. Portanto dar o primeiro exemplo: limite o seu tempo de trabalho no computador, quando em casa. Desconectar e estar presencialmente com seus filhos. (SBP, 2016, p. 6 - 7)

Essas recomendações demonstram que é preciso que se eduquem as crianças e adolescentes para o seguro da internet. Esse papel deve ser desempenhado por toda as pessoas da sociedade, para que os jovens estejam sempre protegidos.

Quando um professor se mostra disponível a quebrar as barreiras e inserir o celular nas aulas, é esperado que tenha um diálogo aberto com a sua turma sobre essas recomendações citadas. Inclusive, na reunião ordinária com os pais ou responsáveis pelos alunos, seria bom que fossem informados sobre as referidas recomendações do SBP.

É indiscutível a importância dos meios tecnológicos em todos os setores da vida social; por isso a importância de se reconhecer o papel inestimável que a educação tem no desenvolvimento dos indivíduos e da sociedade. O domínio das tecnologias na sociedade moderna é uma exigência para o real pertencimento dessa sociedade. Nesse sentido, Imbernón (2000, p. 80) afirma que:

Um meio social baseado na informação e nas comunicações; a tendência a que tudo seja planejado; uma situação de crise em relação ao que se deve aprender e/ou ensinar em um mundo onde imperam a incerteza e a mudança vertiginosa; o novo papel do educador como gestor e mediador de aprendizagem.

A tendência atual é que cada vez mais o aluno se torne independente na construção do conhecimento. Desse modo, o papel do professor é o de facilitar o aprender a aprender, proporcionando as ferramentas necessárias a essa independência. A tecnologia digital com os recursos da telecomunicação deu início à internet. Esse fato permitiu que o acesso à educação pudesse ser facilitado e ampliado, permitindo, assim, o acesso a mesma. Esse novo contexto permite novas formas de inter-relações (professor-aluno, aluno-aluno, aluno-sociedade). Nesse sentido, Almeida (2003, p. 329) afirma:

A integração entre a tecnologia digital com os recursos da telecomunicação, que originou a internet, evidenciou possibilidades de ampliar o acesso à educação, embora esse uso não implique práticas mais inovadoras e não represente mudanças nas concepções de conhecimento, ensino e aprendizagem ou nos papéis do aluno e do professor. No entanto, o fato de mudar o meio em que a educação e a comunicação entre alunos e professores se realizam traz mudanças ao ensino e à aprendizagem que precisam ser

compreendidas ao tempo em que se analisam as potencialidades e limitações das tecnologias e linguagens empregadas para a mediação pedagógica e a aprendizagem dos alunos.

Também nessa direção apontam Moran, Masetto e Behrens (2000, p. 1- 2):

As mudanças na educação dependem, em primeiro lugar de termos educadores maduros, intelectuais e emocionalmente curiosos, que saibam motivar e dialogar. O educador autêntico é humilde e confiante, mostra o que sabe, porém está sempre atento ao novo, ensina aprendendo a valorizar a diferença, a improvisar. Aprender por sua vez, é passar da incerteza a uma certeza provisória, pois dará lugar as novas descobertas, não há estagnação no sistema de aprendizagem e descobertas. O novo deve ser questionado, indagado e não aceito sem análise prévia. Por isso é importante termos educadores/ pais, com amadurecimento intelectual, emocional, ético que facilite todo o processo de aprendizagem. As mudanças na educação dependem também de administradores, diretores e coordenadores que atendam todos os níveis do processo educativo. Os alunos também fazem parte da mudança. Alunos curiosos e motivados, ajudam o professor a educar, pois tornam-se interlocutores e parceiros do professor, visando a um ambiente culturalmente rico.

Alguns profissionais da educação se negam a usar o celular em suas aulas porque julgam que o smartphone dispersa os alunos e o desempenho escolar diminui seu rendimento. Essa insegurança só vai se dissipar por completo assim que os demais professores forem implementando o uso do celular nas aulas e ficar notório que o aproveitamento escolar não ficou abaixo das expectativas previstas. Outro motivo de não ser usado é que nem todas as escolas, ou ainda a maioria das escolas públicas, não disponibilizam dados de internet para os alunos. Esse é um fator, encontrado, que dificulta. Um meio de superar esse fator é trabalhar em grupos e com dados móveis dos próprios alunos, pois sempre há na turma os que dispõem de dados. Logicamente, isso tem que ser negociado com a turma e com os pais.

Desenvolvemos, neste trabalho, um BLOG para divulgação e como espaço de discussão das atividades desenvolvidas. Esse gênero está em crescimento, o que podemos dizer tratar-se de um gênero emergente. Assim, esse gênero tem muito potencial a ser explorado como fonte de informações e de acesso às pesquisas de natureza diversa. Decorre desse fato a relevância de se valer do BLOG em aulas de Língua Portuguesa. Esse gênero poderá possibilitar a formação de um sujeito/leitor mais crítico, dadas as suas particularidades. Uma das particularidades a ser destacada é a capacidade do desenvolvimento da expressão das próprias ideias e a valorização das mesmas. Nessa direção assim Gutierrez (apud MORAN; MASETTO; BEHRENS, 2013, p. 42) se posiciona:

A possibilidade de os alunos se expressarem, de tornarem suas ideias e pesquisas visíveis, confere uma dimensão mais significativa aos trabalhos e às pesquisas acadêmicos. Os weBLOGs abrem espaço para a consolidação de novos papéis para alunos e professores no processo ensino-aprendizagem, com uma atuação menos diretiva destes e mais alunos de todos.

Ainda sobre o assunto, Gutierrez (apud MORAN; MASETTO; BEHRENS, 2013, p. 42) lembra que “os blogs registram a concepção do projeto e os detalhes de todas as suas fases, o que incentiva e facilita os trabalhos interdisciplinares e transdisciplinares”.

Aliando e valorizando o trabalho com os vários gêneros textuais, incluindo o BLOG, está a iniciação do uso das tecnologias como práticas pedagógicas possíveis. O espaço cibernético vem adquirindo cada vez mais relevância no cenário escolar/educacional. Essas ferramentas pedagógicas vêm se tornando grandes parceiras para o ensino, o que possibilita aos educadores a criação e o desenvolvimento de projetos pedagógicos com vistas à dinamização da aprendizagem na sala de aula em todas as disciplinas, e especialmente nas aulas de Língua Portuguesa.

Por meio dos celulares com acesso à Internet, é possível que o aluno, com o suporte e supervisão metodológica do professor, torne o processo de aprendizagem mais dinâmico e proveitoso, mas o mais relevante é o conhecimento que ficará após o aluno vivenciar e experimentar as diversas situações de aprendizagem, construindo o próprio conhecimento. Ao fazer uso dos recursos tecnológicos na sala de aula, a escola estará propiciando ao aluno a oportunidade de se tornar independente e autônomo na construção do conhecimento.

Nesse prisma, é primordial para a construção do conhecimento a utilização de recursos tecnológicos, e reconhecer que esse uso possibilita ao aluno a oportunidade de ensinar e de aprender. Também é relevante que os alunos possam interagir entre si, ampliando o conhecimento global.

Para que haja uma interação entre os alunos, destacamos o BLOG, uma vez que ele permite a reflexão e o compartilhamento de informações, como também possibilita situações de comunicação. Dessa maneira, a presença do ensino utilizando a Internet, caso específico do BLOG, poderá modificar a relação entre professor e alunos, em que o professor detém o saber e o aluno o recebe como um depositário de conhecimento. Nessa perspectiva, o foco é a construção do conhecimento e o professor é o mediador dessa construção.

Fica cada dia mais claro que é possível aprender tanto fora da escola quanto dentro dela. A reflexão e a discussão sobre o uso das novas tecnologias em sala de aula apontam para que o modo de fazer e os recursos utilizados para o ensino dos conteúdos tendem a tornar-se mais interessantes e significativos. Assim o educador apropria-se melhor de sua função de inspirador

da aprendizagem. Além disso, esse modelo de aprendizagem, baseado na construção do conhecimento, amplia-se, estende-se para fora dos muros da escola. E a Internet, utilizando-se de BLOG educativo como ferramenta, poderá contribuir para que o trabalho pedagógico de leitura e escrita, dos gêneros textuais, especialmente do BLOG, sejam produtos que coexistam na modalidade virtual e na modalidade impresso. Reafirma-se o acima exposto, nas considerações de Moran, Masetto e Behrens (2013, p. 71):

Ensinar com as novas mídias será uma revolução se mudarmos simultaneamente os paradigmas convencionais da educação escolar, que mantêm distantes professores e alunos. Caso contrário, só conseguiremos dar-lhe verniz de modernidade, sem mexer no essencial. A internet e as tecnologias digitais móveis trazem desafios fascinantes, ampliando as possibilidades e os problemas, num mundo cada vez mais complexo e interconectado, que sinaliza mudanças muito profundas na forma de ensinar e aprender, formal e informalmente, ao longo de uma vida cada vez mais longa.

Ainda sobre essa temática nos mostram os autores Moran, Masetto e Behrens (2002, p. 13):

Educar é transformar a vida em processos permanentes de aprendizagem. É ajudar os alunos na construção de sua identidade, do seu caminho pessoal e profissional, mostrar um projeto de vida que lhes permitam encontrar seus espaços pessoais, tanto no social como no profissional, com o objetivo de torná-los cidadãos realizados e produtivos. Ensinar é um processo social de cada cultura com suas normas, tradições e leis, mas não deixa de ser pessoal, pois cada um desenvolve seu estilo, aprendem e ensinam. O aluno precisa querer aprender e para isso, precisa de maturidade, motivação e de competência adquirida.

Para que o jovem se sinta partícipe do processo de construção da própria aprendizagem, de sua identidade, da sua trajetória escolar e pessoal, realizando-se profissionalmente, é necessário que a escola o prepare para isso, levando em conta sua cultura, e o seu tempo-espaço de estar no mundo. Desse modo, imaginamos que desenvolver, em sala de aula, a elaboração de GIFs e de um BLOG, atenderia, ainda que parcialmente, a essa construção, uma vez que fazem parte da convivência diária desses alunos.

1.1 BLOG e GIFs

Para melhor compreensão da escolha do produto final dessa pesquisa, faz-se necessário voltarmos a atenção para o que são **BLOG e GIFs**.

1.1.1 BLOG

A definição do termo BLOG, encontrada na realização deste trabalho de pesquisa, em site da internet, diz que:

Blog é uma palavra que resulta da simplificação do termo **weblog**. Este, por sua vez, é resultante da justaposição das palavras da língua inglesa *web* e *log*. *Web* aparecem aqui com o significado de rede (da internet) enquanto que *log* é utilizado para designar o registro de atividade ou desempenho regular de algo. Numa tradução livre podemos definir BLOG como um "**diário online**".

blogs são páginas da internet onde regularmente são publicados diversos conteúdos, como textos, imagens, músicas ou vídeos, tanto podendo ser dedicados a um assunto específico como ser de âmbito bastante geral. Podem ser mantidos por uma ou várias pessoas e têm normalmente espaço para comentários dos seus leitores. Blogueiro é o nome dado a quem publica num blog e blogosfera é o conjunto de blogs.

<https://www.significados.com.br/BLOG/>). Acesso em: 22 jun 2019

Comum nas redes sociais e acessível a todos, os blogs tratam dos mais variados assuntos e temáticas. Por essa característica, atrelá-los ao ensino das EIs pareceu-nos eficiente, por fazer parte do mundo dos alunos. Como é possível a publicação de imagens (fotos, desenhos, animações) e som (músicas), entre outros, pareceu-nos, para esta pesquisa, ser bem conveniente. Assim explicita Komesu (2005, p.121):

A ferramenta permite, ainda, a convivência de múltiplas semioses, exemplo de textos escritos, de imagens (fotos, desenhos, animações) e de som (músicas, principalmente). Atualmente, a maior parte dos provedores não cobra taxa para a hospedagem de um blog.

É uma ferramenta que permite a publicação e atualização diária, o que o torna mais interessante e propício, nesse caso. É um recurso que permite a utilização sem requerer conhecimentos especializados, portanto acessível à maioria das pessoas, sendo assim, fácil de atualizar. Por ter essas características, essa ferramenta tem a vantagem de ficar com o perfil de quem o produz, sendo assim aberto a infinitas possibilidades, atendendo às especificidades individuais. A internet trouxe um novo jeito de estar no mundo e de lidar com este. Nesse sentido, (Rojo, 2015 p. 116) indica que “Surgem novas formas de ser, de se comportar, de discursar, de se relacionar, de se informar, de aprender. Novos tempos, novas tecnologias, novos textos, novas linguagens”.

A definição de Gêneros discursivos/textuais segundo o pensamento de Marcuschi (2002, p. 19) é:

Usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica.

Ainda observando os estudos de Marcuschi (2004, p.15), temos que “fato incontestado é que a Internet e todos os gêneros a ela ligados são eventos textuais fundamentalmente baseados na escrita”. Acompanhando as colocações desse estudioso, o BLOG pode ser considerado um gênero emergente, visto que segue o caminho para se afirmar enquanto gênero textual. Notamos que os gêneros textuais, em vigência, vão sendo atualizados mediante as necessidades que a sociedade suscita enquanto se modifica. Assim, uns gêneros textuais tornam-se obsoletos e outros emergem. Os gêneros textuais contribuem para “ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia”, uma vez que, “são entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa.” (MARCUSCHI, 2007, p. 19). A era da tecnologia nos trouxe uma nova gama de gêneros textuais novos. Elas são, segundo Marcuschi (2007, p. 20)

formas discursivas novas, tais como editoriais, artigos de fundo, notícias, telefonemas, telegramas, telemensagens, teleconferências, videoconferências, reportagens ao vivo, cartas eletrônicas (e-mails), bate-papos virtuais (chats), aulas virtuais (aulas chats) e assim por diante.

Nesse sentido, consideramos que utilizar o blog em sala de aula, atende às necessidades sócio-discursivas, uma vez que tem que o blog é do contexto das atividades comunicativas dos alunos, nessa era digital, na qual estamos inseridos.

1.1.2 GIFs

De acordo com Nascimento Junior (2017, p. 3)

O GIF (*Graphics Interchange Format*) é uma série de imagens salvas como um único arquivo. Essas imagens são então exibidas em sequência, como uma história em quadrinhos onde cada quadro é mostrado separadamente dentro de um específico intervalo de tempo, formando uma espécie de animação em vídeo. Esse tipo de apresentação de imagens, diferentemente dos vídeos, possibilita que todas as etapas de um determinado processo possam ser vistas e revistas sem que o usuário precise recarregá-la ou reiniciá-la.

Ainda de acordo com Nascimento Junior (2017, apud MIGLIOLI; BARROS, 2013) os GIFs foram introduzidos no ano de 1987 e logo difundiram-se por causa dos baixos requisitos de computação, pela alta portabilidade e por serem compatíveis com diversos navegadores.

Os GIFs trazem consigo características atraentes para o público em geral, mais especificamente para os jovens, uma vez que são divertidos, dinâmicos e engajadores. Por isso, esse formato logo se popularizou e obteve aderência dos internautas. Hoje, já é usado, como *marketing* em várias empresas, por sua capacidade de captar atenção, ser rápido e jocoso.

Ainda de acordo com Nascimento Junior (2017, apud MIGLIOLI; BARROS, 2013, p. 3):

Outra vantagem dos GIFs é que a maioria deles não apresenta legendas e nem textos autoexplicativos, permitindo uma maior flexibilidade para que o professor construa o conhecimento com os alunos através de problematizações feitas a partir deles.

Incentivar os alunos a produzirem GIFs, a partir das EIs tem a pretensão de possibilitar o pensamento crítico, tanto na produção dos próprios GIFs, quanto na interpretação dos GIFs recebidos no dia a dia.

Pelas características inerentes ao blog e aos GIFs é que se deu a escolha destes como produto final do trabalho.

Esperamos que as escolhas, de blog e GIFs, possam de algum modo contemplar o pensamento de Moran (1997, p. 146), quando ela revela que o uso da Internet na educação é fator de democratização:

A distância hoje não é principalmente a geográfica, mas a econômica (ricos e pobres), a cultural (acesso efetivo pela educação continuada), a ideológica (diferentes formas de pensar e sentir) e a tecnológica (acesso e domínio ou não das tecnologias de comunicação). Uma das expressões claras de democratização digital se manifesta na possibilidade de acesso à Internet e em dominar o instrumental teórico para explorar todas as suas potencialidades.

Como elucidado, educar é motivo de transformação, e aprender é ato motivado e aquisição de competência. Para ampliação dessa aprendizagem, passaremos, em seguida, a discorrer sobre variação e mudança linguística: o léxico, no próximo capítulo.

2 VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA: O LÉXICO

2.1 Aspectos lexicais da língua

Como elucida Martins (2002, p. 1), “a Lexicologia é a ciência que trata do léxico da língua”. Compõem essa ciência a Lexicologia e a Lexicografia, que diferem uma da outra pelos princípios teórico-metodológicos, dentre outros. De acordo com Barbosa (1990, p. 152), “Lexicologia e Lexicografia configuram duas atitudes, duas posturas e dois métodos, em face do léxico”. Sendo assim, a Lexicologia é uma vertente da Linguística que lida com o estudo científico do léxico. Enquanto a Lexicografia se dedica à sistematização de dicionários, a Lexicologia, que é o foco deste trabalho, atém-se à dedicação das palavras de uma língua, de maneira diacrônica e sincrônica. Barbosa sustenta que a “Lexicologia estuda o universo de todas as palavras, vistas em sua estruturação, funcionamento e mudança” (1990, p. 157). Desse modo, a Lexicologia tem como característica primordial a elaboração de teorias, objetivando a descrição e análise do léxico, bem como atentarmos para os movimentos de mudança lexical.

As palavras são os elementos constitutivos de uma língua e relevantes para a efetivação da comunicação e construção das relações sociais. Elas referenciam o mundo que nos cerca, possibilitando a expressão dos nossos pensamentos. Elas são mecanismos de representação e organização da estrutura social e refletem os valores da sociedade. Refletem ainda as relações humanas, que estão sempre em transformação, bem como tentam representar o mundo real e abstrato, por meio de expressões que variam no tempo e no espaço para melhor caracterizá-lo. Nesse sentido podemos dizer que a palavra é a unidade básica de interação entre as pessoas, uma unidade de significação do discurso humano, sendo imprescindível para expressar o pensamento. A palavra é variável de uma língua para outra, logo, desse modo, cada comunidade linguística tem seu léxico. Assim temos como definição que o léxico é o “repertório de palavras existentes numa determinada língua.” (HOUAISS, 2010, p. 477). Assim define o léxico, Fuchs (2013, p. 11051):

O léxico de uma língua equivale a um inventário de itens linguísticos com que expressamos categorias e subcategorias cognitivas. As palavras de uma língua remetem ao conhecimento que o homem constrói em sociedade, por meio de experiências que vivencia com grupos e culturas das quais participa. O léxico pode ser representado como uma memória dinâmica, em constante movimento, que se reformula passo a passo, refletindo a inexorável instabilidade e variabilidade dos falantes e do mundo em que vivem.

A estudiosa Biderman (1999, apud CUMPRI, 2012, p. 66), expõe que “o léxico nomeia e refere à realidade. Assim sendo, o léxico é o instrumento de representação da organização do mundo sensorial do homem e possui valor não absoluto. Sendo assim, ele é relativo.” Desse modo, a vida, ações e pensamentos do homem se materializam por meio do léxico, que busca traduzir essas impressões referentes ao homem e sua relação com a realidade. Biderman (1999, apud CUMPRI, 2012, p. 42) ainda reitera que o léxico é: “A unidade operacional básica. A unidade significativa de articulação do discurso humano. A entidade psicolinguística primordial”. Podemos divisar, segundo Antunes (2007, p. 42) “as marcas das visões de mundo que os falantes alimentam, ou traços que indicam seus ângulos de percepção das coisas”.

O usuário da comunidade linguística vai adequando às suas necessidades o patrimônio linguístico, por vezes emprestando e buscando emprestados palavras para atender à prática comunicativa, criando, assim, novos usos e sentidos para essas palavras. Nessa direção, explica Biderman (1978, p. 139):

Embora o Léxico seja patrimônio da comunidade linguística, na prática, são os usuários da língua - os falantes - aqueles que criam e conservam o vocabulário dessa língua. Ao atribuírem conotações particulares aos lexemas, nos usos do discurso, os indivíduos podem agir sobre a estrutura do Léxico, alterando as áreas de significação das palavras. É por isso que podemos afirmar que o indivíduo gera a Semântica da sua língua (...).

Ainda de acordo com Biderman (1999, apud CUMPRI, 2012, p. 66), atualmente a palavra é tida como a unidade operacional básica do léxico e, assim, é a unidade significativa de articulação do discurso humano e a entidade psicolinguística primordial. Ele acrescenta que:

Tais definições contribuem para um conceito de palavra ao mesmo tempo opaco e relativo; opaco por ela estar na fronteira entre o linguístico e o extralinguístico; e relativo por variar de língua para língua. Assim, a definição e a classificação do léxico de uma determinada comunidade linguística é uma tarefa que está longe de ser fácil e rápida. Além de o léxico ser a forma de registrar o conhecimento do universo, também é um sistema aberto que engloba o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história, que constitui um tesouro cultural abstrato (BIDERMAN, 1999 apud CUMPRI, 2012, p. 42).

Desse modo, podemos perceber que as comunidades linguísticas encontram suas próprias formas de fazer o registro de suas descobertas e percepções acerca do mundo que as envolvem, e cada uma com suas particularidades, sendo, por isso, imprescindível para perpetuar a cultura dessa comunidade. Podemos ainda considerar que essa relatividade se apresenta também, dentro dessa comunidade linguística, diacronicamente, uma vez que palavras e

expressões vão assumindo novas significações à medida que o tempo passa, bem como novas palavras para um só significado, como nos diz, poeticamente, Carlos Drummond de Andrade (1970, p. 86), em sua crônica “*Antigamente*”, da qual deixo aqui um fragmento:

I

Antigamente, as moças chamavam-se mademoiselles e eram todas mimosas e muito prendadas. Não fazia anos: completavam primaveras, em geral, dezoito. Os janotas, mesmo não sendo rapagões, faziam-lhes pé-de-alferes, arrastando a asa, mas ficavam longos meses debaixo do balaio. E, se levavam tábua, o remédio era tirar o cavalo da chuva e ir pregar em outra freguesia. As pessoas, quando corriam, antigamente, era para tirar o pai da força, e não caíam de cavalo magro. Algumas jogavam verde para colher maduro e sabiam com quantos paus se faz uma canoa. O que não impedia que, nesse entrementes, esse ou aquele embarcasse em canoa furada. Encontravam alguém que lhes passava a manta e azulava às de vila-diogo. Os mais idosos depois da janta, faziam o quilo, saindo para tomar a fresca; e também tomavam cautela de não apanhar sereno. Os mais jovens, esses iam ao animatógrafo, e mais tarde ao cinematógrafo, chupando balas de alteia. Ou sonhavam em andar de aeroplano; os quais, de pouco siso, se metiam em camisa de onze varas, e até em calças pardas; não admira que dessem com os burros n’água.

II

Antigamente, os pirralhos dobravam a língua diante dos pais, e se um se esquecia de arear os dentes antes de cair nos braços de Morfeu, era capaz de entrar no couro. Não devia também se esquecer de lavar os pés sem tugar nem mugir. Nada de bater na corcunda do padrinho, nem de debicar os mais velhos, pois levava tunda. Ainda cedinho, aguava as plantas, ia ao corte e logo voltava aos penates. Não ficava mangando na rua nem escapulia do mestre, mesmo que não entendesse patavina da instrução moral e cívica. O verdadeiro smart calçava botina de botões para comparecer todo liró ao copo d’água, se bem que no convescote apenas lambiscasse, para evitar flatos. Os bilontras é que eram um precipício, jogando com pau de dois bicos, pelo que carecia muita cautela e caldo de galinha. O melhor era pôr as barbas de molho diante de um treteiro de topete; depois de fintar e de engambelar os coiós, e antes que se pusesse tudo em pratos limpos, ele abria o arco. O diacho eram os filhos da Candinha: que somava a candongas acabava na rua da amargura, lá encontrando, encafifada, muita gente na embira, que não tinha nem para matar o bicho; por exemplo, o mão-de-defunto.

Bom era ter costas quentes, dar as cartas com a faca e o queijo na mão; melhor ainda, ter uma caixinha de pós de pirlimpimpim, pois isso evitava de levar a lata, ficar na pindaíba ou espichar a canela antes que Deus fosse servido. Qualquer um acabava enjerizado se lhe chegavam a urtiga no nariz, ou se o faziam de gato-sapato. Mas que regalo, receber de graça, no dia-de-reis, um capado! Ganhar vidro de cheiro marca Barbante, isso não: a mocinha dava o cavaco. Às vezes, sem tirte nem guarte, aparecia um doutor pomada, todo cheio de nove horas; ia-se ver, debaixo de tanta farofa era um doutor mula ruça, um pé rapado, que espiga! E a moçoila, que começava a nutrir xodó por ele, que estava mesmo de rabicho, caía das nuvens. Quem queria lá fazer papel pança? Daí se perder as estribeiras por uma tutameia, um alcaide que o caixeiro nos impingia, dando de pinga um cascão de goiabada.

Em compensação, viver não era sangria desatada, e até o Chico vir de baixo vosmecê podia provar uma abrideira que era o suco, ficando na chuva mesmo com bom tempo. Não sendo pexote, e soltando arame, que vida supimpa a do

Degas! Macacos me mordam se estou pregando peta. E os tipos que havia: o pau-para-toda-obra, o vira-casaca (este cuspiu no prato em que comera), o testa-de-ferro, o sabe-com-quem-está-falando, o sangue-de-barata, o dr. Fiado que morreu ontem, o Zé-povinho, o biltre, o peralvilho, o salta-pocinhas, o alferes, a polaca, o passador de nota falsa, o mequetrefe, o safardana, o maria-vai-com-as-outras... Depois de mil peripécias, assim ou assado, todo mundo acabava mesmo batendo com o rabo na cerca, ou simplesmente a bota, sem saber como descalçá-la. Mas até aí morreu o Neves, e não foi no dia de São Nunca de tarde: foi vítima de pertinaz enfermidade que zombou de todos os recursos da ciência, e acreditam que a família nem sequer botou fumo no chapéu?

A partir dessa citação, podemos assegurar que a linguagem não é um elemento fixo e imutável e que o léxico de uma comunidade acompanha o desenvolvimento e as necessidades comunicativas de cada tempo, refletindo as mudanças desse meio e se transformando através dos tempos e podendo até mesmo mudar, dentro de um mesmo espaço de tempo, se assim pedirem as circunstâncias sociais desse momento.

Da necessidade de nomear o mundo que a cerca, a comunidade linguística vai criando o seu léxico, de modo a representar esse mundo. Assim surgem das experimentações comunicativas as palavras que nomearam o mundo, possibilitando a interação entre os membros desse grupo, solidificando sua cultura.

Mais uma vez nos valem do pensamento de Cumpri (2012, p. 42) em que reafirma o acima exposto:

O homem, ao categorizar e nomear os seres e os objetos que o cercam, à medida que conhece e estrutura o universo do qual é parte integrante e determinante, gera o léxico das línguas naturais que se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência cristalizada em signos linguísticos. Como resultado desse processo, estabelece-se o dicionário de uma língua, essa espécie de depositário do acervo lexical e do patrimônio cultural de um povo que tanto registra, quanto define e descreve os signos lexicais frutos da cultura dos falantes dessa língua.

Para o desenvolvimento da fala, da leitura e da escrita, o estudo do léxico é primordial. O desenvolvimento dessas competências é imprescindível para que haja uma boa formação, uma preparação adequada para a vida em sociedade, com plena capacidade profissional. Destarte, atentarmos para o ensino do léxico é conscientizar sobre a relevância da compreensão da “palavra”. Tomar essa consciência é saber que o uso dessa reflete a intenção do falante, e que essa intenção deverá ser clara o suficiente para que possibilite a interação, ou seja, a compreensão da intenção. Desse modo é importante que se dê atenção à relevância do estudo

do léxico para a formação sociocultural do cidadão. Nesse sentido, Xatara (2001, p. 49-50) esclarece:

Acreditamos que ensinar o léxico não significa ensinar listagens e mais listagens de palavras, ou mesmo organizar essas listagens em paradigmas. Vai além disso. Objetiva evidenciar as relações, intrínsecas e extrínsecas, entre as palavras. Estamos falando de antônimos, sinônimos, parassinônimos, homônimos, parônimos; estamos falando de campos semânticos, de graus de equivalência, de redes de significações, etc. Tudo em prol de uma armazenagem lexical que torne o indivíduo competitivamente competente. Em determinados setores profissionais, jornalismo, política, tradução, magistério, administração, economia e muitos outros, não basta, na procura de uma estabilidade satisfatória, ter uma competência suficiente. É preciso despontar como um usuário do léxico altamente preparado e capacitado, o que certamente se complica quando está em questão o domínio em mais de uma língua, multiplicando essas relações sob forte pressão das semelhanças e dessemelhanças culturais.

Barbosa (1992, p. 1), afirma que “o léxico representa, por certo, o espaço privilegiado desse processo de produção, acumulação, transformação e diferenciação desses sistemas de valores”. Desse modo a escola é fundamental nesse processo de aprendizagem do léxico, visto que a vida do aluno, em todas as instâncias, perpassa e é perpassada pelo léxico. Sua vida profissional e social é indissociável do léxico, que assim deverá ser o mais amplo possível.

Devemos considerar que o desenvolvimento da competência lexical auxilia no desenvolvimento e ampliação da competência comunicativa. Desse modo, o ensino do léxico é fundamental, pois propicia o aprofundamento, inserção do falante/aluno no mundo da oralidade, da escrita e da leitura e amplia sua capacidade de participação social e do exercício da cidadania.

Pensar no desempenho do falante, no contexto social, é responsabilidade da escola, e o contexto atual exige uma formação, na qual se incluem os recursos da internet, e a escola pode fazer uso desses recursos, como ferramenta de ensino-aprendizagem. Nesse sentido escreve Parreira (2016, p. 62):

Acreditamos que o ensino de línguas (materna e estrangeiras) deve se adequar às necessidades da sociedade atual, que passa por grandes transformações, na qual as informações são veiculadas de forma imediata (às vezes simultânea) pelo uso popularizado e quase que hegemônico dos recursos da Internet.

Podemos considerar que a língua é um objeto cultural, não estático e dependente do contexto sociocultural, do qual o léxico é espelhado. Assim teríamos a “lexicultura”, ou seja,

usos de palavras e expressões de uma comunidade de falantes que refletem a cultura dessa comunidade. Nessa direção nos diz Galisson (2000, p. 52 apud Parreira, 2016, p. 65 - 66):

A pragmática lexicultural é uma disciplina de intervenção que reivindica as mesmas escolhas epistemológicas e ideológicas que a didatologia. A lexicultura, seu objeto de estudo, é a cultura depositada nas e sob certas palavras, ditas culturais, as quais convém recuperar, explicitar e interpretar.

Ainda falando sobre essa temática Abbade (2011, p. 1332) indica que:

Língua e cultura são indissociáveis. A língua de um povo é um de seus mais fortes retratos culturais. Essa língua é organizada por palavras que se organizam em frases para formar o discurso. Cada palavra selecionada nesse processo acusa as características sociais, econômicas, etárias, culturais... de quem a profere. Partindo dessa premissa, estudar o léxico de uma língua é abrir possibilidades de conhecer a história social do povo que a utiliza.

Podemos dizer que uma das riquezas de uma nação é o léxico, uma vez que essa leva consigo os costumes e tradições, enfim, a cultura dessa nação. Historicamente o homem demonstra a necessidade de identificar os seres, coisas, objetos. Os estudos do léxico evidenciam que ele está sempre atrelado à cultura da nação à qual pertence. Notamos também que, assim como a sociedade, o léxico está em processo mutacional e crescente. Oliveira (2014) nessa direção aponta que:

O estudo do léxico vem se intensificando em vários pontos de seu funcionamento. No campo lexical, o estudioso de limita os campos e determina alguns critérios de identificação. Vale ressaltar que o léxico é o lugar de estocagem do significado e do significante da linguagem humana, e o campo lexical pode ser considerado uma representação dessa estocagem.

É papel da escola preparar o aluno para o mundo, e como estamos sempre em processo de mudanças, devemos voltar nossa atenção para elas, ainda mais na era globalizada e de comunicação de massa, na qual estamos inseridos, hoje. Nesse sentido Biderman (2001, p. 13) explica que:

No mundo contemporâneo sobre tudo, está ocorrendo um crescimento geométrico do léxico português e das línguas modernas de modo geral, em virtude do gigantesco progresso técnico e científico, da rapidez das mudanças sociais provocadas pela frequência e intensidade das comunicações e da progressiva interação das culturas e dos povos, bem como da atuação dos meios de comunicação de massa e das telecomunicações.

Assim, o professor, como membro de uma comunidade da qual faz parte, muda e é mudado pela língua e pela cultura. Desse modo, as mudanças esperadas na escola e pela escola perpassam pela função do professor, o disseminador dessa cultura através da língua e dos estudos concernentes a essa língua. Trabalhar as EIs por meio do celular é uma das maneiras de se ampliar o estudo e o conhecimento do léxico.

Para o estudo do léxico é importante que atentemos para o entendimento do que são as lexias, uma vez que são constitutivos lexicais.

2.2 Lexias simples, lexias compostas e/ou lexias complexas

O léxico de uma língua não é estável, nem tampouco estático. Há, sempre houve e haverá sempre, um movimento dos constitutivos lexicais: as lexias; de modo a adequá-las às situações novas. Para prosseguirmos com essas explicações, faz-se necessário abrir um espaço para definir o que o vem a ser o termo “lexias”⁶. O linguista francês Bernard Pottier foi o estudioso a cunhar o termo lexias. Para Pottier, Audubert e Pais (1972, p. 26-27), a lexia:

É a unidade lexical memorizada. O locutor, quando diz: “quebrar o galho”, “Nossa Senhora”, “pelo amor de Deus”, “bater as botas”, “barra-limpa”, “nota promissória”, não constrói essa combinação no momento em que fala, mas tira o conjunto de sua “memória lexical”, da mesma forma que “banco”, “livro” ...Assim, “pé de cabra” pode ser uma lexia, no sentido de ferramenta, ou o resultado de uma estrutura sintática de discurso, se se tratar do pé do animal. Sente-se que “dar a mão” pode ser uma lexia (=ajudar), que “fazer água” (navio) é uma lexia e “fazer vinho” deve o seu significado a uma construção sintática “fabricar vinho”.

Posteriormente, tratando do mesmo assunto, as lexias, Pottier (1972, p. 27), enfatiza que:

Lexias são elementos lexicais ou lexemas — unidades funcionais significativas de comportamento linguístico que se opõem ao morfema e à palavra e que assumem o papel central na distinção das partes do discurso. Além disso, as lexias são formas e estruturas linguísticas de natureza diferente. Suas características comuns consistem em que elas estão acumuladas no léxico, na parte da consciência linguística que abrange as unidades denominativas, e em que elas exercem uma função denominativa para fenômenos da realidade.

⁶ Adotaremos nessa unidade o termo lexia, em substituição ao termo palavra.

A partir da definição do termo *lexias*, os estudiosos, acima citados, iniciaram os estudos sobre elas, e essas foram categorizadas pelo linguista Pottier (1972, p. 27), em:

- *lexias* simples: árvore, saiu, entre, agora.
- *lexias* compostas: primeiro-ministro, mata-burro, guarda-chuva, mata-borrão, guarda-roupa.
- *lexias* complexas estáveis: a punhaladas, ponte levadiça, estado de sítio, mesa-redonda, recém-nascido, mortalidade infantil, uma estação espacial, Cidade Universitária.
- *lexia* textual: quem tudo quer, tudo perde.

Com base, na definição dada por Pottier (1972), temos que *lexia* simples é formada por uma só palavra, como por exemplo: palco, tela, saída, comida, etc.; enquanto que nas *lexias* compostas há um ajustamento entre *lexias* de modo a criar uma palavra composta, separada ou não por hífen. Sendo assim, é aquela constituída por duas ou mais palavras, que apresentam relação mútua, indecomponíveis, ou, numa explicação mais simples, a uma palavra composta, como por exemplo: porta-copo, copo-de-leite, pé-de-moleque, entre outros. Por sua vez, a *lexia* complexa é aquela que está organizada por duas ou mais palavras, formando uma locução, expressão idiomática, ou outros, como por exemplo: água potável, estado de sítio, hino nacional, dar para trás, dar com os burros n'água, etc. Nas *lexias* complexas, temos a organização de palavras que ganham estabilidade, no uso, ao longo do tempo e cristaliza-se como um enunciado, a ser interpretado social e culturalmente, como é o caso das EIs e demonstram a relevância atribuída ao contexto. Pottier (1978, 268-272) define a *lexia* textual, por sua vez, como uma *lexia* complexa que alcança o nível de um enunciado ou de um texto, como em provérbios, por exemplo.

Podemos então, assim distinguir *lexia* simples, *lexia* complexa, *lexia* composta e *lexia* textual:

Quadro 2 - Distinção da *lexia*

LEXIA SIMPLES	LEXIA COMPOSTA	LEXIA COMPLEXA	LEXIA TEXTUAL
-uma palavra. Ex.: redonda, criança, mesa, carro, mato, bonito, longe.	-duas ou mais palavras: -incorporadas ou a se incorporarem; -relação mútua -palavra composta	- duas ou mais palavras: -locução; -Expressões Idiomáticas; -outros.	- <i>lexia</i> complexa (várias palavras) -com nível de enunciado ou texto.

	-por vezes, têm seus lexemas constituintes ligados por hífen Ex.: giz-de-cera, guarda-chuva.	Ex.: dar para trás, estado de sítio.	Ex.: "Quem tem telhado de vidro não atira pedras ao do vizinho". "Não há bem que sempre dure, nem mal que nunca se acabe".
--	---	--------------------------------------	---

Fonte: Adaptado de Pottier (1972, p. 27)

Muito embora, haja essa tentativa de definição do que sejam as lexias e suas classificações, Martins (2002, p.1) percebe que “o estudo das lexias compostas e as complexas, mostrando que, segundo o critério semântico, estas últimas não se diferenciam daquelas”. Desse modo, por corroborarmos com o acima exposto, também observamos que entre lexias compostas e complexas não há uma diferenciação relevante, pautado no valor semântico dessas lexias ou outro valor qualquer, assim sendo não notamos critérios válidos para adotar essa distinção entre as duas. O uso ou não do hífen não se sustenta com distintivo, quer seja pelo critério semântico ou morfológico.

Ainda, de acordo com Martins (2002, p. 1), no que concerne aos estudos das lexias “as primeiras, as simples, têm merecido acurados estudos por parte dos estudiosos do léxico enquanto que as últimas não têm sido estudadas, a não ser de maneira perfunctória⁷. A lexia complexa, entendida como um conjunto lexicalizado de dois ou mais vocábulos, contíguos, indissociáveis e monossêmicos, na maioria das vezes, nem entrada têm em dicionários de língua.” De maneira que historicamente os estudos lexicográficos se acentuam, enfocando primordialmente as lexias simples. Assim sendo, este trabalho poderá, de certo modo, contribuir para a ocupação de uma lacuna nesses estudos, uma vez que abordaremos a lexias compostas/complexas, pois neste trabalho não tomaremos distinção entre uma e outra, mas por força de unificação adotaremos o termo lexia complexa, mais especificamente, este, na composição das EIs do português brasileiro.

Isso reforça a necessidade de um debruçar mais profícuo sobre esse estudo, tendo em vista o entendimento das EIs do português brasileiro, que é o nosso propósito, neste trabalho.

⁷ Adjetivo: De duração curta; pouco duradouro; efêmero. Que se faz só para constar e não por ser necessário; dispensável. Que é superficial; com pouca ou nenhuma relevância; fraco, ligeiro. Etimologia (origem da palavra *perfunctório*). Do latim *perfunctorius*.a.um, "superficial". (dicio.com.br/)

As EIs são lexias complexas, que via tradição cultural se firmam e passam a integrar o léxico da língua. Assim, seu estudo permite conhecer melhor e ampliar o léxico da Língua Portuguesa. Por esse aspecto cultural é que se torna relevante para o usuário da língua, o conhecimento das EIs, como sendo fruto de uma construção social dos falantes desta dada língua.

A ampliação do léxico, relevante para a excelência em leitura/escrita/interpretação, é hoje pouco explorada nas aulas de Língua Portuguesa, tanto nos livros didáticos quanto nos materiais alternativos que os próprios professores elaboram. Esse é um campo de ensino de Língua Portuguesa, que merece mais atenção, dada a sua relevância.

Podemos efetivar a ampliação do léxico por meio de estudos sobre as EIs do português brasileiro, uma vez que essas expressões são importantes para a compressão da linguagem oral, escrita, interpretação e produção de textos.

Assim como todas as línguas têm suas EIs particulares, a nossa língua também tem suas próprias EIs, cunhadas ao longo do tempo, pelos usuários da língua.

Diante disso, é conveniente entendermos melhor o que sejam as EIs do português brasileiro.

2.3 EIs do português brasileiro

2.3.1 Conceituação de expressão idiomática

Em seu artigo “Tipologia das EIs”, de Xatara (1998, p. 169), a linguista afirma que para conceituar Expressões Idiomáticas, a estudiosa teve que:

percorrer um longo trajeto entre definições muito pouco consensuais, propostas por linguistas seguidores de diferentes teorias sobre o léxico, como Biderman (1978), Chafe (1979), Danlos (1981), Gross (1982), Rwet (1983), Tagnin (1988) e Lodovici (1989), Vinogradov (apud Tristã, 1988), Bárdosi (1992) e Heinz (1993), entre vários outros.

E de acordo com a autora:

Uma expressão idiomática é um sintagma metafórico, cristalizado em um idioma pela tradição cultural, ou seja, consagrado pelo uso, pela frequência do emprego (tendo passado do individual para o social) (XATARA, 1995, p. 207).

Ainda a mesma autora reitera que:

expressão idiomática é uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural. E explicamo-nos sumariamente: lexia complexa porque tem o formato de uma unidade locacional ou frasal; indecomponível porque constitui uma combinatória fechada; de distribuição única ou distribuição bastante restrita; conotativa porque sua interpretação semântica corresponde a pelo menos um primeiro nível de abstração calculada a partir da soma de seus elementos sem considerar os significados individuais destes; cristalizada porque sua significação é estável em razão da frequência de emprego, o que a consagra. (XATARA, 1998, p. 170).

Dessa forma, podemos melhor compreender a definição que a autora faz, no quadro a seguir:

Quadro 3 - Lexia complexa

Expressão idiomática é uma lexia complexa		
Lexia complexa porque tem o formato de uma unidade locacional ou frasal		
É de distribuição única ou distribuição bastante restrita		
Indecomponível	Conotativa	Cristalizada
porque constitui uma combinatória fechada	porque sua interpretação semântica corresponde a pelo menos um primeiro nível de abstração calculada a partir da soma de seus elementos sem considerar os significados individuais destes	porque sua significação é estável em razão da frequência de emprego, o que a consagra

Fonte: Adaptado de Xatara, 1998, p. 170.

A seguir, as definições serão desdobradas, explicadas, para uma melhor compreensão delas. É importante que exploremos um pouco mais as considerações da referida autora para a definição de EIs. Isto é que faremos, a seguir:

Expressão idiomática é **lexia complexa** porque tem o formato de uma unidade locacional ou frasal, o que significa dizer que forma um enunciado com sentido completo, e é complexa porque é composta de palavras independentes que, ao se agruparem, tornam-se uma frase/ oração.

EI é uma lexia complexa **indecomponível**, o que significa dizer que as unidades lexicais ou palavras que compõem a lexia não podem ser desmembradas, sem prejuízo de sentido. Em

acontecendo o desmembramento, a lexia toma outra significação, ou mesmo nenhum sentido plausível.

EI é **de distribuição única** ou distribuição bastante restrita, o que significa dizer que a distribuição dos termos que forma a frase/oração não permite alterações de posições, uma vez que essa permuta implicaria na mudança do sentido da expressão. Como por exemplo em pé de cabra, que não permite a distribuição cabra de pé, sem alterar totalmente sua significação.

EI é **conotativa** porque sua interpretação semântica corresponde a pelo menos um primeiro nível de abstração calculada a partir da soma de seus elementos sem considerar os significados individuais destes, o que significa dizer que a linguagem empregada é figurada, nunca podendo ser tomada denotativamente, uma vez que a semântica volta a origem da palavra.

Os elementos, como, por exemplo: “**pé**” “**de**” “**cabra**” não podem ser considerados separadamente, pois o sentido pretendido requer a unificação destes num só enunciado. Tomados separados, “**pé**” tem a significação de parte terminal do membro inferior que assenta no chão.

- **Pé:**

- designação da pata, falando-se de animais.

- parte inferior de algo sobre a qual descansa o seu peso; uma base de apoio: “pé de mesa”.

- **Cabra:**

- é um gênero de ruminantes de chifres ocos, arqueados para trás, que compreende várias espécies;

- fêmea do bode.

Tomados em unidade a expressão idiomática “**pé de cabra**” é entendida como ferramenta; alavanca de ferro, de dimensões variáveis, com uma das extremidades fendida como um pé de cabra; pequeno guindaste.

Pé de cabra é uma expressão idiomática entendida popularmente como o diabo e ainda um inseto semelhante à aranha e que anda à tona da água.

EI é **crystalizada** porque sua significação é estável em razão da frequência de emprego, o que a consagra; significa dizer assim: para que a expressão idiomática se torne parte da língua, ela tem de ter sido usada variadas vezes e o seu sentido tem de ser entendível e entendido pela comunidade de falantes dessa língua. O que determina a fixação da EI é a recorrência do uso, de forma que possa ser usada nos contextos em que o sentido da expressão permitir, num jogo

que somente os usuários que conhecem a expressão, conseguem atribuir o devido significado. São, portanto, combinações convencionadas que mantêm uma relação sintático-semânticas. Corroborando com esse ponto de vista Martins (2002, p. 2) diz que “a lexia complexa é um conjunto indecomponível, prognosticável e monossêmico”.

Essas construções de EIs surgem da necessidade que homem tem de exprimir-se, manifestar-se por meio de palavras, comportamentos e/ou atitudes, expressar um pensamento, e que, por vezes, a língua não dispõe de elementos que deem conta dessa manifestação, adequadamente. Não raro, não encontramos, no léxico da Língua Portuguesa, palavras que abrangem o teor do que se quer expor. O acervo é sempre insuficiente, e desde sempre há a necessidade de se criar e se recriar a partir das unidades lexicais existentes na língua. Para essa recriação, o usuário da língua faz combinações de unidades conhecidas, transpondo-as para outro universo. Após essas combinações, surgem as EIs que são difundidas, pouco a pouco, até a sua cristalização definitiva. E mesmo essas expressões cristalizadas poderão, dependendo da necessidade expressiva, ser transpostas para outras significações. Pelo caráter de sua origem, a expressão idiomática revela-se, pois faz parte do cotidiano e surge da informalidade. Surge, inicialmente, da oralidade.

Da observação da situação de uso da linguagem pelo falante é que vão se formando o repertório do léxico para efetiva compreensão do que foi expresso. Em especial, no caso das EIs, é ainda mais relevante o contexto, pois elas são social e metaforicamente construídas. Xatara (2001, p. 50) explica que:

Em termos gerais, a aquisição da maioria das combinações idiomáticas depende totalmente do esforço do falante em estar atento a elas, após ouvi-las várias vezes, e em ter a competência linguística de utilizá-las adequadamente como respostas condicionadas a determinadas situações. Na prática, um estudo mais sistemático das EIs é de fato desconsiderado, embora esse pudesse representar uma contribuição para a fluência do falante (Fillmore, 1979), o qual, além de conhecer a gramática e o léxico de uma língua, deve ainda memorizar um grande repertório de formas cristalizadas, conhecer o seu significado conotativo, sobretudo metafórico, e saber adequá-las a contextos específicos.

Para orientar sobre o ensino das EIs, Xatara (2001, p.52) orienta que:

Primeiramente, o aprendiz será informado de que uma EI não é apenas uma locução gramaticalmente falando, ou seja, mais de uma palavra; é uma unidade lexical complexa e indecomponível, porque os seus componentes não se dissociam, podendo estar sujeitos apenas a pequenas variações. Em segundo lugar, uma vez mantido o princípio da distribuição única ou restrita, o aprendiz deverá reconhecer uma mutação semântica que os componentes da

EI sofreram e por isso passaram a ter coletivamente uma outra significação. Por fim, só se poderá ter certeza de que se está diante de uma EI, quando o seu significado, a ordem de ocorrência dos elementos, as relações de similaridade baseadas na seleção e as relações de contiguidade baseadas na combinação forem consagradamente convencionais. Esse dado é normalmente fornecido pelo índice de frequência do emprego dessa EI pela comunidade dos falantes, sendo usual como uma resposta condicionada à circunstância em que ocorra. Assim, o idiomatismo, estável em sua significação, cristaliza-se em uma língua e é transmitido assistematicamente, já em situações reais de comunicação, por n gerações, geralmente com um alto grau de codificabilidade. Da mesma forma, então, que é possível definir uma EI não como uma idiossincrasia, mas como uma unidade lexical com traços categoriais próprios e com relações sintático-semânticas e pragmáticas regulares dentro da irregularidade das construções fixas, é possível pensar em sua sistematização no ensino/aprendizagem.

As EIs são exemplos de conotação, por revelar o sentido figurado que a expressão manifesta, sendo assim, figuras de linguagem. Nesse sentido, Xatara (1998, p.3) afirma que “...a interpretação conotativa de EIs revela figuras de linguagem como metonímias, comparações e metáforas.” Ainda nesse sentido Roncolato (2001, p.17) diz: “As EIs são frutos de um processo metafórico de criação”; sendo assim, elas dão margem a várias possibilidades de significações, que vão se ampliando e por vezes se ressignificando. Para a compreensão desses significados conotativos é necessário levar em conta a situação de uso e a constância desse uso.

Xatara, relevante estudiosa das EIs, assim explica como acontecem as metáforas nas EIs. Esse conhecimento é relevante, para que nós, os professores, possamos explorar melhor o universo das EIs, nas aulas de Língua Portuguesa, para ampliação do conhecimento lexical. Como se constroem as figuras de linguagem é relevante para se explorar as EIs, sendo a comparação uma delas, como explicada a seguir:

A comparação idiomática

Como qualquer expressão idiomática, as EIs de matriz comparativa são frases mínimas, formas em que os elementos - propriedades adjetivas ou verbais e comparantes - não podem ser omitidos, mas não resultam de um processo de criação de um indivíduo, num determinado momento, constituindo um recurso poético que garante o caráter de surpresa; representam, sim, um automatismo desgastado pela frequência de seu uso, que não leva o receptor a pensar na sua interpretação. Essa cristalização na memória coletiva não prescinde, porém, da criatividade do falante ou escritor, para obter nos usuários o efeito desejado. Uma vez aprendidas, muitas se prestam à análise, à interpretação, baseando-se em sua estrutura interna, no sentido literal de seus constituintes, e nas relações (metafóricas, metonímicas etc.) entre seu sentido literal e seu sentido idiomático. Quanto ao funcionamento interno da comparação nos idiomatismos, podemos concluir que a sujeitos comparados, de traços semânticos específicos (\pm animado, + animal, \pm humano, \pm coisa...), são

atribuídas propriedades adjetivas (alegre/triste, belo/feio, branco/preto, claro/escuro, corajoso/covarde, fácil/difícil, forte/fraco, grande/pequeno, leve/pesado, novo/velho, rico/pobre...) ou propriedades verbais (andar, beber, cair, comer, chegar, chorar, correr, dormir, falar, fumar, gritar, morrer, nadar, rir, viver...). Essas condições enunciativas definidas são ligadas, então, aos comparantes, isto é, aos parâmetros escolhidos e convencionalizados pelos usuários da língua, constituídos por diversos campos semânticos, sendo os principais: os aumentos (água, mel, ovo, pão, pimentão...), os anúns (anta, bezerro, bode, boi, burro, cão, cavalo, cobra, coruja, elefante, galinha, galo, gambá, gato, lesma, lobo, macaco, mosca, papagaio, porco, rato, sapo, tartaruga, touro...), as crenças e superstições (alma, anjo, cruz, Deus, diabo, fantasma, inferno, profeta, santo...), os fenômenos físicos (ar, chuva, dia, furacão, luz, neve, noite, ventania...), os minerais e rochas (aço, chumbo, diamante, ferro, mármore, pedra, rocha...), os objetos variados (bola, estátua, flecha, navalha, palito, peneira, porta...), as partes do corpo (cabeça, cara, dedo, dente, mão, nariz, olho, peito, perna, unha...), as profissões (mordomo, padre, palhaço, polícia, político, professor...), as relações de parentesco (filho, mãe, mulher, pai, sogra...), os vegetais (bambu, fumo, limão, rosa...) e o vestuário (bolso, calça, camisa, sapato, veludo, vestido...). Não seria, pois, nada estranho se fizéssemos ou ouvíssemos o seguinte comentário: Fulana e Beltrano vivem como cão e gato, porque são diferentes como o dia e a noite. Ela, feia como o diabo e teimosa como uma mula, treme como vara verde toda vez que ele, gordo como uma baleia e fedido como um bode, bebe como um gambá e chega falando como um papagaio e obrigando-a a trabalhar como uma escrava. Fulana, aguardando que um dia ele morra como um passarinho, aguenta tudo, mansa como um cordeiro e fria como o mármore, pois Beltrano é bravo como uma onça mas é rico como um marajá... (XATARA, 1997, 220-221)

Atualmente, ainda, de modo incipiente, os olhos começam a se voltar para a importância de estudar as EIs. Mas esse estudo não é de todo inédito e em processo inicial de estudo visto que Saussure (2001, 144) já acenava para a necessidade de se estudar as expressões, ou frases feitas, e aponta algumas das suas propriedades, como “frases feitas, nas quais o uso proíbe qualquer modificação, mesmo quando seja possível distinguir, pela reflexão, as partes significativas[...] Esses torneios não podem ser improvisados, são fornecidos pela tradição.”

Alguns autores denominam esse estudo de “Fraseologia”, e ainda não há consenso se é uma disciplina autônoma ou se faz parte da Lexicologia. Isso é o que nos mostram, como Marques, Cansação (2015, p. 337)

Tais questões se configuram como um dos dilemas vividos pela Fraseologia. A fim de esclarecer estes questionamentos, Montoro del Arco (2006) destaca duas possibilidades de entendimento para a Fraseologia. A primeira delas é considerá-la em um sentido amplo e compreende-la como corrente ou ramo de estudo dentro da Linguística, enquanto que a outra possibilidade se configura a partir de uma perspectiva restrita, considerando a Fraseologia como uma disciplina autônoma que estuda um determinado fenômeno linguístico, as unidades fraseológicas.

Esses questionamentos não interessam de perto à nossa pesquisa, pois essa definição não interfere em nosso propósito, mas é necessário saber que eles existem. Gloria Corpas Pastor, da Universidade de Málaga, na Espanha, e Rosimeire Selma Monteiro-Pantin, da Universidade Federal do Ceará, são estudiosas que vêm se destacando nessa área específica.

Entendemos desse modo, depois do anteriormente exposto, que ensinar EIs, na escola, propicia a valorização da cultura e tradição linguística, estabelecendo um elo entre o passado, como também há a possibilidade da criação de outras expressões ao longo do tempo. Mediante isso, a seguir, é importante voltar o olhar para a observação de como é o tratamento dado ao ensino do léxico nas escolas.

2.3.2 O tratamento dado ao ensino do léxico nas escolas

Ao deparamos com os livros didáticos de Língua Portuguesa, disponíveis nas escolas, notamos que o aspecto gramatical e o ensino de regras prescritivas da gramática são privilegiados, em detrimento ao ensino do léxico. Pouca atenção se dá aos aspectos lexicais da língua e, nas poucas atividades que exploram o léxico, o que vemos é concernente à formação de palavras, não explorando os demais aspectos, como as EIs, por exemplo. Nesse sentido, Antunes corrobora afirmando que

[...] tomando como referência os livros didáticos [...], ao ensino da gramática é que é dado o maior espaço, materializado no número de páginas em que se descrevem ou se prescrevem os itens e as normas de gramática. [...] o estudo do léxico fica reduzido a um capítulo em que são abordados os processos de “formação de palavras”, com a especificação de cada um desses processos, acrescida de exemplos e de exercícios finais de análises de palavras. (ANTUNES, 2012, p. 20-21)

Nesse sentido, podemos constatar, com exemplos extraídos de três livros didáticos adotados pelas escolas públicas, que a afirmativa acima exposta se confirma. Tomamos como parâmetros os livros didáticos: SINGULAR & PLURAL leitura, produção e estudos de linguagem, Laura Figueiredo; Marisa Balthasar; Shirley Goulart - 9º ano; PORTUGUES LINGUAGENS, William Cereja; Thereza Cochar – 9º ano e PARA VIVER JUNTOS – PORTUGUÊS, Greta Marchetti; Heidi Strecher, Mirella L. Cleto- 9º ano.

Importante frisar que esses livros didáticos são de 2015, com vistas a serem utilizados no triênio 2017-2018-2019, uma vez que, da sua elaboração, análises feitas pelo MEC, pelos professores nas escolas públicas até a distribuição em todas as escolas públicas do Brasil,

demanda um tempo. Desse modo, ao final do ano de 2019, foram descartados e já no início de 2019 foram analisados e selecionados os livros didáticos a serem utilizados pelo Ensino Fundamental II em 2020.

- Exemplo 1: SINGULAR & PLURAL leitura, produção e estudos de linguagem, Laura Figueiredo; Marisa Balthasar; Shirley Goulart - 9º ano.
- Exemplo 2: PORTUGUES LINGUAGENS, William Cereja; Thereza Cochar – 9º ano.
- Exemplo 3: PARA VIVER JUNTOS – PORTUGUÊS, Greta Marchetti; Heidi Strecher, Mirella L. Cleto- 9º ano.

Escolhemos essas obras por sintetizarem a nossa observação de que o ensino léxico não é focado em todos os seus aspectos, deixando um vácuo, que se fosse ocupado com um ensino mais profícuo desses outros aspectos, conseqüentemente a capacidade interpretativa seria mais efetiva.

Outra razão desta escolha é que estas três obras são sempre consideradas, quando da escolha do livro didático, pelos professores das escolas públicas, e a maioria das vezes são as mais usadas.

A seguir, fizemos uma breve análise de algumas atividades que constam nessas obras, a fim de verificarmos como é feita a abordagem do ensino do léxico por esses autores.

Exemplo 1 - SINGULAR & PLURAL leitura, produção e estudos de linguagem, Laura Figueiredo; Marisa Balthasar; Shirley Goulart - 9º ano. 2015

FIGURA 1 - 1º Exemplo de exercício sobre o ensino do léxico

Processos de formação de palavras

Derivação e composição Ver, no Manual do Professor, orientações a respeito desta sequência de exercícios.

A nossa língua dispõe de dois mecanismos principais de formação de palavras: a **derivação** e a **composição**.

Observe o poema concreto “Nascemorre”, do poeta Haroldo de Campos, em que esses mecanismos são usados.

se
 nasce
 morre nasce
 morre nasce morre
 renasce remorre renasce
 remorre renasce
 remorre
 re
 re
 desnasce
 desmorre desnasce
 desmorre desnasce desmorre
 nascemorrenasce
 morrenasce
 morre
 se

CAMPOS, Haroldo de. Nascemorre. In: CAMPOS, Augusto de; PIGNATARI, Décio; CAMPOS, Haroldo de. *Teoria da poesia concreta: textos críticos e manifestos 1950-1960*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006. p. 87.

• O poeta faz uso de, basicamente, dois verbos que assumem diferentes formas ao longo do poema.

- Qual é a forma primitiva de cada um dos verbos?
- Em que formas derivadas eles aparecem no poema?
- Copie no caderno a afirmação correta sobre as palavras que você identificou no item anterior.
 - São derivadas de uma palavra primitiva e compostas por dois radicais.
 - São derivadas de uma palavra primitiva e simples (com um só radical).
 - São compostas, formadas por dois radicais.
 - São primitivas, formadas por um radical.
- O que muda em relação à grafia das palavras primitivas?
- Essa mudança acarretou mudança de significado em relação às palavras primitivas? Explique.

• Ao ler os versos 8 e 9 temos: “re re / desnasce”. Considere as afirmações a seguir e, depois, copie no caderno as frases corretas em relação a essas afirmações:

- Ao usar duas vezes o prefixo **re-**, antes de *desnasce*, o eu poético está considerando que algo deixa de nascer duas vezes.
- Algo que *desnasce* é algo que morre. O que “re re desnasce” é algo que morre duas vezes.
- O que “re re desnasce” é o que volta a viver e pode ser comparado à forma *nascemorrenasce*.

Vamos lembrar

Formação de palavras

Já estudamos que uma das formas de classificar as palavras é levar em conta a sua formação. Nesse caso, as palavras podem ser:

- Primitivas** – não se formam de nenhuma outra e servem de ponto de partida para formar outras palavras: *carro, laranja*.
- Derivadas** – são formadas a partir de outra palavra considerada primitiva: *carroça, laranjada*.
- Simplex** – palavras (primitivas ou derivadas) que possuem apenas um radical na sua formação: *carro, carrinho*.
- Compostas** – palavras que possuem dois ou mais radicais na sua formação: *carro-forte, laranja-pera*.

Fonte: Livro SINGULAR & PLURAL leitura, produção e estudos de linguagem, 9º ano, p. 190.

Notamos nesta atividade que os autores se preocuparam em trabalhar “Processos de formação de palavras”, de modo contextualizado, utilizando o texto como pretexto para a atividade, o que é indicado desde os PCN e ainda na BNCC. No entanto, a unidade se restringe ao ensino do léxico somente por essa abordagem, não considerando as demais possibilidades, como o ensino das. Eis, por exemplo, que também são importantes para a ampliação vocabular, ampliação do léxico.

Exemplo 2 - PORTUGUÊS LINGUAGENS, William Cereja; Thereza Cochar – 9º ano. 2015

FIGURA 2 - 2º Exemplo de exercício sobre o ensino do léxico

A língua em foco

ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS

CONSTRUINDO O CONCEITO

Leia esta tira, de Lucas Lima:



(Nicolau e seus queridos vizinhos. Araraquara-SP: Enquadrinho, 2009. p. 17.)

- Observe o verbo **lembrar** conjugado no presente do indicativo:

(eu) lembro	(nós) lembramos
(tu) lembras	(vós) lembrais
(o cachorro) lembra	(os cachorros) lembram

 - Identifique a parte do verbo que se repete em todas as pessoas e informa o significado dele. **lemb-**
 - Indique o que foi acrescentado a essa parte:

<ul style="list-style-type: none"> • na 1ª pessoa do singular -o • na 2ª pessoa do singular -as • na 3ª pessoa do singular -a 	<ul style="list-style-type: none"> • na 1ª pessoa do plural -amos • na 2ª pessoa do plural -ais • na 3ª pessoa do plural -am
--	---
 - Na conjugação do verbo **lembrar** no presente do indicativo, em quais pessoas aparece também o **-a** que indica a conjugação à qual o verbo pertence? *Em todas, com exceção da 1ª pessoa do singular.*
- Na tira, a palavra **ossos** está empregada no plural.
 - Observe:

oss - o - s

Faça o mesmo tipo de separação:

<ul style="list-style-type: none"> • problemas <i>problem - a - s</i> • cachorros <i>cachorr - o - s</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • sementes <i>sement - e - s</i> • espertos <i>espert - o - s</i>
--	--
 - Qual é o significado da parte **-s** acrescentada às palavras relacionadas no item anterior? *mais de um*
- Tomando como base a parte que contém o significado das palavras, o falante de uma língua pode formar outras. Observe:

terra → terráqueo, terrário, térreo, terrestre, enterrar, terreno, terremoto

Dê outras palavras formadas com base na parte significativa presente em:

a) lembrar <i>relembrar, lembrança, lembrete, lembrado, lembradiço</i>	b) esperto <i>esperteza, espertalhão, espertalhosa, espertar</i>
--	--

Fonte: Português linguagens, 9º ano, p. 147.

Nesse exemplar, os autores trabalham com a “Estrutura e a formação de palavras”, tomando por base uma tirinha, também contextualizando o assunto, como indicado pelos PCN e BNCC, mas, do mesmo modo do exemplo 1, se limita ao ensino do léxico apenas por viés único, ou único exemplo.

Exemplo 3 - PARA VIVER JUNTOS – PORTUGUÊS, Greta Marchetti; Heidi Strecher, Mirella L. Cleto - 9º ano.

FIGURA 3 -3º Exemplo de exercício sobre o ensino do léxico

LÍNGUA VIVA Responda sempre no caderno.

Formação de palavras e sentidos novos na língua

1. Leia o trecho de uma coluna de um jornal.

A autoestima precisa estar sustentada em si próprio, se ela depender, por exemplo, de uma relação amorosa ou um cargo na empresa, no momento em que a pessoa perde uma dessas coisas há muito sofrimento. Se num relacionamento o meu parceiro decide romper comigo, ele não está retirando o meu amor, minha autoestima ou meus sonhos, e o mesmo vale para o inverso. Posso ficar triste por um tempo e posso ganhar ao saber que ele não me amava, que essa relação não daria certo e que posso viver aberta para outro relacionamento. [...]

Disponível em: <<http://www.jb.com.br/sociedade-aberta/noticias/2015/03/24/cinco-passos-para-recuperar-a-autoestima/>>. Acesso em: 16 abr. 2015.

 - a) Sabendo que *estima* significa “sentimento de carinho ou de apreço por alguém”, o que quer dizer *autoestima*?
 - b) Qual é o sentido do radical *auto* nessa palavra?
2. Que radicais formam a palavra *automóvel*? Qual é o sentido deles?
3. Que significado o radical *auto* tem nas palavras *autoestrada*, *autopeças* e *autoescola*?
4. Leia este trecho de uma notícia.

Senado aprova projeto que obriga teles a comunicar fim de desconto

Senado aprovou nesta terça (24) projeto de lei que obriga as operadoras telefônicas a informarem previamente os clientes sobre o fim de descontos aplicados nos preços dos serviços de telecomunicações. A medida também atinge as empresas de TV por assinatura e banda larga. [...]

Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2015/03/1607391-senado-aprova-projeto-de-que-obriga-teles-a-comunicar-fim-de-desconto.shtml>>. Acesso em: 16 abr. 2015.

 - a) Que palavra do título foi utilizada para referir-se às operadoras de telefonia?
 - b) O elemento *tele* é um radical grego. O que ele significa?
 - c) Nesse contexto, *tele* é a redução de qual palavra ou expressão?

ANOTE Em qualquer língua viva, é normal que algumas palavras e expressões deixem de ser usadas e outras sejam criadas.

Novas palavras podem surgir por diferentes razões. Uma delas é a invenção de objetos, aparelhos, instrumentos e tecnologias, que precisam ser nomeados.

Em português, um dos processos de formação de palavras é a **redução** ou **abreviação** de uma palavra até o limite em que ainda se pode compreendê-la. Algumas vezes se mantém apenas o radical, ou um dos radicais, da palavra. Exemplo: *micro*, em lugar de *microcomputador*.

Outro processo é aquele em que um **radical perde seu sentido original**, assume o significado de uma das palavras das quais faz parte e, com esse novo sentido, entra na formação de outras palavras. Exemplos: *auto* com sentido original (“por si mesmo”) em *autonomia*, e *auto* com novo sentido (“automóvel”) em *autoescola*.

● Não escreva no livro.



Fonte: Para viver juntos – Português, 9º ano, p. 225.

Nesse livro didático, assim como os dois anteriores, a preocupação é tão somente com o ensino da “Formação de palavras e sentidos novos na língua” enfatizando os sentidos que as

palavras tomam quando da formação de novas palavras a partir de outras. Enfatiza-se o sentido, porém, restringindo-se ao ensino da formação de palavras, assim como os dois exemplares, antes analisados.

Notamos, desse modo, que os livros didáticos, ainda não manifestaram preocupação em oferecer novas possibilidades de ensino do léxico, focado somente o aspecto da formação de palavras e sentidos alcançados por essa formação.

Ensinar léxico, segundo Barbosa, é motivo de preocupação de pesquisadores tanto da Lexicologia, da Lexicografia e da Terminologia. Isso se dá porque como foi dito, o ensino do léxico não é priorizado e

...é, até mesmo, frequentemente esquecido ou desconhecido, no tocante aos modelos e aplicações, de que resulta, qualitativa e quantitativamente, um baixo rendimento, não só na matéria específica da língua materna, como também em todas as demais, eis que todas se realizam em linguagem. (BARBOSA, 2009, p. 31)

Dar uma tratativa mais enfática ao ensino do léxico através de pesquisa, em sala de aula, a partir do uso do celular, é um procedimento didático que supriria a demanda que ora se apresenta nas aulas de Língua Portuguesa.

O ensino do léxico é uma forma de inserção do aluno na sociedade, uma vez que léxico e sociedade estão intrinsecamente ligados.

2.3.3 Léxico e sociedade

O léxico de uma língua corresponde a um rol de itens linguísticos com que expressamos nossos sentimentos, pensamentos, estados, entre outros. As palavras de uma língua nos levam ao conhecimento de que o homem se edifica em sociedade, por meio de experiências, vivências que partilham com grupos sociais e culturais dos quais faz parte. O léxico traz em si uma memória dinâmica, que se mostra mutável, não estável, e ainda que reflete a necessidades expressivas de um falante em um determinado tempo e espaço. Assim, o léxico tem a possibilidade de constante reformulação.

A língua de uma comunidade está intrinsecamente ligada à sua cultura, todas as relações sociais passam por ela. Assim explica Cristianini (2007, p. 120):

A língua, a sociedade e a cultura são indissociáveis, visto que interagem a todo o momento. Na realidade, temos um complexo processo que possibilita a relação do homem com o mundo e do homem com o homem, cuja mediação

se dá por meio da língua. Esta por sua vez é composta de inumeráveis minúcias que formam um todo a ser analisado.

No que tange à leitura e à compreensão de textos mais formais, como demandam um vocabulário mais complexo, mais elaborado, percebemos que há a necessidade de promover essa competência, visto que ela é de grande relevância no contexto social. Assim visto, o estudo do léxico vem ao encontro das exigências sociais pela competência verbal. São exigências próprias do mundo do trabalho, com vocabulários específicos e situações formais de interação que envolve as modalidades oral e escrita da língua. Cabe aos professores de Língua Portuguesa a tarefa de despertar o olhar para o movimento constante do léxico, aos novos sentidos a palavras já existentes na língua, e às mudanças e às exigências dos grupos e sua competência lexical.

Biderman (1978, p. 133), define as EIs como: “idiomatismos são combinatórias de lexemas que o uso consagrou numa determinada sequência e cujo significado não é a somatória das suas partes”; assim sendo o sentido está no todo do enunciado e não individualizado em seus elementos constitutivos. Assim as EIs demonstram todo potencial combinatória que a língua permite dentro do contexto cultural da própria língua e, no caso da Língua Portuguesa do Brasil, temos que considerar a cultura que herdamos de Portugal. Na cultura e da cultura emergem as combinações que se desencadeiam em novos significados.

As EIs de uma língua exibem enorme heterogeneidade. Do ponto de vista da sua natureza, esse tipo de combinatória lexical é fruto da cultura. Relativamente ao Português, uma parcela das EIs do Português Brasileiro foram herdadas de nossa cultura-mãe, a portuguesa, recebidas juntamente com o patrimônio cultural que é o léxico. (BIDERMAN, 2005, p.756)

A cultura de uma comunidade linguística se mostra, também, por meio de expressões que surgem em determinada época e pelo uso se cristalizam e passam a servir de ensinamentos, comparações, jargões entre outros. Como nos exemplos, a seguir, em que as palavras tomaram outras significações.

Importante destacar que o ensino das EIs não só amplia o conhecimento do léxico, mas também o conhecimento da história e o conhecimento geral. Nos exemplos dados, na sequência, podemos perceber essas relações com a história e com os conhecimentos gerais.

- Ovelha negra

Ovelha negra é uma expressão popular utilizada para representar a peculiaridade de uma pessoa que é diferente das outras, ou seja, que está fora dos padrões considerados normais pelo seu grupo social.

Geralmente, “ovelha negra” é utilizada em um sentido pejorativo, como alguém que é diferente, mas a partir de um ponto de vista negativo, pois não se enquadra nos padrões aceitos pela sociedade em que vive, seja por ter um comportamento imoral ou antiético.

É muito comum o uso da expressão “ovelha negra da família”, quando o comportamento e a personalidade de determinado membro familiar não condizem com os valores impostos por sua família.

Neste caso, essa pessoa costuma ser vista com maus olhos perante os familiares, pois consideram-na um indivíduo conhecido por tomar atitudes moralmente erradas e equivocadas, em comparação aos valores predominantes naquele grupo familiar.

Algumas pessoas consideram equivocada essa expressão, pois também é usada para designar indivíduos com personalidades fortes, aqueles que querem ousar e ser diferentes dos demais, ação esta que não pode ser interpretada como algo negativo.

Atualmente, ser considerado uma ovelha negra também pode ser um elogio, pois significa que a pessoa tem atitude, é ousada e não tem medo de aventuras. Obviamente, neste caso a “ovelha negra” não é conhecida por ter comportamentos imorais ou antiéticos, mas sim por ter uma personalidade marcante.

A maioria das ovelhas são brancas e claras, porém, às vezes, ocorrem mutações genéticas responsáveis por fazer com que nasçam com a pelagem negra, destacando-se das demais.

É justamente a partir dessa disparidade que a expressão surgiu. De acordo com as histórias dos pastoreios, geralmente a ovelha que nascia preta era aquela que não acompanhava os outros animais, era mais difícil cuidá-la e tratá-la.

Mesmo cuidando tão bem de todas, muitas vezes o pastor não conseguia evitar que ela se tornasse diferente, então a chamavam de “ovelha negra”.

Portanto, os pastores e fazendeiros preferiam sempre as ovelhas brancas, porque a lã branca podia ser tingida e o animal tinha maior valor de mercado.

- Lavar as mãos

Usada quando se quer isentar-se de uma responsabilidade, a expressão “lavar as mãos” tem sua origem nas histórias bíblicas. Era tradição um preso ser libertado durante a Páscoa Judaica. A decisão de soltar Jesus ou o assassino Barrabás foi passada para a multidão que acompanhava o julgamento por Pôncio Pilatos. E como se é conhecido, Jesus acabou sendo

crucificado. Ao passar a decisão para o público, Pôncio se isentou dessa responsabilidade, representadas pelo ato de lavar as mãos enquanto dizia a seguinte frase: “Estou inocente deste sangue. Lavo as minhas mãos”.

- Botar a mão no fogo

Usada para representar que se confia muito em algo ou alguém, a expressão “botar a mão no fogo” surgiu na Idade Média. Quando a inocência de um acusado precisava ser posta em prova, um método bastante utilizado naquela época era fazê-lo segurar uma barra de ferro em brasa ou algo semelhante. Se nada acontecesse, o acusado seria tido como inocente e liberado. Assim, o termo ganhou popularidade e evoluiu com o tempo para o que conhecemos hoje.

Todas as expressões populares supracitadas se justificam em um dado momento histórico e se consolidam com o uso que se desloca do original, cristalizando-se.

As expressões populares, EIs, são pertencentes a campos lexicais que se reúnem por fazerem parte do mesmo círculo de conhecimento.

Vejamos, assim, o que são os campos lexicais.

2.3.4 Campos lexicais

O campo lexical de uma palavra ou de uma expressão indica um agrupamento de palavras que compõem um campo teórico particular por causa das relações de sentido que estabelecem entre si, ou seja, pelas relações semânticas existentes entre elas. Desse modo, um campo lexical consiste no léxico (um conjunto de palavras ou expressões) que se referem à mesma realidade. O campo lexical é constituído pelas palavras ou expressões que se agrupam por serem da mesma esfera de ideias, pertencendo ao léxico de uma língua.

FIGURA 4 - Palavras de mesma esfera de ideias



Fonte: Criação da autora, pelo aplicativo Wordle.

Alguns exemplos de campos lexicais⁸:

- Campo lexical de mar: onda, areia, barco, navio, costa, litoral ou corrente marítima etc.;
- Campo lexical de floresta: pinheiros, faia, carvalhos, urso, caverna, pântanos, lobo, javali, veado etc.;
- Campo lexical de pintura: quadro, pincel, tinta, cavalete, tela, exposição etc.;
- Campo lexical de escola: escolar, escolarizado, aprendizagem, estudo, matéria, disciplina, turma, livros, biblioteca, diretor etc.;
- Campo lexical de informática: software, hardware, programas, sites, internet, portal, BLOG, pen drive, gigabite, memória RAM etc.;
- Campo lexical de teatro: atuação, expressão, palco, figurino, maquiagem etc.;
- Campo lexical de flor: florir, florido, margarida, rosa, girassol, copo de leite, cravo, florista etc.;
- Campo lexical dos sentimentos: amor, carinho, saudade, tristeza etc.;
- Campo lexical da linguagem bíblica: Jesus, Novo Testamento, mandamentos, discípulos etc.;
- Campo lexical de restaurante: Cardápio, cadeira, mesa, comida, refrigerante, garçom etc.;

⁸ Adaptação do site disponível em <https://portugues-fcr.blogspot.com/2011/09/campo-lexical-e-campo-semantico.html>

- Campo lexical de futebol: estádio, jogador, bola, equipe, árbitro, juiz, pênalti, escanteio, técnico, treinador, gol etc.;
- Entre outros.

Abbade (2011, p. 1338), explica que:

A teoria dos campos linguísticos inicia-se, tendo como um de seus precursores, Jost Trier (1931). Suas ideias constituíram uma grande revolução na Semântica Moderna. Trier propõe o estudo das palavras visando ao setor conceitual do entendimento, mostrando que elas constituem um conjunto estruturado onde uma está sob a dependência das outras. Assim, as palavras se unem como numa cadeia, onde a mudança em um conceito acarreta modificação nos conceitos vizinhos, e assim por diante. Nesse sentido, as palavras formam um campo linguístico através de um campo conceitual e exprimem uma visão do mundo de acordo com a reconstituição que elas possibilitam. A teoria proposta por Trier possibilita L. Weisgerber a incluí-la em uma ampla teoria linguística e, nessa teoria, surge o conceito de campo linguístico que abarca tanto os campos léxicos, quanto os campos sintáticos. Assim, desses campos linguísticos, surgem os campos lexicais e os campos semânticos.

De acordo com Abbade (2011, p. 1338), Trier estuda as palavras visando ao “setor conceitual do entendimento, mostrando que elas constituem um conjunto estruturado onde uma está sob a dependência das outras”. As palavras, então, estariam numa cadeia, e a mudança de um conceito afetaria os conceitos vizinhos e vice-versa Oliveira (2014), ressalta. Jost Trier (apud OLIVEIRA, 2008), baseado em conceitos estruturalistas, identificou a estrutura lexical como objeto semântico, estabelecendo assim a teoria dos campos lexicais.

Os campos lexicais representam uma estrutura, um todo articulado, onde há uma relação de coordenação e hierarquia articuladas entre as palavras que são organizadas à maneira de um mosaico: o campo léxico. As palavras são organizadas em um campo com mútua dependência, adquirindo uma determinação conceitual a partir da estrutura do todo. O significado de cada palavra vai depender do significado de suas vizinhas conceituais. Elas só têm sentido como parte de um todo, pois só no campo terão significação. Assim, para entender a lexia individualmente é necessário observá-la no seu conjunto de campo, pois fora desse conjunto não pode existir uma significação, uma vez que a mesma só existe nesse conjunto e em sua razão. ABBADE (2011, p. 1338),

As EIs estão intrinsecamente ligadas à teoria dos campos lexicais, uma vez que a compreensão do sentido das palavras que as compõem, não podem ser entendidos individualmente, mas sim dentro de um campo de sentido, que foi construído socialmente, e

deslocado do seu sentido original. Sendo assim, se houver uma tentativa de interpretação literal ou individual de seus termos, as EIs se anulam. Há assim, como explicitado, acima, uma mútua dependência desses termos.

Nesses termos, de que as EIs são constituídas e só podem ser interpretadas num dado contexto social, é que temos a associação do estudo destas com a sociolinguística.

A Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972], 1982, 1994, 2001) está embasada nos estudos linguísticos com vistas ao estabelecimento de integração entre a estrutura linguística e a sociedade. Esses estudos são essenciais para o conhecimento e entendimento da língua em uso. Nesse sentido, os estudos pautados na Sociolinguística Variacionista têm sido relevantes para a descrição e a análise dos processos de variação e mudança. Por meio desses estudos, é possível traçar um panorama geral sobre o português brasileiro ou até mesmo observá-lo em suas especificidades. Procurar compreender essas mudanças e o que as determina é campo de vasto estudo como reitera (LABOV, 1982, p. 20):

O que orienta os estudos sobre a variação e mudança linguística é a busca por respostas as questões de como, onde e por que ocorre determinada mudança linguística. Assim sendo, considera-se que o estudo da mudança leva em conta sua trajetória, cujas fases envolvem variantes linguísticas em coexistência e competição dentro de uma determinada comunidade e a sobrepujança de uma sobre a outra ao longo do tempo.

Como explicitado acima, as lutas internas que ocorrem no centro da língua, no seu uso, vão diacronicamente estabelecendo seus espaços e suas mudanças, marcadas por forças sociais, que nem sempre são perceptíveis sincronicamente. Este é o caso das EIs, que surgem por mudanças ocorridas na sociedade, em que há a emergência de suprir necessidades de termos que deem conta do sentidos expressivos, que por vezes não existem e são substituídos por outros, transformados, ou seja, de modo não literal. Acontecendo uma transposição de um campo lexical para outro, novo.

A seguir, trataremos dos Métodos e Procedimentos, utilizados na elaboração e no desenvolvimento desta pesquisa.

3 MÉTODO E PROCEDIMENTOS

Esta pesquisa pautou-se pelos pressupostos do método pesquisa-ação, visto que se trata de uma pesquisa em que, a partir da percepção de um problema apresentado pela vivência real, o pesquisador interfere diretamente para atuar nessa realidade, propondo ajudar com uma busca de solução. Além de apresentar uma solução plausível e prática, o pesquisador procura conscientizar os envolvidos de como evitar o problema apresentado.

Os anos dedicados à sala de aula, especificamente ao ensino de Língua Portuguesa, permitiram ir, ao longo do tempo, acurando o olhar para as práticas de ensino e o que se ensina, nessas aulas. Assim, essa nossa prática em sala de aula, possibilitou a observação de que há uma carência no desenvolvimento de atividades para o ensino sistemático do léxico, especialmente por meio das EIs, bem como que ainda não há muito espaço para o uso do celular nas aulas como um recurso pedagógico.

Atividades para o ensino sistemático do léxico são fundamentais para a sua ampliação, e essa ampliação é relevante para a excelência em leitura/escrita/interpretação. Essas atividades são, hoje, pouco exploradas nas aulas de Língua Portuguesa, tanto nos livros didáticos quanto nos materiais alternativos que os próprios professores elaboram. Esse é um campo de ensino de Língua Portuguesa que merece mais atenção, dada a sua relevância. Na maior parte das vezes, nos livros didáticos, o léxico é tratado somente no capítulo que versa sobre os processos de formação de palavras na Língua Portuguesa, limitando-se, quase sempre, à derivação e composição das palavras e alguns processos especiais, como abreviação. Tratam do neologismo de forma incipiente, não explicando bem o contexto cultural e a necessidade de seu surgimento. Percebemos que as EIs surgem da necessidade que o homem tem de exprimir-se, manifestar-se através de palavras, comportamentos e/ou atitudes, expressar um pensamento, e que, por vezes, a língua não dispõe de elementos que deem conta dessa manifestação, adequadamente. Não raro, não encontramos, no léxico da Língua Portuguesa, palavras que abrangem o teor do que se quer expor. O acervo é sempre insuficiente, e desde sempre há a necessidade de se criar e se recriar a partir das unidades lexicais existentes na língua. No entanto, mesmo tendo um espaço importante dentro das relações e compreensão da linguagem, o ensino das EIs não é priorizado. Por vê-las importantes, inquietávamo-nos e buscamos uma maneira de incluí-las nas aulas de Língua Portuguesa, para a ampliação do léxico.

Outra observação importante, advinda da nossa prática docente, é o espaço do celular no ambiente escolar, especialmente nas aulas e práticas pedagógicas. Notamos que se tornou impraticável que as escolas públicas continuem fazendo vistas grossas ao mundo virtual nos

processos de ensino-aprendizagem. Desse modo, surgiu a ideia de projetar a pesquisa e, colocando-a em prática, tentamos buscar mecanismos que quebrassem as barreiras entre essa realidade e o ensino, uma vez que se continuássemos com modelos de aula que foram produtores em tempos quando as demandas eram outras, não se justificava. Traçamos estratégias produtivas de uso de recursos virtuais, e isso foi um grande desafio, pois controlar o acesso aos sites e redes sociais, como *whatsapp*, *instagram*, entre outras, não é tarefa simples para o professor desenvolver, pelo menos, no nosso ponto de vista inicial. A realidade nas escolas é que há um constante embate entre alunos/professores/equipe diretiva para coibir o uso de celular nas aulas. A conscientização dos educandos para o uso proveitoso desse recurso, uma vez que ocupam o tempo e ficam na internet para jogos e conversas aleatórias, foi uma das conquistas almejadas. Propusemos que o melhor aproveitado, desse recurso, seria se uma parte desse tempo fosse dedicado às pesquisas que enriquecesse os conhecimentos nas mais variadas áreas do saber científico e popular, visto que ambos são necessários para a vida. Desse modo a pesquisa propôs-se a introduzir, nas aulas, o recurso tecnológico do celular como ferramenta pedagógica com vistas a suprir essa necessidade.

A partir destas constatações iniciamos a elaboração e posterior execução deste projeto de pesquisa.

Como em qualquer outro trabalho científico, a pesquisa bibliográfica também teve um papel de destaque em nosso estudo.

Sabemos que o maior objetivo da pesquisa-ação é proporcionar novas informações, gerar e produzir conhecimento que traga melhorias e soluções para toda organização, especificamente nessa pesquisa, a fim de que os alunos despertassem para o uso consciente e produtor do celular em sala de aula, nas aulas de Língua Portuguesa, com fins da ampliação lexical, por meio do estudo das EIs.

Thiollent(1986) afirma que “o conhecimento não é somente para informar, mas, principalmente, para conscientizar o grupo.” Essa conscientização é uma demanda clara nas escolas atualmente. Diante de um mundo que sofre constantes mudanças, principalmente na modernização das tecnologias digitais, a aplicação de uma pesquisa em que os sujeitos também são construtores (ativos) da pesquisa, é proporcionar a inserção deles, pois a pesquisa é construída de forma participativa. Essa participação efetiva poderá ser a chave para que o celular seja uma ferramenta pedagógica aliada ao ensino do léxico nas aulas de Língua Portuguesa. Para Thiollent (1986, p. 14)

Entre as diversas definições possíveis, daremos a seguinte: a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os alunos representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Foram previamente planejadas as aulas, com o passo a passo, para que os objetivos fossem alcançados. Desde a elaboração do projeto, houve sempre a preocupação em primeiro lugar com os alunos da pesquisa, com seus pais ou responsáveis, com a escola e com os objetivos da proposta a ser executada.

Para tal, os esclarecimentos dos objetivos da proposta foram expostos de modo claro e democrático, deixando-os, pais e alunos, livres para participar ou não da pesquisa, mas não dispensados de realizar as atividades, uma vez que fazem parte do currículo de Língua Portuguesa.

Os pais foram, em reunião ordinária, no início do ano letivo de 2019, informados do projeto em questão e esclarecidos sobre os objetivos. Ficaram livres para concordarem ou não que os filhos fizessem parte do grupo de alunos que comporiam a pesquisa.

A escola permitiu a realização da pesquisa, pois caso contrário não seria possível sua execução. Assentindo prontamente, foi possível iniciar a pesquisa com a turma escolhida, alunos de nono ano do Ensino Fundamental II de uma escola pública do estado de Minas Gerais.

O projeto passou pelo crivo de análise do CEP- Comitê de Ética em Pesquisa, para que se assegurassem os direitos dos alunos, em relação ao seu bem-estar físico, psíquico e moral.

As atividades foram planejadas de acordo com os propósitos da BNCC, que estabelecem as competências específicas de linguagens que precisam ser garantidas ao Ensino Fundamental II (BNCC, 2017, p. 63), a saber:

1. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.
2. Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana, para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.
3. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.

4. Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.

5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

6. Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos.

A fundamentação teórica baseou-se em Almeida (2003), Barbosa (1990, 1999, 2000, 2001), Bezerra (1998), Biderman (1998), entre outros.

Foi elaborada e aplicada uma proposta de intervenção, e a pesquisa foi desenvolvida em uma escola pública da rede estadual de Minas Gerais, contando com trinta e três (33) alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II. Para o desenvolvimento do projeto, organizamos a turma em: três (3) grupos compostos por seis (6) alunos e dois grupos composto por cinco (5) alunos.

Como produto, desenvolvemos, utilizando o celular, Gifs e um BLOG direcionado a alunos e professores, para divulgação e compartilhamento das atividades desenvolvidas para a pesquisa e dos resultados obtidos.

A seguir, apresentamos as atividades desenvolvidas, para as aulas de Língua Portuguesa, durante o andamento do projeto.

3.1 Atividades desenvolvidas em sala de aula, tendo como recurso pedagógico o celular

Os módulos desenvolvidos nesta proposta, foram construídos e organizados a partir de conteúdos de *sites* pedagógicos e Dissertações de diferentes Repositórios das Universidades.

Para que os créditos autorais não sejam negligenciados, inserimos os endereços nas notas de rodapé de cada módulo.

Modalidade: Ensino Fundamental II final.

Série: 9º ano/ 2019

Componente curricular: Língua Portuguesa.

Eixo: Linguagens e suas tecnologias.

Tema: Ampliação do léxico através do estudo da língua oral e da escrita, bem como a prática de produção de textos orais e escritos, por meio do uso do celular como ferramenta didática.

Conteúdo: Conhecimento, ampliação e domínio do léxico para a interpretação de textos.

Duração: 08 módulos

Objetivos:

- ❖ Possibilitar o acesso ao conhecimento, ampliação e domínio do léxico para a interpretação de textos, através de atividades de pesquisa e interação comunicativa em sala de aula, tendo como instrumento de pesquisa o uso do celular.
- ❖ Identificar a origem das palavras que compõem as expressões populares indicadas, percebendo se houve e como houve deslocamento do sentido original das palavras de modo a formar um novo enunciado.
- ❖ Elaboração de BLOG para exposição na escola, com vistas a divulgar os resultados da atividade (Gifs - produzidos pelos alunos)

Levantamento de conhecimentos prévios: conversa informal sobre a importância do conhecimento e domínio do léxico para a interpretação de textos.

Estratégias: Leitura de material; Aula expositiva ministrada pela professora; Leitura, compreensão e interpretação de textos em que aparecem as expressões propostas; Produção individual de texto com as expressões estudadas. Pesquisa realizada pelos alunos, tendo como recurso dessa pesquisa o celular, e posteriormente, apresentação oral e/ou escrita, do que foi pesquisado, para os colegas e professores.

Divulgação das pesquisas em um BLOG desenvolvido pela turma e professora responsável pelo projeto. Esse BLOG estará aberto para novas postagens, sempre sob a supervisão da professora responsável pelo projeto (essa será a moderadora das postagens).

Elaboração de GIFs pelos grupos de alunos, abordando as EIs.

Recursos: Aula expositiva; Textos explicativos; coletânea de textos pertencentes a vários gêneros; leitura oral. Uso do celular para pesquisa e criação de GIFs. Data show. Uso dos aplicativos Flipaclip, Animator e Filmora GO para criação de GIFs. Criação de um BLOG para divulgação das atividades realizadas.

Motivação: Estabelecer na sala de aula um clima favorável ao desenvolvimento da atividade, incentivando a importância desse trabalho para o aprendizado, bem como a conscientização do

uso adequado do celular, tendo em vista que é uma ferramenta, um recurso didático com excelente potencial educativo. Despertar nos alunos a consciência de que deverão se tornar independentes na construção do próprio conhecimento, aprendendo a aprender.

IMPORTANTE:

- 1- Em todos os módulos, logo após seu encerramento, as atividades foram postadas no BLOG, que será criado pelos alunos e a professora responsável pelo projeto.
- 2- Todas as atividades estarão disponíveis no BLOG do projeto.
- 3- Todo o material foi xerocado, previamente, e distribuído para os alunos.

3.1.1 Módulo 1

Tempo de duração do módulo: 4 horas/aulas

Para iniciarmos as atividades concernentes ao trabalho com as EIs, procuramos, durante o planejamento do primeiro módulo, começar criando o BLOG, para que, ao final das aulas, fossem postadas, com os alunos as atividades realizadas.

Percebemos a necessidade de começar conceituando o que é linguagem, para que os alunos tivessem uma compreensão melhor da dimensão da necessidade e da importância do estudo acerca das EIs.

Em seguida, atentamos para as linguagens conotativa e denotativa, visto que o entendimento das EIs demanda a compreensão dessas linguagens, por ela ser formada pela linguagem conotativa.

Vimos, ainda, a figura de linguagem “metáfora”, uma vez que as EIs são construídas metaforicamente, o que requer a compreensão dessa figura de linguagem.

1º momento: Motivação dos alunos para iniciarmos as atividades.

2º momento: Criação do BLOG.

3º momento: Atividades.

IMPORTANTE: Apresentar a atividade, ressaltando a importância do conhecimento e domínio do Léxico para a interpretação de textos. O material previamente xerocado e distribuído para todos os alunos do projeto.

Neste módulo, veremos o que é linguagem denotativa e conotativa, e posteriormente, iremos identificá-las nas atividades propostas.

(Material postado no BLOG e também xerocado e distribuído para os alunos)

O que é Linguagem?⁹

A linguagem é o maior instrumento de interação entre sujeitos socialmente organizados. Isso porque ela possibilita a troca de ideias, a circulação de saberes e faz intermediação entre todas as formas de relação humanas. Quando queremos nos expressar verbalmente, seja de maneira oral (fala), seja na forma escrita, recorremos às palavras, expressões e enunciados de uma língua, os quais atuam em dois planos de sentido distintos: o denotativo, que é o sentido literal da palavra, expressão ou enunciado, e o conotativo, que é o sentido figurado da palavra, expressão ou enunciado.

Vejam os mais detalhadamente a denotação e a conotação:

- **Denotação**

Quando a linguagem está no sentido denotativo, significa que ela está sendo utilizada em seu sentido literal, ou seja, o sentido que carrega o significado básico das palavras, expressões e enunciados de uma língua. Em outras palavras, o sentido denotativo é o sentido real, dicionarizado das palavras.

De maneira geral, o sentido denotativo é utilizado na produção de textos que tenham função referencial, cujo objetivo é transmitir informações, argumentar, orientar a respeito de diversos assuntos (em que linguagem tem que ser exata) como é o caso dos gêneros textuais: reportagem, editorial, artigo de opinião, resenha, leis constituintes, dicionários, receitas culinárias, memorandos, e-mails institucionais ou empresariais, artigo científico, ata, memorando, receita médicas, manual de instrução, bula de remédios, entre outros. Nesses gêneros discursivos textuais, as palavras são utilizadas para fazer referência a conceitos, fatos, ações em seu sentido literal.

Exemplos:

- ✓ A professora pediu aos alunos que pegassem o caderno de Geografia.
- ✓ A polícia capturou os três detentos que haviam fugido da penitenciária de Santa Cruz do Céu.

⁹ Textos disponíveis em <https://www.portugues.com.br/redacao/denotacao-conotacao.html#:~:text=Quando%20queremos%20nos%20expressar%20verbalmente,conotativo%2C%20que%20%C3%A9%20o%20sentido>. Acesso em 4 de dezembro de 2019.

- ✓ O hibisco é uma planta que pode ser utilizada tanto para ornamentação de jardins quanto para a fabricação de chás terapêuticos a partir das suas flores.
- ✓ Amor: forte afeição por outra pessoa, nascida de laços de consanguinidade ou de relações sociais.

- **Conotação**

Quando a linguagem está no sentido conotativo, significa que ela está sendo utilizada em seu sentido figurado, ou seja, aquele cujas palavras, expressões ou enunciados ganham um novo significado em situações, necessidades e contextos particulares de uso. O sentido conotativo modifica o sentido denotativo (literal) das palavras e expressões, ressignificando-as.

De maneira geral, é possível encontrarmos textos em que temos o uso da linguagem conotativa nos gêneros discursivos textuais primários, ou seja, nos diálogos informais do cotidiano. Entretanto, é nos textos secundários, ou seja, aqueles mais elaborados, como os literários e publicitários, que a linguagem conotativa aparece com maior expressividade. A utilização da linguagem conotativa, ou seja a linguagem não literal (linguagem expressiva) nos gêneros discursivos literários e publicitários, ocorre para que se possa atribuir mais expressividade às palavras, enunciados e expressões, causando diferentes efeitos de sentido nos leitores/ouvintes.

Exemplo:

Leia um trecho do poema Amor é fogo que arde sem se ver¹⁰, de Luiz Vaz de Camões, e observe a maneira como o poeta define a palavra/sentimento 'amor' utilizando linguagem conotativa:

Amor é fogo que arde sem se ver
Amor é fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói, e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer.
É um não querer mais que bem querer;
É um andar solitário entre a gente;
É nunca contentar-se de contente;
É um cuidar que se ganha em se perder.
É querer estar preso por vontade;
É servir a quem vence, o vencedor;
É ter com quem nos mata, lealdade.
Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade,
Se tão contrário a si é o mesmo Amor?
 (Luís Vaz de Camões, séc. XVI)

¹⁰ Texto disponível em <https://www.portugues.com.br/redacao/denotacao-conotacao.html#:~:text=Quando%20queremos%20nos%20expressar%20verbalmente,conotativo%2C%20que%20%C3%A9%20o%20sentido>. Acesso em 4 de Dezembro de 2019.

Leia o poema, novamente, e assinale a alternativa que indica a figura de linguagem presente, no primeiro verso da primeira estrofe, no texto: “Amor é fogo que arde sem se ver”:

- a) Onomatopeia
- b) Pleonasma
- c) Metáfora
- d) Hipérbole

Metáfora é uma figura de linguagem que produz sentidos figurados por meio de comparações. Conhecer as figuras de linguagem é importante para compreensão do texto.

A seguir, você fará atividades para identificar o tipo de linguagem presente. Nesse momento iremos fazer essa identificação nas frases, e posteriormente em vários textos.

Atividades sobre conotação e denotação¹¹

Identifique o sentido – denotativo ou conotativo – de cada uma das seguintes frases, utilizando para tal a numeração abaixo proposta:

D = D E N O T A T I V O C = C O N O T A T I V O

- 1- () O meu pai é meu espelho.
- 2- () Quebrei o espelho do banheiro.
- 3- () Essa menina tem um coração de ouro.
- 4- () A Praça da Sé fica no coração de São Paulo.
- 5- () Ele fez um transplante de coração.
- 6- () Na primavera os campos florescem.
- 7- () O leão é um animal feroz.
- 8- () Aquele homem é um leão.
- 9- () Estava tudo em pé de guerra.
- 10- () Ela estava com os pés inchados.
- 11- () O alpinista conseguiu escalar a montanha.
- 12- () Ela disse uma montanha de absurdos.
- 13- () O meu relógio de ouro foi roubado.
- 14- () Pedro nadava em ouro.
- 15- () Não gosto nada de sapos.
- 16- () Engolir sapos não é nada fácil.
- 17- () Você é mesmo mau: tem um coração de gelo.
- 18- () Tomo sempre suco com gelo.
- 19- () Relampejou durante toda a noite.
- 20- () Seus olhos relampejaram de ódio.
- 21- () A tristeza e a alegria moram no morro.

¹¹ Adaptação de atividade a partir do link disponível em <http://oficinaportugues.unisseixal.org/2018/04/20/denotacao-conotacao/>. Acesso em 06 de dezembro de 2019.

- 22- () Fecha-se a pálpebra do dia.
 23- () Fecha-se a pálpebra do dia.
 24- () O carro voava pelas ruas da cidade.
 25- () O carro voava pelas ruas da cidade.
 26- () “O livro caindo n’alma, é germe que faz apalma”.
 27- () Esta cidade à noite é uma verdadeira Sodoma.
 28- () “Que saudades da aurora da minha vida”.
 29- () O cearense tem cabeça chata
 30- () Rui Barbosa era uma grande cabeça.
 31- () “Serra magra e ossuda”.
 32- () Serra sem vegetação.
 33- () Entregou a alma ao Criador.
 34- () Morreu.
 35- () O rapaz roubou-lhe dois beijos.
 36- () Todas as suas joias foram roubadas.
 37- () As asas cortam os céus.
 38- () As velas cortam os mares.
 39- () Cheguei morta de fome.
 40- () A minha prima completou 15 primaveras.

Exemplos de metáforas

Veja abaixo alguns exemplos de frases que vão ajudar você a entender o que é metáfora.¹²

FIGURA 5 - “Dar murro em ponta de faca”



Fonte: *site* Significados.

¹² Textos disponíveis em <https://www.significados.com.br/metafora/> .

“Dar murro em ponta de faca” é uma metáfora utilizada para fazer referência a uma situação onde alguém insiste em fazer algo que não traz resultados e que pode causar danos a si próprio.

FIGURA 6 - “Carregar o mundo nas costas”



Fonte: *site* Significados.

Trata-se de uma metáfora baseada na mitologia grega: Atlas foi castigado por Zeus e condenado a sustentar as colunas do céu, daí ser representado com a esfera celeste nos ombros.

O uso dessa metáfora estabelece uma comparação com pessoas que possuem muitas responsabilidades sobre si e que, eventualmente, aparentem um ar cansado e/ou transtornado como o de Atlas, que é sempre retratado com o rosto voltado para baixo.

FIGURA 7 - “A rosa de Hiroshima”



Fonte: *site* Significados.

Rosa de Hiroshima é um poema escrito por Vinícius de Moraes, onde o autor estabelece uma metáfora entre o aspecto de uma rosa e o aspecto da bomba de Hiroshima quando ela explodiu.

FIGURA 8 - “Meu pensamento é um rio subterrâneo”



Fonte: *site* Significados.

A frase acima, de autoria de Fernando Pessoa, foi utilizada pelo autor para estabelecer uma analogia entre seu pensamento e um rio, eventualmente considerando que ambos compartilhem características como fluidez e profundidade, por exemplo.

FIGURA 9 - “Ela tem um coração de gelo”



Fonte: *site* Significados.

A linguagem metafórica da frase acima estabelece uma comparação entre o gelo os sentimentos de uma pessoa insensível.

A relação análoga indica que a mesma frieza do gelo está presente no coração de pessoas que não demonstram seus sentimentos ou que são secas, duras e/ou desprovidas de afeto.

FIGURA 10 - “Fome de leão”



Fonte: *site* Significados.

Essa metáfora deixa subentendido que alguém está com muitíssima fome, ao ponto de ter o seu apetite comparado ao de um leão.

✓ Conheça algumas metáforas

Metáfora do Iceberg¹³

A metáfora do iceberg baseia-se no fato de que muitas vezes a parte visível de um iceberg é muito pequena quando comparada com a parte que está submersa.

Essa metáfora tem sido muito usada para explicar vários fenômenos sociais, deixando subentendido que existe muito mais do que aquilo que se vê.

Também é frequente o uso dessa metáfora para descrever a mente humana: a parte que fica à superfície é a parte consciente, e a maior e submersa, é a parte relativa ao subconsciente do ser humano.

Esta expressão metafórica é comumente usada para fazer referência a um problema, deixando claro que ele pode ser bem mais complexo do que se imagina.

Exemplo de metáfora: O desentendimento entre eles é apenas a ponta do iceberg.

A metáfora do iceberg pretende fazer com que as pessoas entendam que muitas vezes há mais verdade além do que os nossos olhos conseguem ver.

Através dela também podemos aprender que há muita coisa além do superficial e que muitas vezes essas coisas são mais importantes do que aquilo que está à superfície e é visível para todos.

¹³ Texto disponível em <https://informaparaiba.com.br/2019/12/05/significado-de-metфора/> Acesso em 15 de Dezembro de 2019.

IMPORTANTE: Alguns exemplos acima são entendidos como EIs porque já se fixaram no vocabulário, no modo de falar das comunidades nas quais estão inseridos.

Comentário: Os textos podem ser lidos, explorados com comentários feitos pelos alunos e as atividades corrigidas na lousa.

3.1.2 Módulo 2

Tempo de duração do módulo: 4 horas/aulas

1º momento: Motivação dos alunos para iniciarmos as atividades do módulo 2

2º momento: Leitura silenciosa do texto 1

3º momento: Leitura em voz alta do texto 1 (alternando os leitores, seguindo as filas dos alunos para facilitar o controle de quem lia) (Adaptado do site <https://www.portugues.com.br/redacao/denotacao-conotacao.html>). Acesso em: 3 ago 2018.

4º momento: Discussões e comentários sobre o texto 1

5º momento: Leitura silenciosa do texto 2

6º momento: Leitura em voz alta do texto 2 (alternando os leitores, seguindo as filas dos alunos para facilitar o controle de quem lia)

7º momento: Discussões e comentários sobre o texto 2

8º momento: Leitura, comentários e correções das atividades propostas nos textos 3, 4 e 5.

(Material postado no BLOG e também xerocado e distribuído para os alunos)

Leitura de textos variados

Diversos gêneros textuais, em que aparecem os termos deslocados do seu sentido original.

✓ Texto 1

METENDO O OUVIDO ONDE NÃO SOU CHAMADA

Luciana Ferreira

Sei que não é legal ouvir a conversa dos outros sem ser chamada. Mas quem um dia não prestou atenção em conversas dentro de um ônibus? Às vezes o papo está tão bom que eu fico torcendo para o ônibus ir mais devagar.

Ouvimos de tudo. Desde o rapaz que diz para o chefe que já chegou ao trabalho há horas até a mocinha que conta todas as peripécias de seu final de semana em alto e bom som. Semana

passada, um motorista que falava pelos cotovelos comentou que conseguiu comprar a tão sonhada... dentadura!!! E filosofou: “pobre quando enfia a mão no bolso só tira os cinco dedos”.

O pior de tudo é quando, no meio da história, o “narrador” desce no ponto e você fica a ver navios. Até hoje não sei se o Pedro continua saindo com a Carla ainda que descobrisse que ela o traía com seu melhor amigo. O pobrezinho era caidinho por ela e eu não consegui saber o que realmente aconteceu quando o ingênuo Pedro finalmente soube das escapulidas de sua amada. E a história não parou por aí. Quem gostou da notícia foi a interlocutora do rapazinho do ônibus que, tchã tchã tchã, revelou um segredo guardado a sete chaves: era apaixonada pelo Pedro. Pois é... nesta novela da vida real, não há cenas dos próximos capítulos.

Certa vez, naquele trânsito complicado da Avenida Presidente Vargas, duas mulheres compartilhavam as surpreendentes frases de seus filhos pequenos. A garotinha queria porque queria comer na barraca do pombo. A mãe incrédula afirmou:

– Minha filha, o que é isso?

A menina, com ar de sabichona:

– A barraquinha de cachorro-quente do Seu Vicente.

A associação fica por nossa conta: as migalhinhas dos restinhos de comida faziam a alegria dos pombos. Haja criatividade! O papo dessas senhoras distraía mais do que o vai e vem das pessoas perto da Central do Brasil. Estalei meu pescoço, me ajeitei na cadeira e a conversa continuou.

– Meu filho entende tudo ao pé da letra! Outro dia ficou superassustado ouvindo o pai falar que estava com a pulga atrás da orelha. Só depois de três dias que a mãe descobriu o porquê de o garotinho não querer abraçar o seu pai. Já imaginou se o pai falasse que acordou com as galinhas, tomou um chá de cadeira e que depois enfiou o pé na jaca?

No final dessas histórias, fico ansiosa para esticar o pescoço e ver de quem é aquela voz. A menina que contava suas escapulidas na noite carioca não combinava com a história que contou (Como assim? É essa menina?), as mães das travessas crianças eram mais velhas do que suas vozes. Na maior parte das vezes, me decepiono. Por isso já decidi: na próxima história que ouvir, não vou olhar para trás. A voz vai ter para mim aquele encanto que tenho ao ler um romance. A personagem será do jeitinho que imaginarei. Assim me sinto também construindo aquela história e, por que não, com certa autorização poética, para meter meu nariz, ou melhor, a minha imaginação onde não sou chamada?

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

A Língua Portuguesa possui inúmeras expressões interessantes. Muitas vezes, elas permanecem imutáveis ao longo de anos. Existem pessoas que se ocupam em pesquisar e descobrir a origem das expressões.

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS CORRENTES NO BRASIL

Uma expressão idiomática ocorre quando um termo ou frase assume significado diferente daquele que as palavras teriam isoladamente. Assim, a interpretação é captada globalmente, sem necessidade da compreensão de cada uma das partes. Usamos EIs a todo instante.

Elas se encontram no linguajar diário, no noticiário da televisão, em anúncios dos jornais, no rádio, na tv, em discursos políticos, campanhas eleitorais, em filmes, em letras de música, na literatura, etc.

O uso de EIs não se restringe a um aspecto específico da nossa vida, nem a uma determinada camada social. As EIs são uma parte importante da comunicação informal, tanto escrita como falada, e também são usadas frequentemente no discurso e na correspondência formal. Tudo que se pode expressar usando EIs pode também ser transmitido por meio de frases convencionais.

O motivo que leva um falante ou um escritor a usar EIs é o desejo de acrescentar à mensagem algo que a linguagem convencional não poderia suprir. Uma expressão idiomática pode enriquecer uma frase, dando-lhe força ou sutileza, pode enfatizar a intensidade dos sentimentos de alguém e pode ainda atenuar o impacto de uma declaração austera, com humor ou ironia. O uso que um falante faz das EIs determina o seu grau de domínio da língua, possibilitando-o expressar-se de muitas maneiras.

As EIs contam muito da história de uma comunidade linguística, às vezes, mesmo de uma época, uma vez que são carregadas de significações referentes a um tempo e um espaço determinados. Abaixo, algumas das EIs mais conhecidas e utilizadas na Língua Portuguesa, tanto na linguagem cotidiana como na linguagem literária, dada a riqueza de sua expressividade.

As EIs que vamos ler e estudar, a seguir, foram retiradas dos sites: <http://www.soportugues.com.br/secoes/proverbios/index.php>. Acesso em: 22 de maio de 2019

, do site https://www.newsrondonia.com.br/lerNoticias.php?news=1279&fb_comment_id=101503090

[83734837_10152471305614837](https://linguagemeafins.blogspot.com/2011/03/expressoes-populares-250311.html)

e

do

site

<https://linguagemeafins.blogspot.com/2011/03/expressoes-populares-250311.html>

De onde vêm essas expressões?

- **Ficar a ver navios**

Surgiu em referência aos portugueses que, na época das grandes navegações, ficavam em Lisboa, no morro Alto de Santa Catarina, esperando a volta do rei D. Sebastião. Mesmo desaparecido na África e dado por muitos como morto, imaginava-se que um dia ele ia voltar. Estava criado o mito do sebastianismo: o rei um dia voltaria a Portugal para salvar a pátria lusitana. Multidões ficavam a ver os navios à espera do rei que, de fato, nunca retornou a Portugal.

- **Falar pelos cotovelos**

Surgiu do costume que as pessoas muito falantes têm de tocar o interlocutor no cotovelo a fim de chamar mais a sua atenção.

- **Acordar com as galinhas**

Expressão que remete ao fato de as galinhas despertarem muito cedo, antes de o dia raiar.

- **Tomar um chá de cadeira**

Os nobres e fidalgos consideravam-se superiores a qualquer outra pessoa. Quando os súditos queriam uma audiência, esperavam muito para serem atendidos. Então eram acomodados em cadeiras e lhes eram servidos chá para compensar a longa espera.

- **Acabar em Pizza**

Uma das expressões mais usadas no meio político é “tudo acabou em pizza”, empregada quando algo errado é julgado sem que ninguém seja punido. O termo surgiu por meio do futebol. Na década de 60, alguns cartolas palmeirenses se reuniram para resolver alguns problemas e, durante 14 horas seguidas de brigas e discussões, estavam com muita fome. Assim, todos foram a uma pizzaria, tomaram muito chope e pediram 18 pizzas grandes. Depois disso, simplesmente foram para casa e a paz reinou de forma absoluta. Após esse episódio, Milton Peruzzi, que trabalhava na Gazeta Esportiva, fez a seguinte manchete: “Crise do Palmeiras termina em pizza”. Daí em diante o termo pegou.

- **Casa da Mãe Joana**

A expressão se deve a Joana, rainha de Nápoles e condessa de Provença que viveu na Idade Média entre 1326 e 1382. Em 1346, a mesma se refugia em Avignon, na França. Aos 21

anos, Joana regulamentou os bordéis da cidade onde vivia refugiada. Uma das normas dizia: “o lugar terá uma porta por onde todos possam entrar.” Transposta para Portugal, a expressão “paço-da-mãe-joana” virou sinônimo de prostíbulo. Trazida para o Brasil, o termo paço, por não ser da linguagem popular, foi substituído por casa. Assim, “casa-da-mãe-joana” passou a servir para indicar o lugar ou situação em que cada um faz o que quer, onde impera a desordem e a desorganização

- **Dar com os burros n’Água**

A expressão surgiu no período do Brasil Colonial, onde tropeiros que escoavam a produção de ouro, cacau e café precisavam ir da região Sul a Sudeste sobre burros e mulas. O fato era que muitas vezes esses burros, devido à falta de estradas adequadas, passavam por caminhos muito difíceis e regiões alagadas e muitos morriam afogados. Daí em diante o termo passou a ser usado para se referir a alguém que faz um grande esforço para conseguir algum feito e não consegue obter sucesso.

- **De mãos abanando**

Na época da intensa imigração no Brasil, os imigrantes tinham que ter suas próprias ferramentas. As “mãos abanando” eram um sinal de que aquele imigrante não estava disposto a trabalhar. A partir daí o termo passou a ser empregado para designar alguém que não traz nada consigo. Uma aplicação comum da expressão é quando alguém vai a uma festa de aniversário sem levar presente.

- **Dor-de-cotovelo**

A expressão “dor-de-cotovelo”, muito usada para se referir a alguém que sofreu uma decepção amorosa tem sua origem na figura de uma pessoa sentada em um bar e com os cotovelos em cima do balcão, enquanto toma uma bebida e lamenta a má sorte no amor. De tanto o apaixonado ficar com os cotovelos apoiados sobre balcão, os mesmos deveriam doer. Esta é a ideia por trás desta expressão.

- **Entrar com o pé direito**

A tradição de entrar em algum lugar com o pé direito para dar sorte é de origem romana. Nas grandes celebrações dos romanos, os donos das festas acreditavam que entrando com tal pé, evitariam agouros na ocasião da festa. A palavra “esquerda” significa do latim, sinistro, daí já fica óbvio a crença do lado obscuro dos inocentes pés esquerdos. Foi a partir daí que a crença se espalhou por todo o mundo.

- **Fazer nas coxas**

A expressão “fazer nas coxas” surgiu na época da colonização brasileira. As telhas usadas nas construções da época, feitas de barro, eram moldadas nas coxas dos escravos. Assim, algumas vezes ficavam largas, outras vezes finas, nunca com um tamanho uniforme. Foi desta forma que surgiu a expressão, utilizada para indicar algo mal feito.

- **Fazer Vaquinha**

A expressão “fazer vaquinha” surgiu na década de 20 e tem sua origem relacionada com o jogo do bicho e o futebol. Nas décadas de 20 e 30, já que a maioria dos jogadores de futebol não tinha salário, a torcida do time se reunia e arrecadava entre si um prêmio para ser dado aos jogadores. Esses prêmios eram relacionados popularmente com o jogo do bicho. Assim, quando iam arrecadar cinco mil réis, chamavam a bolada de “cachorro”, pois o número cinco representava o cachorro no jogo do bicho. Como o prêmio máximo do jogo do bicho era vinte e cinco mil réis, e isso representava a vaca, surgiu o termo popular “fazer uma vaquinha”, ou seja, tentar reunir o máximo de dinheiro possível para um fim específico.

- **Guardado a sete chaves**

No século XIII, os reis de Portugal adotavam um sistema de arquivamento de joias e documentos importantes: um baú que possuía quatro fechaduras. Cada uma destas chaves era distribuída a um alto funcionário do reino. Portanto, eram apenas quatro chaves. O número sete passou a ser utilizado em razão de seu valor místico, desde a época das religiões primitivas. Foi assim que se começou a utilizar o termo “guardar a sete chaves” para designar algo muito bem guardado.

- **Jurar de pés juntos**

A expressão surgiu através das torturas executadas pela Santa Inquisição, nas quais o acusado de heresias tinha as mãos e os pés amarrados (juntos) e era torturado até dizer a verdade. Até hoje, o termo é empregado para expressar a veracidade de algo que uma pessoa diz.

- **Lágrimas de crocodilo**

Quando dizemos que uma pessoa está chorando “lágrimas de crocodilo”, estamos querendo dizer que ela está fingindo, chorando de uma forma falsa. Tal expressão, utilizada no mundo inteiro, veio do fato de que o crocodilo, quando está devorando suas presas, faz uma pressão muito forte sobre o céu da boca e estimula suas glândulas lacrimais, dando a impressão de que o animal está chorando. Obviamente, o animal não “chora”, por isso surgiu a expressão popular.

- **Motorista barbeiro**

No século XIX, os barbeiros faziam não somente os serviços de corte de cabelo e barba, mas também tiravam dentes, cortavam calos, entre outras coisas. Por não serem profissionais, seus serviços malfeitos eventualmente geravam marcas. A partir daí, desde o século XV, todo serviço ruim passou a ser atribuído ao barbeiro, por meio da expressão “coisa de barbeiro”. Geralmente, os serviços extras deixavam consequências desagradáveis aos clientes. No século 15, o termo “barbeiro” era atribuído a atividades mal executadas. Com o tempo, passou a ser relacionado aos motoristas. Daí a expressão “motorista barbeiro”, ou seja, mau motorista.

Este termo veio de Portugal, contudo, a associação de “motorista barbeiro”, ou seja, um mau motorista é tipicamente brasileiro.

- **OK**

A expressão inglesa “OK” (okay), mundialmente conhecida para significar algo que está tudo bem, teve sua origem na Guerra da Secessão, nos EUA. Durante o conflito, quando os soldados voltavam para as bases sem nenhuma morte entre a tropa, escreviam em uma placa “0 Killed” (nenhum morto), expressando sua grande satisfação. Foi assim que surgiu o famoso “OK”.

- **Onde Judas perdeu as botas**

A expressão “onde Judas perdeu as botas” é usada para designar um lugar distante, desconhecido e inacessível. Existe uma história não comprovada que relata que, após trair Jesus, Judas enforcou-se em uma árvore sem nada nos pés, já que havia posto o dinheiro que ganhara por entregar Jesus dentro de suas botas. Quando os soldados viram que Judas estava sem seus sapatos, saíram em busca dos mesmos e do dinheiro da traição. Nunca ninguém ficou sabendo se tais botas foram achadas. Acredita-se que foi assim que surgiu tal expressão.

- **Pensando na morte da bezerra**

A história mais aceitável para explicar a origem do termo é proveniente das tradições hebraicas, nas quais os bezerros eram sacrificados para Deus como forma de redenção de pecados. Um filho do rei Absalão tinha grande apego a uma bezerra que foi sacrificada. Assim, após o animal morrer, ficou se lamentando e pensando na morte do mesmo. Após alguns meses o garoto morreu. Foi desta forma que surgiu tal expressão.

- **Para inglês ver¹⁴**

¹⁴ http://blogs.correiobraziliense.com.br/dad/expressoes_curiosas_da_lingua_8/

A expressão surgiu por volta de 1830, quando a Inglaterra exigiu que o Brasil aprovasse leis que impedissem o tráfico de escravos. No entanto, todos sabiam que essas leis não seriam cumpridas, assim, as mesmas teriam sido criadas apenas “para inglês ver”. Foi assim que surgiu a expressão.

- **Rasgar seda**

Tal expressão, utilizada quando alguém elogia exaustivamente outra pessoa, surgiu através da peça de teatro do teatrólogo Luís Carlos Martins Pena. Nela, um vendedor de tecidos usa o pretexto de sua profissão para cortejar uma moça e começa a elogiar exageradamente sua beleza, até que a mulher percebe a intenção do rapaz e diz: “Não rasgue a seda, que se esfiapa.” Foi assim que surgiu a expressão.

- **Tirar o cavalo da chuva**

No século XIX, quando uma visita iria ser breve, deixavam o cavalo ao relento, em frente à casa do anfitrião. Caso a visita fosse demorar, colocavam o animal nos fundos da casa, em um lugar protegido da chuva e do sol. Contudo, o convidado só poderia colocar seu cavalo protegido da chuva se o anfitrião percebesse que a visita estava boa e dissesse: “pode tirar o cavalo da chuva”. Depois disso, a expressão passou a significar a desistência de alguma coisa.

- **Olha o passarinho!**

Na metade do século 19, os fotógrafos tinham de permanecer parados por até 15 minutos, a fim de que sua imagem fosse impressa dentro da máquina. Fazer as crianças ficarem imóveis por tanto tempo era um verdadeiro desafio. Por isso, gaiolas com pássaros ficavam penduradas atrás dos fotógrafos, o que chamava a atenção dos pequenos. Assim, a expressão “Olha o passarinho” ficou conhecida como a frase dita pelo fotógrafo na hora da pose para a foto.

- **Bafo de onça**

A onça é um animal carnívoro que se lambuza bastante na hora de comer a caça. Por esta razão, fede muito e sua presença é detectada a distância, na mata. Assim, pessoas que possuem o hálito fétido passaram a ser chamadas de “bafo de onça”. A expressão também faz referência ao hálito de quem está (ou esteve) alcoolizado.

- **Santinha do pau oco**

Expressão que se refere à pessoa que se faz de boazinha, mas não é. Nos séculos 18 e 19, os contrabandistas de ouro em pó, moedas e pedras preciosas utilizavam estátuas de santos ocas por dentro. O santo era “recheado” com preciosidades roubadas e enviado para Portugal.

Leitura de charges e propagandas

✓ Texto 3¹⁵

(Unicamp-SP) - a propaganda abaixo explora a expressão idiomática “não leve gato por lebre” para construir a imagem de seu produto.



- Não leve gato por lebre
Só bombril é bombril

No caderno:

- Explique a expressão idiomática por meio de duas paráfrases.
- Mostre como a dupla ocorrência de BOM BRIL no slogan “BOM BRIL É BOM BRIL”, aliada à expressão idiomática, constrói a imagem do produto anunciado.
- Crie uma propaganda usando uma expressão idiomática. Pode ser um produto real ou fictício.

✓ Texto 4

Observe a imagem abaixo e explique as EIs utilizadas para a criação das capas da revista Veja.
Veja.

FIGURA 11- capas da revista Veja Capas da Revista Veja

¹⁵ Adaptada do site <http://praticandoalinguaportuguesananet.blogspot.com/2012/11/figuras-de-linguagem-questoes.html>

NAS DUAS IMAGENS DA REVISTA VEJA DE CIRCULAÇÃO NACIONAL, PERCEBE-SE UMA LINGUAGEM VERBAL E NÃO-VERBAL E PRINCIPALMENTE AS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS (SAIR DE DENTRO DO ARMÁRIO E LARGAR O OSSO), TRAZENDO INFORMAÇÕES DIFERENCIADAS PARA OS SEUS LEITORES.



Fonte: Capas da Revista Veja.

✓ **Texto 5**



**BOM
PRA
BURRO.**

Bom Pra Burro.

✓ **Texto 5**

Observe a imagem acima e explique a expressão idiomática utilizada para a construção da propaganda do Dicionário de Língua Portuguesa Aurélio.

IMPORTANTE: Depois de concluída a atividade, os alunos poderão apresentar a resolução das atividades propostas e comentar as respostas; compara e os pontos em comum e as respostas discrepantes.

3.1.3 Módulo 3

Tempo de duração do módulo: 1 hora/aula

1º momento: Motivação dos alunos para iniciarmos as atividades do módulo 3

2º momento: Divisão da turma em grupos.

3º momento: Dividida a atividade entre os grupos. (3 itens de pesquisa para cada grupo).

4º momento: Troca de atividades entre os grupos para verificação dos resultados

5º momento: Apresentação dos grupos para a turma, socializando os conhecimentos construídos com a execução da atividade.

6º momento: Discussões, críticas e comentários sobre a atividades e sobre os itens pesquisados.

(Material postado no BLOG e também xerocado e distribuído para os alunos)

✓ **Proposta do dia:**

Pesquisar com ajuda do celular a origem das EIs, com o objetivo de identificar a origem das palavras que compõem as expressões populares indicadas, percebendo se houve e como houve deslocamento do sentido original das palavras de modo a formar um novo enunciado.

- 1) OVELHA NEGRA
- 2) LUA DE MEL
- 3) LAVAR AS MÃOS
- 4) BOTAR A MÃO NO FOGO
- 5) AO DEUS DARÁ
- 6) BATISMO DE FOGO
- 7) MARMELADA
- 8) VÁ PLANTAR BATATAS
- 9) AMIGO DA ONÇA
- 10) CHORAR PITANGAS
- 11) RODAR A BAIANA
- 12) SALVO PELO GONGO
- 13) BODE EXPIATÓRIO

- 14) SEM EIRA NEM BEIRA
- 15) FARINHA DO MESMO SACO
- 16) CORREDOR POLONÊS
- 17) NOVO EM FOLHA
- 18) NEVOA BAIXA, SOL QUE RACHA

3.1.4 Módulo 4

Tempo de duração do módulo: 1 hora/aula

OBSERVAÇÃO: Esta atividade é continuação da atividade do módulo 3. Optamos por dividir em dois módulos, para que fosse iniciada e terminada na mesma hora/aula.

Aula expositiva/comentada sobre EIs.

1º momento: Motivação dos alunos para iniciarmos as atividades do módulo 4.

2º momento: Organização da turma em grupos, previamente divididos.

3º momento: A atividade foi dividida entre os grupos. (5 itens de pesquisa para cada grupo).

4º momento: Troca de atividades entre os grupos para verificação dos resultados.

5º momento: Apresentação dos grupos para a turma, socializando os conhecimentos construídos com a execução da atividade.

6º momento: Discussões, críticas e comentários sobre a atividades e sobre os itens pesquisados.

IMPORTANTE: O objetivo é o de que os alunos tenham a oportunidade de entrar em contato com o maior número de EIs possíveis.

(Material a ser postado no BLOG e também xerocado e distribuído para os alunos)

Organização da sala em grupos para pesquisar o sentido das expressões abaixo:

1.	Acertar na mosca	
2.	Acertar na lata (ou na mosca)	
3.	A céu aberto	
4.	Achar (procurar) chifre em cabeça de cavalo	
5.	A dar com pau	
6.	Advogado do diabo	

7.	Agarrar com unhas e dentes	
8.	Água que passarinho não bebe	
9.	Amarrar o burro	
10.	Amigo da onça	
11.	Andar na linha	
12.	Andar nas nuvens	
13.	Ao deus dará	
14.	Ao pé da letra	
15.	Aos trancos e barrancos	
16.	Armado até os dentes	
17.	Armar um barraco	
18.	Arrancar os cabelos	
19.	Arrastar as asas (para alguém)	
20.	Arregaçar as mangas	
21.	Arroz de festa	
22.	Arrumar sarna para se coçar	
23.	Até debaixo d'água	
24.	Babar ovo	
25.	Banho de água fria	
26.	Banho de gato	
27.	Barata tonta	
28.	Bate e volta	
29.	Bater as botas	

30.	Bater na mesma tecla	
-----	----------------------	--

(Material a ser postado no BLOG e também xerocado e distribuído para os alunos)

ATIVIDADE PARA CASA¹⁶

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS -EIS

Alguns exemplos:

Agradar a gregos e troianos - agradar a todos, mesmo a pessoas com características muito diferentes; agradar a dois partidos opostos (origem - gregos e troianos envolveram-se em violenta guerra quando o príncipe troiano raptou a rainha grega Helena, mulher de Menelau).

paciência de Jó - paciência, tolerância ou resignação acima dos limites(o sofredor Jó foi um personagem bíblico).

bicho de sete cabeças –grande ameaça ou dificuldade (são duas as teorias, a primeira sua origem está na mitologia grega, mais precisamente na história uma monstruosa serpente com sete (ou nove) cabeças que se regeneravam mal eram cortadas – a Hidra; ou a segunda teoria, a expressão seria uma referência à primeira das duas bestas do Novo Testamento - descrita como um monstro de sete cabeças.

Atividade:

Você conhece os significados dessas expressões que fazem parte do nosso cotidiano? Explique cada uma em poucas palavras.

1. Abandonar o barco	2. Boca de siri	3. Trocar os pés pelas mãos
4. Abotoar o paletó	5. Boca mole	6. Viajar na maionese
7. Acertar na mosca	8. Cara de pau	9. Acabar em pizza
10. Amigo da onça	11. Descascar o abacaxi	12. Barata tonta
13. Arregaçar as mangas	14. Lavar as mãos	15. Bater as botas
16. Aos trancos e barrancos	17. Enfiar pé na jaca	18. Trocar as bolas

¹⁶ Atividade disponível em <http://textoemmovimento.blogspot.com/2015/09/expressoes-idiomaticas.html>
. Acesso em 4 de novembro de 2018.

19. Bater na mesma tecla	20. Segurar vela	21. Agarrar com unhas e dentes
22. Tempestade em copo d'agua	23. Procurar chifre em cabeça de cavalo	24. Chutar o balde/chutar o pau da barraca

Visto e correção das atividades de casa.

3.1.5 Módulo 5

Tempo de duração do módulo: 2 horas/aulas

Aula expositiva/comentada sobre EIs

1º momento: Motivação dos alunos para iniciarmos as atividades do módulo 5.

2º momento: Organização da turma em grupos, previamente divididos.

3º momento: Realização da atividade do módulo 5, pelos grupos. (Todos os alunos realizaram todas as atividades, juntamente com os colegas de grupo.)

4º momento: Correção na lousa pelos alunos, com a observação e comentários dos grupos.

(Material a ser postado no BLOG e também xerocado e distribuído para os alunos)

ATIVIDADES

Os trechos a seguir possuem EIs. Identifique-as, explique-as e reescreva cada um deles, passando as expressões para a linguagem denotativa.

IMPORTANTE: Atividade deverá ser realizada por todos os componentes do grupo, no caderno e socializada no fim da hora/aula.

Exemplo:

Após trocar os pés pelas mãos, o técnico do time resolveu deixar o cargo.¹⁷

Expressão: Trocar os pés pelas mãos.

¹⁷ Adaptação da apostila de atividades “Ler nas entrelinhas” direcionadas aos professores elaborada pela Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro e pela Fundação CECIERJ, para o 9º ano, p.8-9, sem ano de publicação disponível em <https://canal.cecierj.edu.br/012016/c7464247a4d22e070d39a162a1dfc23c.pdf>. Acesso em 15 de novembro de 2018.

Explicação: Cometer erros ou se atrapalhar, ações atrapalhadas, confusas.

Reescrita: Após cometer erros, o técnico do time resolveu deixar o cargo.

Realizar a mesma atividade com todas as frases, a seguir:

1. Amigos devem manter segredos guardados a sete chaves.
2. Minha tia acorda com as galinhas.
3. Pedi ao professor que nos desse uma mãozinha.
4. O homem prometeu à esposa que iria andar na linha.
5. Só depois de muito tempo descobri que ele era um amigo da onça.
6. Naquela manhã, os alunos estavam com a corda toda.
7. Não faça tempestade em copo d'água.
8. O escândalo acabou em pizza.
9. Você acertou na mosca, aconteceu isso mesmo!
10. Marcos acertou na lata, era tudo verdade.
11. Vamos vivendo aos trancos e barrancos.
12. Tinha salgadinhos na festa a dar com pau.
13. Ela fez o papel de advogado do diabo.
14. Ele agarrou com unhas e dentes as oportunidades que surgiram.
15. O pai do meu amigo gosta de água que passarinho não bebe.
16. Marta é baba ovo do chefe.
17. Meire sempre procura sarna para se coçar.
18. Matheus está andando nas nuvens depois que conquistou a Lúcia.
19. O filho de Joana vive ao deus dará.

3.1.6 Módulo 6

Tempo de duração do módulo: 1 hora/aula

Aula expositiva/comentada sobre EIs

1º momento: Motivação dos alunos para iniciarmos as atividades do módulo 6.

2º momento: Organização da turma em grupos, previamente divididos.

3º momento: Realização da atividade do módulo 6, pelos grupos. (Todos os alunos realizaram todas as atividades, juntamente com os colegas de grupo)

4º momento: Correção na lousa, com a observação e comentários dos grupos.

(Material a ser postado no BLOG e também xerocado e distribuído para os alunos)

✓ **ATIVIDADES**

Observação: Queridos alunos:

1. Leia atentamente os textos.
2. Faça as atividades propostas

IMPORTANTE: As atividades deverão ser realizadas por todos os componentes do grupo, no caderno e socializada no fim da hora/aula.

✓ **ATIVIDADE 1¹⁸**

Leia o texto abaixo.

A sua tevê pode ser desligada – queira você ou não

Uma campanha mundial pede que as tevês permaneçam desligadas de 25 de abril a 1º de maio. Os simpatizantes da causa contam com controle remoto capaz de desconectar qualquer aparelho.

O objetivo da Semana da Têvê Desligada é simples: sacudir a rotina e levar as pessoas a questionar o papel da tevê na vida delas. Claro, é um manifesto contra a cultura de se acabar no sofá. Mas é também sobre limpar o ambiente mental. Assim como o ar e os oceanos, nossa paisagem mental está cheia de poluentes – informações distorcidas, publicidade manipulativa, violência e cultura sensacionalista.

Adaptação - AOL - 25 abr. 2005. (P08219SI_SUP)

Nesse texto, a expressão **“sacudir a rotina”** significa:

- a) Agitar o dia a dia das pessoas.
- b) Estremecer o dia a dia das pessoas.
- c) Controlar o dia a dia das pessoas.

¹⁸ Consta na apostila de atividades “Ler nas entrelinhas” direcionadas aos professores elaborada pela Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro e pela Fundação CECIERJ, para o 9º ano, p.10, sem ano de publicação disponível em <https://canal.cecierj.edu.br/012016/c7464247a4d22e070d39a162a1dfc23c.pdf>. Acesso em 15 de novembro de 2018.

d) Atrapalhar o dia a dia das pessoas.

✓ ATIVIDADE 2¹⁹

As palavras podem ser empregadas com um sentido literal, uma função objetiva ou podem ter um uso diferente, que é chamado sentido figurado. No exercício a seguir, as palavras estão no seu sentido literal. Empregue-as em outras frases, usando-as em sentido conotativo. Explique o sentido conotativo e a origem desse sentido.

1. O **cão** mordeu o menino.
2. A fazenda tinha um **chiqueiro**.
3. O pirata escondeu seu **tesouro** no navio.
4. **Nuvens** no céu indicam chuva.
5. O **sapo** é um anfíbio.
6. Apague a **luz** quando sair do quarto.
7. Não se deve apoiar os **cotovelos** na mesa.
8. O turista foi surpreendido pela **onda** enquanto nadava.
9. Por você, chorei um **rio** de lágrimas.
10. O **avião** não saiu no horário previsto.
11. O jogador bateu a **cabeça** na bola.

3.1.7 Módulo 7

Tempo de duração do módulo: 2 horas/aula

1º momento: Motivação dos alunos para iniciarmos as atividades do módulo 7.

2º momento: Organização da turma em grupos, previamente divididos.

3º momento: Leitura silenciosa e realização da atividade do módulo 7, pelos grupos. (Todos os alunos realizaram todas as atividades, juntamente com os colegas de grupo)

4º momento: Leitura oral (em voz alta) dos textos da atividade pelos alunos.

5º momento: Correção na lousa, com a observação e comentários dos grupos.

¹⁹ Adaptação da apostila de atividades “Ler nas entrelinhas” direcionadas aos professores elaborada pela Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro e pela Fundação CECIERJ, para o 9º ano, p.8, sem ano de publicação, disponível em <https://canal.cecierj.edu.br/012016/c7464247a4d22e070d39a162a1dfc23c.pdf>. Acesso em 15 de novembro de 2018.

(Material a ser postado no BLOG e também xerocado e distribuído para os alunos)

IMPORTANTE: As atividades deverão ser realizadas por todos os componentes do grupo, no caderno e socializada no fim da hora/aula.²⁰

✓ ATIVIDADE 1

Leia o texto com muita atenção e depois faça as atividades propostas.



Engraçada a nossa língua. Ela tem cada coisa que a gente não entende se levar muito a sério. Por exemplo, o pé do ouvido. Não é um ouvido que tem pé, põe sapato e sai por aí correndo atrás de conversa fiada. Não é um pé que joga bola, faz gol e tem bolha às vezes. É outra coisa muito diferente, não custa explicar se é que dá para entender. O mais legal está em deixar cada um descobrir por si mesmo. Bem, quem não sabe o que significa pode procurar no dicionário, que desta vez eu não vou ajudar. Só vou falar mais um pouco sobre o assunto.

O ouvido tem a parte de cima e a de baixo. É igual ao corpo da gente: a parte que fica lá embaixo recebe o nome de pé. Daí o pé do ouvido. Quer dizer, a gente não pode levar tudo ao pé da letra.

²⁰ As atividades deste módulo foram retiradas do site da UNESP:

<https://www.ibilce.unesp.br/Home/Pesquisa469/gample/GRM-ArividadesEIs.pdf>: Acesso em 26 maio 2019

Epa! Olha aí outro pé. Só que agora eu deixo para você descobrir qual a graça dele. Ah, mas uma palavrinha! Quando disse lá em cima que a língua é engraçada, estava falando daquela que a gente fala, a portuguesa. Não vá levar tudo a sério e confundir com a outra, a língua que a gente morde quando está com muita fome.

João Anzanello Carrascoza

1- Relacione a segunda coluna de acordo com a primeira:

- | | |
|-------------------------------|--|
| (a) A Língua Portuguesa | () faz gol, usa sapato e tem bolha. |
| (b) O pé do ouvido | () a gente morde quando está com fome. |
| (c) O pé que joga bola | () é pensar exatamente aquilo que se ouviu. |
| (d) A língua que está na boca | () é aquela que a gente fala. |
| (e) Ao pé da letra | () é um tapa com muita força no ouvido. |

2- Você consegue explicar o que significam estas expressões?

Barriga da perna - _____

maçãs do rosto - _____

peito do pé - _____

boca do estômago - _____

3- Desenhe, no caderno, as EIs abaixo:

1. Rir pra burro
2. Quebrar o galho
3. Pôr a boca no mundo
4. Dar nome aos bois
5. Falar pelos cotovelos
6. Puxar o saco

✓ ATIVIDADE 2

Uma história pra boi dormir

Cansei de atirar pérolas aos porcos e dar com burros n'água. Foi-se o tempo de vacas gordas em que vivia cercado de amigo-da-onça. Depois que cai no ostracismo só recebi abraço de tamanduá. A vaca foi pro brejo. Somente uns gatos pingados ficaram ao meu lado para o canto do cisne. É triste admitir, mas falhei e estou pegando touro à unha, matando cachorro a grito. Sei que não devo pagar o pato sozinho, mas o que posso fazer? Deu zebra! Julguei que tivesse olhos de lince, no entanto, fiquei em papos-de-aranha depois que decidi construir aquele elefante branco. No início, fiquei como quem viu passarinho verde, paguei o maior mico. Com

raciocínio de ameba não percebi que estava me envolvendo com cobra criada, aquela cascavel! Deveria ter picado a mula em tempo. Trabalhei como camelo, e na hora da onça beber água, saí que nem cachorro magro, feito pinto molhado. Quem mandou amarrar cachorro com linguça! Na verdade, comprei gato por lebre, quando pensava que iria lavar a égua. Qual nada! Servi de cobaia para um mão-de-vaca, um lobo em pele de cordeiro, que me fez de bode expiatório. O cabra da peste, filho de uma raposa velha, primeiro quis brincar de gato e rato, depois resolveu fazer boca de siri e chorar lágrimas de crocodilo, com cara de cachorro que caiu da mudança. Eu deveria saber: filho de peixe peixinho é! Em princípio fiquei feito barata tonta, depois amarrei o bode. Macacos me mordam! Tive vontade de soltar os cachorros, encarnar o grilo falante e dizer cobras e lagartos àquele verme e mandá-lo pentear macacos. De nada adiantaria ficar pensando na morte da bezerra. Mas na hora da porca torcer o rabo preferi tomar um rabo-de-galo, aquela água que passarinho não bebe, que me deixou com impressão de ter vários cavalos de potência. Ele gritou comigo feito uma gralha, e eu me calei, afinal, quando um burro fala, o outro abaixa a cabeça. Depois que vi que a cobra ia fumar me senti como um peixe fora d'água. Posso até ser burro, ou tonto como um asno, mas não sei fazer gato-sapato dos outros. Não tenho sangue de barata, mas não sou de matar a cobra e mostrar o pau para provar que sou forte como touro. Há um ditado popular do tempo do onça que diz que em boca fechada não entra mosca, então, pensei ser melhor não cutucar a onça com vara curta. Como sei que uma andorinha só não faz verão, não há proveito em procurar chifre em cabeça de cavalo. Infelizmente sou arraia miúda. Deste mato não sai coelho, pois certamente tem boi na linha e o mar não está para peixe. De nada adianta amolar o boi. Só vou cair do cavalo, se colocar a carroça na frente do boi. Não que eu não tenha nada a ver com o peixe, mas, mais vale um pássaro na mão do que dois voando. Penso que o melhor é esperar a hora certa para matar dois coelhos com uma cajadada só. Afinal, os cães ladram e a caravana passa. Assim, achei melhor deixar cada macaco no seu galho. Hoje sou uma galinha morta, uma marmota da cor de burro quando foge. Com memória de elefante, é certo. Só não tenho estômago de avestruz. Isso não! Tenho fome de leão, mas me alimento como passarinho. Não como cachorro quente, nem que a vaca tussa. Sou mesmo uma formiga doceira. Mas voltemos à vaca fria: não vou mais ser boi de piranha, nem ovelha negra. Aceitarei de bom grado qualquer vaquinha que me fizerem, pois a cavalo dado não se olha os dentes. Prometo a mim mesmo e aos amigos que restaram, e até ao meu cachorro, o melhor amigo do homem, que, a partir de hoje, vou dormir com as galinhas, ainda que tenha que contar carneirinhos. Vou matar um leão por dia, ainda que a passos de tartaruga, e juntar tudo que me espalharam, pois não dizem que é de grão em grão que a galinha enche o papo? Longe de mim agir como uma anta, ou consentir que sanguessugas, feito urubu

na carniça, me façam de burro de carga. Gato escaldado tem medo de água fria e eu não vou permitir que nenhum cão danado venha cantar de galo no meu terreiro. Sapo de fora não chia e se a galinha que canta primeiro é dona dos ovos não vou ficar feito pinguim de geladeira ou bicho preguiça, vou fazer propaganda como uma mãe coruja em ninho de cambaxirra. Pode tirar o cavalinho da chuva quem pensa que estou derrotada, que sou uma mosca morta. Vou cozinhar o galo e dar o drible da vaca. Afinal, quem não tem cão caça como gato e macaco velho não põe a mão em cumbuca! E, olha o passarinho! Eu quero mesmo é fotografar a expressão do espírito de porco que pensa que essa história é só pra boi dormir.

Ormezinda Maria Ribeiro-Ayayi - Doutora em Linguística e Língua Portuguesa

ATIVIDADES PROPOSTAS

- 1- Leia o texto com bastante atenção;
- 2- Sublinhe as expressões que você conhece ou já utilizou e circule e copie as que você não conhece.
- 3- Escreva três expressões que você nunca usou, mas consegue entender o sentido.

- 4- Escolha duas expressões conhecidas por você e explique-as.

- 5- Das expressões que você nunca ouviu ou falou, quais você gostaria de compreender o significado? O que seria necessário para entender o significado?

- 6- Reescreva as frases substituindo as palavras em destaque por outras com o mesmo sentido.

a) **Dei com os burros n' água** ao chegar à casa de minha amiga.

b) **Deu zebra** no campeonato brasileiro!

c) Você não deveria ser tão **mão-de-vaca** assim!

d) Parti para cima, afinal, não tenho **sangue de barata!**

3.1.8 Módulo 8

Tempo de duração do módulo: 2 horas/aula

1º momento: Motivação dos alunos para iniciarmos as atividades do módulo 8.

2º momento: Organização da turma em grupos, previamente divididos.

3º momento: Realização da atividade do módulo 8, pelos grupos (Todos os alunos realizaram todas as atividades, juntamente com os colegas de grupo).

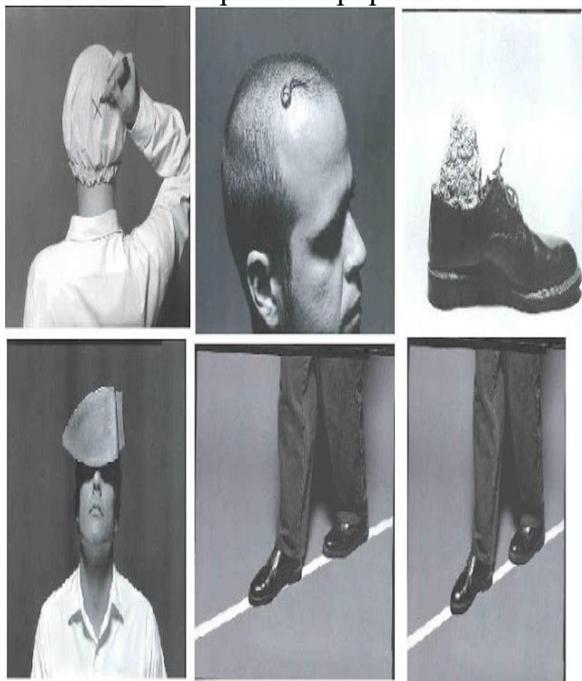
4º momento: Correção das atividades com comentários dos grupos.

(Material a ser postado no BLOG e também xerocado e distribuído para os alunos)

- **ATIVIDADES**

1- Descubra a expressão popular à qual se referem às imagens* a seguir:

FIGURA 12- Expressões populares 1



Fonte:

http://3.bp.blogspot.com/_0_7ckzx60HM/S3CVqKD81WI/AAAAAAAAAGM/Jv_VLz-FR6U/s1600-h/express%C3%B5es+1.JPG

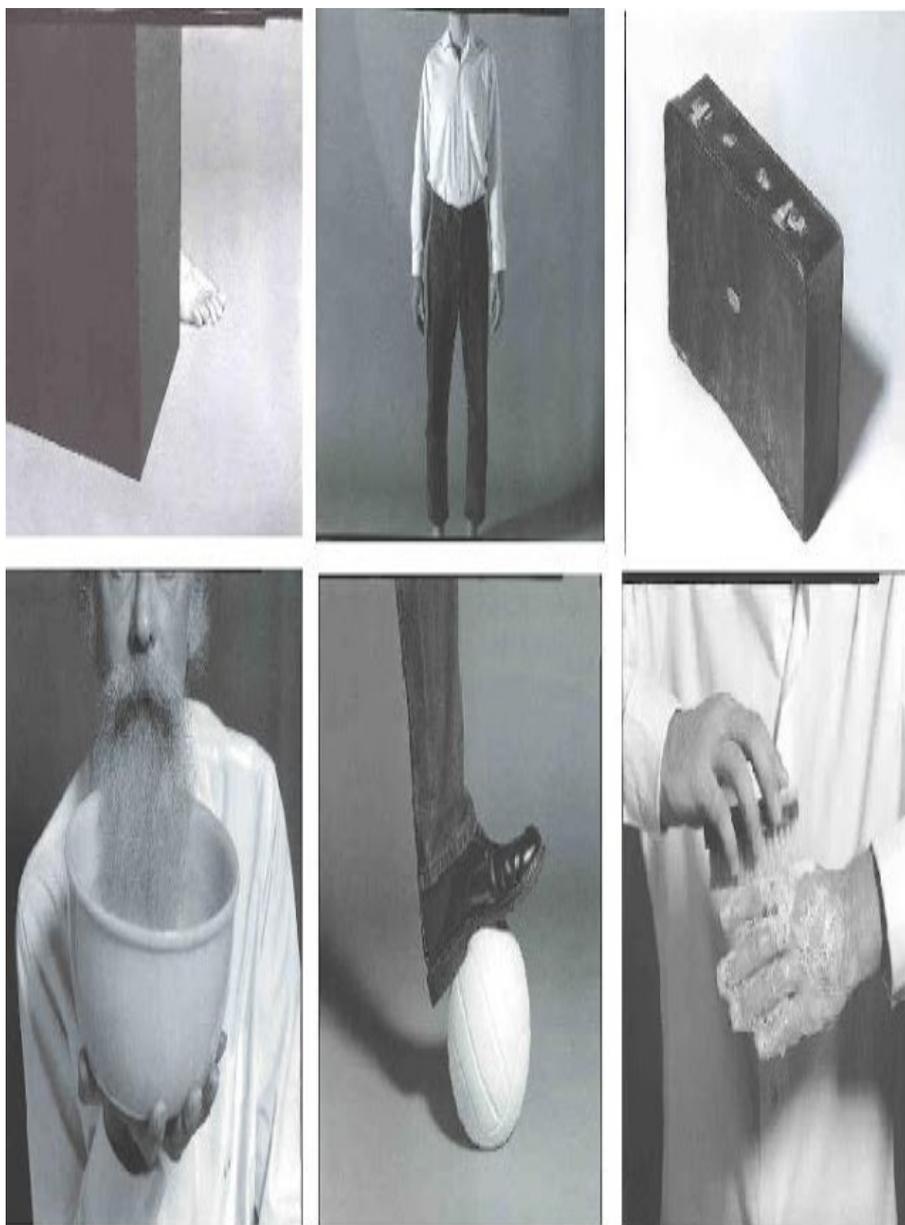
FIGURA 13- Expressões populares 2



Fonte:

http://2.bp.blogspot.com/_0_7ckzx60HM/S3CWuWbSpyI/AAAAAAAAAGU/3yWcMfNKxdI/s1600-h/express%C3%B5es+2.JPG

FIGURA 14 - Expressões populares 3



Fonte: http://3.bp.blogspot.com/_0_7ckzx60HM/S3CYwhxyHuI/AAAAAAAAAGk/pYjo-LJ0cr0/s1600-h/express%C3%B5es4.JPG

FIGURA 15 - Expressões populares 4



Fonte:

http://4.bp.blogspot.com/_0_7ckzx60HM/S3CX3QXoeEI/AAAAAAAAAGc/0vWkPW6T8Mc/s1600-h/express%C3%B5es+3.JPG

Proposta: Criar desenhos feitos a partir de sugestões de EIs, previamente planejadas.

3.1.9 Módulo 9²¹

Duração: 4 horas/aula

²¹ Módulo autoral.

Atividades realizadas:**• Produção final**

- ❖ Elaboração e criação de Gifs e animações com o recurso de aplicativos pelo celular.
- ❖ Pesquisa pelos grupos do significado das expressões que usaram na animação.
- ❖ Pesquisa pelos grupos da origem das expressões que usaram na animação.
- ❖ Pesquisa pelos grupos de imagens, da internet, que ilustram as expressões que usaram na animação.

Os aplicativos podem ser pesquisados e escolhidos pelos alunos. Sugerimos também os seguintes aplicativos para a criação de GIFs: FLIPACLIP - ANIMATOR e FILMORA GO.

É importante que as atividades sejam feitas em grupos e que o professor faça as mediações por meio de orientações para melhor aproveitar o tempo de aula.

Para desenvolver essa atividade, use o celular:

- 1- Escolha EIs e pesquise o sentido das expressões escolhidas.
- 2- Procure descobrir, pesquisando, a origem das expressões escolhidas.
- 3- Pesquise imagens, da internet, que ilustram as expressões escolhidas.
- 4- Elaboração e criação de Gifs e animações com o recurso de aplicativos pelo celular.

A seguir, faremos a descrição e a análise dos resultados obtidos com o desenvolvimento desta pesquisa.

4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Para dar início ao desenvolvimento do projeto, durante uma aula ordinária, foi lançada a proposta de aplicação do projeto “O USO DO CELULAR NAS AULAS DE PARA O ENSINO DO LÉXICO”. Os alunos ficaram entusiasmados e bastante motivados a participarem das atividades que ocorreriam fazendo uso do celular nas aulas de língua portuguesa. Iniciar um projeto com alunos de nono ano do Ensino Fundamental II requereu um trabalho motivacional bem estruturado, pois a faixa etária desses alunos se enquadra numa fase de desenvolvimento físico, intelectual e emocional complexa, que é a adolescência. Com isso, eles são ao mesmo tempo receptivos e críticos a novas possibilidades, como também são atenciosos e dispersos, uma vez que são várias as demandas e os interesses, próprios da idade e da contemporaneidade. Nesse sentido, Cavenaghi; Bzuneck, (2009, n.p) enfatizam que:

A motivação é um aspecto importante do processo de aprendizagem em sala de aula, pois a intensidade e a qualidade do envolvimento exigido para aprender dependem dela. [...] um estudante motivado mostra-se envolvido de forma ativa no processo de aprendizagem, com esforço, persistência e até entusiasmo na realização das tarefas, desenvolvendo habilidades e superando desafios.

O principal fator motivacional da turma do nono ano do Ensino Fundamental II, envolvida no projeto, foi o desejo de ter a liberdade de usar o celular durante as aulas. Na primeira aula do primeiro módulo, foi feita uma discussão, mediada pela professora responsável pelo projeto, em forma de roda de conversa. Na oportunidade, foi dada a palavra para que os alunos falassem sobre as regras do uso do celular na escola. Eles se lembraram de todas as regras vigentes no regimento escolar. Na conversa ficou acertado que o celular seria usado somente para as atividades realizadas no projeto. Foi salientado, pela professora, que o uso adequado e direcionado seria responsável pelo sucesso ou insucesso do projeto, pois se o celular atrapalhasse as outras aulas haveria reclamações por parte da direção da escola e dos pais. Essa conscientização ajudou na condução das atividades propostas.

Para que o desenvolvimento do projeto pudesse ser realizado, na primeira reunião pedagógica ordinária do ano de 2019, prevista para apresentação dos professores, equipe diretiva e demais funcionários da escola, foi exposto aos pais os propósitos do projeto. Com o detalhamento dos objetivos, os pais se manifestaram de forma positiva, e para surpresa (uma vez que se esperava alguma resistência) a adesão foi total e sem ressalvas. Vale salientar aqui, neste espaço, a recepção elogiosa por parte das famílias dos alunos da pesquisa. Vários pais

pediram a palavra para dizer que o projeto era bem-vindo, uma vez que o uso do aparelho celular na escola causava conflitos entre a escola e os alunos, sendo que os responsáveis sentiam necessidade de que os filhos levassem o aparelho celular para a escola por motivações particulares, tais como ter facilidade de comunicação na saída, tanto para relatar possíveis atrasos, quanto para indicar local de estacionamento, entre outras particularidades de organização dos familiares. Mostraram satisfação com o fato de a escola estar buscando inovações na metodologia de ensino, o que para os pais é visto como motivador. Percebemos por essa reunião que essa busca por novas metodologias não é uma preocupação somente da escola, e sim, também, da comunidade escolar. Essa percepção foi gratificante, uma vez que percebemos a parceria família-escola, que é um laço fundamental para o sucesso do ensino/aprendizagem, e até mesmo para a contenção da evasão escolar.

Assim feito, a professora envolvida no projeto distribuiu o documento “TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA RESPONSÁVEL LEGAL POR MENOR DE 18 ANOS”, que foi previamente xerocado. Foi feita a leitura do documento, em voz alta. Depois de realizada a leitura do referido documento, a professora deu a palavra aos pais, para que tirassem as possíveis dúvidas através de questionamentos. Mostrando-se interessados no projeto, vários pais, presentes, teceram comentários sobre o termo, a fim de inteirar-se das particularidades expostas pelo documento, tais como:

Pai 1: - E se meu filho sair desta escola?

Pai 2: -E se meu filho não estiver gostando do projeto, ele pode sair do grupo?

Pai 3: -E se meu filho não estiver gostando do grupo de que faz parte, ele pode ir para outro grupo?

Pai 4: - O que acontece se meu filho precisar faltar nos dias do projeto?

Pai 5: - Tenho filho em outra sala da escola. Ele poderá participar do projeto?

Importante: As outras perguntas que foram feitas pelos pais, giravam em torno das que, foram relatadas neste texto, por isso não serão abordadas.

Respondidos os questionamentos e com todos os aspectos, concernentes ao projeto, esclarecidos, os pais assinaram o termo que havia sido distribuído, lido e comentado, autorizando, desse modo a participação dos filhos no projeto em tela.

A escola, na qual o projeto foi desenvolvido, é uma escola pública estadual da SEEMG, que atende alunos do Ensino Fundamental II e Ensino Médio, com aproximadamente 1.100 (um mil e cem alunos) regularmente matriculados nos períodos matutino, vespertino e noturno. Esta

escola é bem tradicional na cidade e foi inaugurada em 1959. Várias autoridades políticas, médicos, advogados, servidores públicos foram formados por esta escola, que sempre realiza, com sucesso, vários projetos reconhecidos pela comunidade escolar. Tendo essa tradição de trabalhar projetos pedagógicos, a escola manifestou receptividade positiva desde o momento em que houve a proposição de execução das atividades. No ano letivo de 2019, havia na referida escola duas turmas de nono ano do Ensino Fundamental II.

O primeiro contato foi com a diretora da escola, a qual se mostrou entusiasmada com o relato dos objetivos do projeto, e com a realização deste com os alunos da escola. Colocando a escola à disposição, pude contar com a colaboração e compreensão de todos os funcionários.

O segundo contato foi com a vice-diretora do turno, nesse caso, o turno vespertino, que, seguindo os passos da diretora, também acolheu o projeto com disposição, após inteirar-se dos objetivos a serem alcançados pelo projeto.

O terceiro contato foi com a supervisão e orientação educacional, que, nessa escola, especificamente é exercida por uma funcionária, somente, uma vez que são sete turmas na escola, e essa profissional acumula as duas funções. Igualmente a direção e a vice direção abraçaram o projeto e se dispuseram a ajudar no que se fizesse necessário.

Durante o desenvolvimento das atividades propostas não houve nenhuma intercorrência que precisou do envolvimento desses profissionais, uma vez que o empenho dos alunos no projeto impediu brincadeiras de mau gosto, ou conversas que atrapalhassem as aulas e a realização das atividades propostas.

À escola dedicaremos eterna gratidão pela possibilidade de desenvolvimento do projeto durante as aulas e pela receptividade do projeto.

Os alunos do projeto foram, desde o início da idealização do mesmo, escolhidos por serem alunos em final de etapa escolar, o Fundamental II. Foi levada em consideração, também, a maturidade esperada de um nono ano, uma vez que são da faixa etária entre 13 e 15 anos.

Desde o primeiro momento em que a proposta do projeto foi colocada em pauta, a receptividade dos alunos, bem como o entusiasmo e motivação foram notórios e mantidos em todas as atividades, durante todo o processo de execução do projeto. Todos se envolveram na realização das atividades propostas, mostrando-se curiosos e participativos. A todo o momento relatavam a alegria de poderem participar do projeto e se mostravam empenhados, mostrando capricho nas atividades.

Uma iniciativa, que demonstra esse interesse, foi o fato de espontaneamente providenciarem um caderno, exclusivo, para as atividades proposta no projeto.

Ao término do projeto, os alunos enfatizaram que foram as aulas mais marcantes que tiveram na escola, muito embora essa escola, na qual desenvolvemos este trabalho, tenha o costume de trabalhar vários projetos durante o ano letivo.

Relevante, ainda ressaltar que, no período da realização das atividades do projeto, os alunos não faltaram à aula. Foram registradas, somente duas faltas às aulas, de uma aluna que a mãe estava doente. A importância desse fato se dá porque, não havia nessa turma, compromisso com a assiduidade, e por qualquer motivo, muitos alunos faltavam. Isso comprova a adesão da turma.

Outro ponto a destacar foi o fato de que na finalização do projeto, alguns alunos nos deram o caderno, como forma de agradecimento e de marcar a memória de um ano letivo feliz e de um projeto significativo para a turma.

Para a realização das atividades previstas, a sala foi organizada em 6 (seis) grupos, sendo 3(três) grupos compostos de 6(seis) alunos e 3(três) grupos compostos de 5(cinco) alunos. Os grupos foram formados por afinidades, tendo em vista que a turma é, praticamente, a mesma desde o sexto ano, salvo uma ou outra alteração, com saída ou entrada de colega.

A experiência de desenvolver um trabalho em grupos com essa turma foi muito positiva. A cada módulo os grupos prontamente se organizavam para dar início às atividades, e isso facilitou muito a organização da turma.

Por estarem juntos, na mesma turma há praticamente quatro anos, eles são muito cooperativos e já conhecem as dificuldades e talentos dos colegas, sempre dispostos a se ajudarem mutuamente.

A pesquisa foi dividida em 09 (nove) módulos, para o desenvolvimento das atividades necessárias à ampliação do léxico por meio do celular.

A seguir, descreveremos os módulos e as observações feitas durante a realização das atividades propostas.

O módulo 1 teve a duração de 4 horas/aula, como previsto. Neste módulo as atividades realizadas foram, inicialmente, a divisão dos grupos (a sala foi dividida em seis grupos), e não demandou muito tempo, uma vez que, como já mencionado os alunos se conhecem bem e mantem uma boa relação de convivência e amizade.

Na sequência, demos início à criação de um BLOG, no qual seriam postadas todas as atividades do projeto e que servirá de fonte de pesquisa para os interessados no tema abordado pelo projeto. Nesse momento os alunos, fizeram no seu grupo as propostas de nome para o BLOG, e escolheram um para ser sugerido para toda a turma. Foram seis sugestões que foram votadas e o nome escolhido foi *VIAJANDO PELA LÍNGUA PORTUGUESA – EXPRESSÕES*

IDIOMÁTICAS. Disponível em <https://viajandoplpt.wixsite.com/vplp>. Esse momento da aula foi demorado, pois houve muita discussão acerca do nome do BLOG.

Definido o nome, passamos para a etapa de criação, propriamente dita, do BLOG. Essa etapa foi muito rápida, uma vez que os alunos são muito familiarizados com as ferramentas tecnológicas. Os alunos se organizaram para a escolha do “*design*” do BLOG e a nós coube, inserir uma foto pessoal e nos descrever, bem como fazer a apresentação do projeto a ser postado. Foi um momento de trabalho em equipe que se mostrou produtivo e cooperativo. Todos participaram de algum modo, a maioria dando ideias e seis representantes dos respectivos grupos, criando o BLOG, pelo celular.

Essa participação democrática dos alunos foi fator preponderante para o sucesso do trabalho desenvolvido. O fato sugerirem nomes em grupos e depois fazerem uma votação geral motivou os alunos que sentiram partícipes do processo de ensino-aprendizagem.

Na sequência do módulo I, após um primeiro momento motivacional, iniciamos as atividades, que já foram mostradas no capítulo Métodos e Procedimentos. Foram desenvolvidas as atividades de leitura e exercícios sobre Linguagem- Conotação e Denotação- Figuras de linguagem – Metáfora. Essas atividades foram previamente planejadas e nesse momento, já haviam sido inseridas no BLOG, para que os alunos pudessem acessá-las. Foi uma “novidade” para os alunos, terem as atividades no BLOG para acompanharem. Mesmo estando postadas, todas as atividades foram adrede xerocadas e distribuídas para toda a turma envolvida no projeto. Este BLOG foi pensado como um espaço, para que fossem divulgadas as atividades realizadas, e que essas pudessem ser acessadas por professores, alunos e outros que tivessem interesse no assunto: EIs para ampliação do léxico.

Os alunos se envolveram na atividade e se mostraram interessados e ansiosos para os módulos seguintes.

Como dispusemos de duas aulas com dois horários geminados, as atividades não perderam o foco e, assim, o interesse dos alunos se manteve.

Pensamos iniciar as atividades, objetivando a ampliação lexical, tendo como instrumento pedagógico o celular, abordando o conceito de LINGUAGEM, visto que o tema a ser explorado é intrínseco a esta. Houve a observação do que sejam Linguagens Conotativa e Denotativa, bem como a figura de linguagem Metáfora, uma vez que as EIs são constituídas dessas linguagens. De acordo com as observações de Castro (1978, p. 118) metáfora é um “[...] recurso inestimável e constante de criação e recriação dentro da língua, desde tempos imemoriais. É instrumento do conhecer e do nomear. Sua função é favorecida pelos tabus linguísticos, pelos eufemismos, e

por outros recursos”. Desse modo, a metáfora é um princípio do qual surge o sentido simbólico, não literal da linguagem diária, que são feitas e refeitas no uso.

Importante: Os alunos usaram o celular para acompanhar as leituras e realizaram as atividades no material xerocado. Depois de corrigidas, as atividades foram coladas no caderno, que prepararam, exclusivamente, para o projeto.

Vale ressaltar, ainda, que o comportamento disciplinar da turma, foi diferente das outras aulas, pois o envolvimento com as atividades não os deixou dispersar com conversas e brincadeiras, próprias da idade dos alunos.

O módulo 2 teve a duração de 4 horas/aula, nas quais foram realizadas atividades de leitura e interpretação de textos variados. Nesse módulo de leitura, o que surpreendeu foi o interesse pela leitura, o que é difícil de conseguir, visto que vários alunos não gostam de aula de leitura. Ficou notória a preferência pela leitura pela tela do celular.

Os textos selecionados para as atividades de leitura foram pensados de modo a abranger diversos gêneros textuais, nos quais aparecem os termos deslocados do seu sentido original.

O texto 1 conta, de maneira jocosa e por intermédio das EIs, um enredo do cotidiano, o que agradou bastante aos alunos, que se divertiram com a narrativa. Após a leitura silenciosa, em seguida, em voz alta, e os comentários pertinentes, os alunos grifaram no texto as EIs e logo após fizemos a correção. Dialogar sobre o texto e as EIs utilizadas pelo autor para o compor, foi importante pois alguns alunos desconheciam o sentido das expressões e a compreensão foi sendo construída por meio dos comentários da turma. Isso reflete a importância de a escola proporcionar espaços de discussões, uma vez que esse espaço possibilita ao aluno chegar a algumas conclusões, que sem os comentários dos colegas não conseguiriam. A partir dos comentários eles têm a oportunidade de ir reorganizando as hipóteses de interpretação do assunto comentado.

O texto 2 abordou várias EIs do português brasileiro. Nesse texto, vimos a origem de algumas EIs mais conhecidas. Nessa leitura, os alunos se mostraram muito curiosos com a origem das expressões. O conhecimento da origem de algumas EIs, estudadas nesse texto 2, possibilitou aos alunos a compreensão que a língua é dinâmica, que ela muda e busca sempre se ajustar às necessidades que vão se apresentando. Esse aprendizado foi, como eles mesmos disseram, muito importante para entenderem que a língua não é só a usada por nós, hoje, que é uma construção social e que se reinventa a todo momento que se fizer necessário. Ter essa noção de mutabilidade da língua é importante para compreensão de textos literários, principalmente, os textos produzidos em tempo remoto, como por exemplo, as novelas de cavalaria e cantigas de amor, de amigo, escárnio e maldizer.

Nos textos 3 e 4, fizemos a leitura de charges e propagandas, como forma de perceber o uso das EIs na construção destes textos, que visam a atingir um vasto público consumidor. Nesse momento discutimos os objetivos desses gêneros e a motivação dos criadores desses textos ao se apropriarem das EIs para suas construções. Por fim, fizemos a correção e comentamos sobre as atividades. Essa atividade proporcionou uma reflexão sobre o modo como são construídas, pensadas os textos publicitários. Discutimos sobre quais são os recursos que os publicitários lançam mão para atingir o público alvo. Essa discussão foi rica em aprendizado, pois, depois de realizada, os alunos entenderam que a publicidade é uma construção social, partindo da observação da realidade que nos cerca, para que possam conhecer o público, por meio dos comportamentos, anseios e principalmente da linguagem específica de cada grupo social a quem querem ter como consumidor. As EIs nos textos publicitários, têm como objetivo alcançar uma gama maior da sociedade para o consumo do produto veiculado. Em geral, são produtos que todas as classes consomem. Essa conversa serviu para traçarmos um diálogo sobre o consumo e o peso da publicidade nesse consumo.

Pela aplicação dessa atividade, pudemos perceber que a maior parte das expressões apresentadas nesses textos não era de domínio dos alunos. A cada expressão idiomática apresentada e comentada ia sendo gerado um misto de espanto e curiosidade. Outros lembravam que alguns familiares, principalmente avós e tios, mais velhos, usavam algumas das EIs presentes nos textos. Alguns disseram que ao chegar em casa, depois da aula, iriam conversar com os familiares sobre o assunto para verem se eles conheciam outras. Na aula seguinte, vieram cheios de novas EIs para apresentar. E essa apresentação foi espontânea, uma vez que não foi planejada, não foi solicitada. Essa atividade conseguiu fazer com que os alunos refletissem sobre o uso da língua entendendo que eles não são meros receptores passivos. Ao passo que iam entrando em contato com as EIs, vão também se apropriando destas e usando em outras situações que surgem. Essa é uma aprendizagem significativa, saber como transpor o saber de um lugar para outro, ou seja, de um contexto para outro. Assim, o aluno é modificado e modifica, pelo conhecimento, o seu entorno, o meio social no qual está inserido. Essa é a real aprendizagem que o aluno levará para a vida.

Deste módulo, devemos destacar o fato de que a possibilidade de realizar as leituras pelo celular motivou os alunos, que são resistentes à leitura, a realizar esta tarefa. À medida que foram lendo, foram, também, gostando e se interessando pelos textos, pelos assuntos. Uma das dificuldades enfrentadas pelos professores de Língua Portuguesa, nas aulas, é conseguir que os alunos leiam. Eles apresentam muita resistência a esse ato, às vezes por timidez, outras por falta de hábito de leitura. Muitos ignoram o texto recebido e não lê de modo algum. No

desenvolvimento do projeto todos leram silenciosamente e depois oralmente, sem exceção. Para nós, que por dois anos tentávamos fazer com que todos lessem, foi uma conquista imensurável. Isso proporcionou a oportunidade de desenvolver a oralização, possibilitando que a timidez que os impedia de ler para os colegas ouvirem se dissipasse, e assim por meio da segurança, que o conhecimento do assunto ofereceu, eles leram e gostaram de terem lido em voz alta para todos, na sala de aula. Muitas vezes os alunos não gostam de ler por receio de errar e, quanto mais se tem domínio do assunto, menos chances de errar. Desse modo, estar seguro é um facilitador, principalmente para os alunos mais inibidos.

No módulo 3, com duração de 1 hora/aula, a atividade realizada, em grupo, pesquisar com ajuda do celular a origem das EIs, com o objetivo de identificar a origem das palavras que compõem as expressões populares indicadas, percebendo se houve e como houve deslocamento do sentido original das palavras, de modo a formar um novo enunciado. Nesse módulo, planejamos fazer o inverso do módulo anterior, em que as origens das EIs foram apresentadas para a leitura. Nesse momento, foram feitas pesquisas sobre a origem de EIs, previamente selecionadas para esse fim.

Ao término das pesquisas, os alunos trocaram as atividades entre os grupos para verificação dos resultados.

Por fim, fizeram a apresentação das pesquisas dos grupos para a turma, socializando os conhecimentos construídos com a execução da atividade.

Os alunos se envolveram muito nessa atividade. Foram surpreendentes a concentração e a organização dos grupos para realizarem a pesquisa. Ao final das pesquisas, todos haviam pesquisado e transcrito para o caderno, e todos demonstraram que haviam entendido o assunto. Todas as dificuldades de compreensão foram sendo sanadas pelos próprios alunos, que iam levantando hipóteses sobre o sentido das EIs, até chegarem ao entendimento do sentido de cada uma. Essas discussões entre eles serviram para aguçar o desejo de entender o sentido e o contexto de uso, e principalmente a origem das EIs. Isso revela que para o aluno é importante perceber e entender a língua em uso. Não tem como realizar uma interpretação desconsiderando esse uso, uma vez que perceber o contexto é indispensável e fundamental para interpretar, para chegar ao sentido proposto. A compreensão de que devemos interpretar levando em conta que a linguagem pode ser literal e não literal, é importante para toda leitura.

No fim do módulo, os alunos pediram que fosse planejada outra atividade, como a realizada, pois todos gostaram muito de terem trabalhado em grupos e usado o celular para desenvolver as pesquisas e relataram que aprenderam muito.

O módulo 4 é importante observar que ele foi planejado para atender ao pedido dos alunos, que se interessaram muito em pesquisar a origem das EIs. Ficou repetitivo, mas atendeu às expectativas deles. O fato de serem atendidos fez com eles se sentissem alunos efetivos da pesquisa.

A cada pesquisa realizada e comentários feitos os alunos davam mostras de que o aprendizado estava sendo significativo, uma vez que todos sabiam opinar e discutir sobre as possibilidades de usos das expressões. A cada aula, os alunos traziam de casa novas expressões para apresentar para a turma. Esse foi o sinal esperado de compreensão e de adesão à pesquisa.

As atividades foram realizadas em grupo, pesquisar com ajuda do celular a origem das EIs, com o objetivo de identificar a origem das palavras que compõem as expressões populares indicadas, percebendo se houve e como houve deslocamento do sentido original das palavras de modo a formar um novo enunciado.

Nesse módulo, planejamos fazer o inverso do módulo anterior, em que as origens das EIs foram apresentadas para a leitura. Nesse momento, foram feitas pesquisas sobre a origem de EIs, previamente selecionadas para esse fim.

Ao término das pesquisas, os alunos trocaram as atividades entre os grupos para verificação dos resultados. Essa forma de correção, em que os grupos trocam as atividades entre si, e fazem as correções que julgam pertinentes é muito positiva pois os alunos checam as próprias respostas e passa a refletir sobre elas. Verificando os motivos dos próprios erros e dos erros do outro grupo. Assim, de modo reflexivo, vão construindo o próprio conhecimento.

Por fim, fizeram a apresentação das pesquisas dos grupos para a turma, socializando os conhecimentos construídos com a execução da atividade.

No final do módulo, os alunos receberam uma atividade para ser realizada em casa, com o objetivo de que a família pudesse acompanhar o que estava sendo feito no projeto, e isso surtiu um efeito muito positivo. Os pais comentaram que os alunos fizeram a atividade de casa com um empenho diferenciado e isso lhes agradou.

É importante frisar a relevância do Dever de Casa para a aprendizagem do aluno, bem como do estreitamento de laços ente estes e seus familiares. O momento em que o aluno está em casa, com sua família, realizando as tarefas propostas pelo professor é a oportunidade que os alunos tem de perceber o interesse que os pais tem na educação dos filhos e assim escola e família, olham na mesma direção, ambas preocupação com a formação do aluno. Nesse sentido, Parolin (2003 p. 99) reflete sobre a escola e a família:

tanto a família quanto a escola desejam a mesma coisa: preparar as crianças para mundo; no entanto, a família tem suas particularidades que a diferenciam da escola, e suas necessidades que a aproximam dessa mesma instituição. A escola tem sua metodologia e filosofia para educar uma criança, no entanto ela necessita da família para concretizar o seu projeto educativo.

Com a realização da atividade de casa, ficou nítida a alegria dos alunos, uma vez que os pais se envolveram com o tema. Esse envolvimento da família, escola e aluno, possibilita ao aluno compreender a importância de um aprendizado efetivo, e essa compreensão vai automática e conseqüentemente gerando motivação para aprender mais e mais.

No módulo 5, com duração de 2 horas/aula, iniciamos a aula fazendo a correção da atividade de casa. A seguir, iniciamos as atividades do módulo 5, que teve o objetivo de identificar que as EIs têm um correspondente denotativo, ou seja, podem ser reescritas, substituídas pela linguagem literal. Foi importante essa atividade, pois os alunos puderam perceber e chegar à conclusão de que nem sempre é recomendável o uso de EIs, como, por exemplo, em documentos oficiais. Eles identificaram que há, na língua, adequações e inadequações de certos usos. Identificar, explicar e reescrever as EIs, passando as EIs para a linguagem denotativa, foi a atividade proposta.

A atividade foi realizada por todos os grupos e socializada no fim da hora/aula.

Importante salientarmos que os alunos, à medida em que discutíamos sobre as EIs, iam chegando às suas próprias conclusões, como no caso acima exposto. Essas percepções sobre a língua em uso é um grande feito, o que nos deixou bastante satisfeita enquanto professora de Língua Portuguesa. Eles notaram que a língua é dinâmica e interessaram em perguntar a motivação dessa dinamicidade. Tivemos um diálogo sobre língua e sociedade, no qual eles compreenderam que estas estão imbrincadas, constituindo e sendo constituídas reciprocamente. Nesse diálogo fomos retomando as pesquisas sobre as origens das EIs, e reafirmando que tudo se dá em sociedade, em uso, atendendo às necessidades expressivas de um dado momento. O aluno chegar ao entendimento de que língua em uso é onde ela se efetiva, é importante, pois a partir deste *start* eles percebem que estamos a todo momento trabalhando com a língua, em um movimento contínuo e mutante, sempre nos adequando às situações de comunicação.

No módulo 6, com duração de 1 hora/aula, realizamos a proposta a leitura de um texto e a realização de atividades sobre o texto lido. Este texto, extraído de um jornal e adaptado pelo site uol, faz uso de EIs e feita a leitura, os alunos, questionados pela por nós, qual seria a motivação do autor do texto fazer uso das EIs num texto jornalístico, responderam que era para se aproximar do leitor, por meio de uma linguagem familiar a esse leitor pretendido. E a maioria

concordou que é uma boa estratégia de alcance ao leitor, que é uma linguagem que a maioria das pessoas consegue compreender.

Em seguida, realizamos uma atividade para reforçar que as palavras podem ser empregadas com um sentido literal, uma função objetiva ou podem ter um uso diferente, que é chamado sentido figurado.

A atividade foi realizada por todos os grupos e socializada no fim da hora/aula e depois desse momento, os grupos pediram para dar outros exemplos, oralmente, de palavras no sentido literal, que em outros contextos são usados no sentido conotativo. Esse momento foi importante para ratificar que todos entenderam os sentidos possíveis de uma palavra ou expressão.

Entender o sentido literal ou não literal da linguagem é fundamental para a compreensão e competência comunicativa, uma vez que o não domínio do que sejam essas linguagens criam entraves para essas. Para ficar mais claro, citamos o exemplo de uma piada, na qual temos a presença de linguagem não literal que se for entendida de modo literal não ocorre o entendimento da piada. Analisamos a piada, abaixo, a fim de ilustrar melhor o acima exposto:

Piada de Joãozinho e a Professora de Língua Portuguesa:

- Verbo andar

Joãozinho

A professora manda o Joãozinho conjugar o verbo andar no presente do indicativo, diz o menino com algumas dificuldades:

- Eu ando... Tu andas... Ele anda...

Sem muita paciência com o Joãozinho, diz a professora:

- Vá lá, mas depressa!

E diz o Joãozinho:

- Nós corremos, vós correis, eles correm!

Na piada, ilustrativa, temos que Joãozinho tomou a fala da professora: “ - Vá lá, mas depressa!” de modo literal, desconsiderando que era uma fala na linguagem não literal, depressa não no sentido de “andar correndo”, mas de conjugar os verbos mais rápido, uma vez que as reticências indica que Joãozinho não estava muito seguro das respostas e parava para pensar. A professora queria respostas rápidas que indicassem que ele havia aprendido as conjugações. Isto sinaliza que Joãozinho não faz distinção entre as linguagens denotativa e conotativa, não consegue perceber que a orientação era outra. Importante destacar que a “graça” da piada está e se dá justamente pela não compreensão da linguagem conotativa, ou como alguns dizem linguagem figurada ou não literal.

O falante de uma língua que não compreende piadas é significativo que este não faz distinção entre linguagem literal e não literal, ou seja, linguagem denotativa e linguagem

conotativa. Assim temos a necessidade de que os alunos tenham domínio dessas linguagens para melhor compreensão, interpretação de textos.

O módulo 7 teve 2 horas/aula de duração. As atividades realizadas foram ainda mais uma vez de leitura e atividades sobre o texto, uma vez que o objetivo é sempre o de ampliar o léxico e conseqüentemente melhorar as condições de leitura, oralidade, interpretação e produção de textos. Nessa atividade de leitura, os alunos já demonstravam um amadurecimento sobre o estudo em questão, comentando com mais segurança o texto e buscando encontrar nestes, EIs que ainda não conheciam. Todos queriam a vez para falar, e estavam sempre muito alegres com as descobertas. Grifaram no texto todas as expressões e passaram a contabilizar as que já conheciam e as novas. Essa iniciativa mostrou que o desejo deles era o de dominar o máximo de expressões possível.

As atividades desse módulo foram retiradas do site da UNESP.

Durante as discussões sobre os textos, nesta aula, surgiram alguns comentários acerca da linguagem utilizada, das escolhas lexicais feitas pelos mais velhos. No caso dos alunos, a linguagem usada pelos avós e bisavós, uma vez que a linguagem dos pais não difere muito da linguagem deles. O comentário foi o de que os avós têm uma linguagem estranha, e alguns teceram críticas a esse modo de falar. Nessa conversa, eles perceberam que cada geração tende a ter um vocabulário particular, que trazem em si as marcas da época na qual estão inseridos. O estudo das EIs os ajudou a entender que na linguagem não cabe preconceito, e que tudo na Língua Portuguesa tem a sua história, assim como cada EI tem sua origem, assim como cada grupo tem suas gírias que vão se renovando pelas gerações e caindo em desuso, e vão de certa forma marcando o modo de falar de uma dada geração. O preconceito linguístico deve ser trabalhado não só nos casos de “desvios linguísticos”, mas também, nesses casos discriminatórios de grupos, pela idade, sexo, entre outros, que têm seu próprio vocabulário como marca de uma faixa etária.

No módulo 8, com 2 horas/aula, os alunos fizeram a identificação de EIs em figuras, previamente selecionadas. Essas figuras foram selecionadas, postadas no BLOG e xerocada e distribuída para todos da turma. Os alunos não tiveram dificuldade de identificação, o que comprovou que as leituras e comentários dos módulos anteriores foram efetivos.

Em seguida, foi sugerido que os alunos elaborassem desenhos a partir de EIs. Eles gostaram muito desta atividade e foram capazes de expressar pelos desenhos a ideia literal da EIs, mas sabendo que a interpretação é figurada.

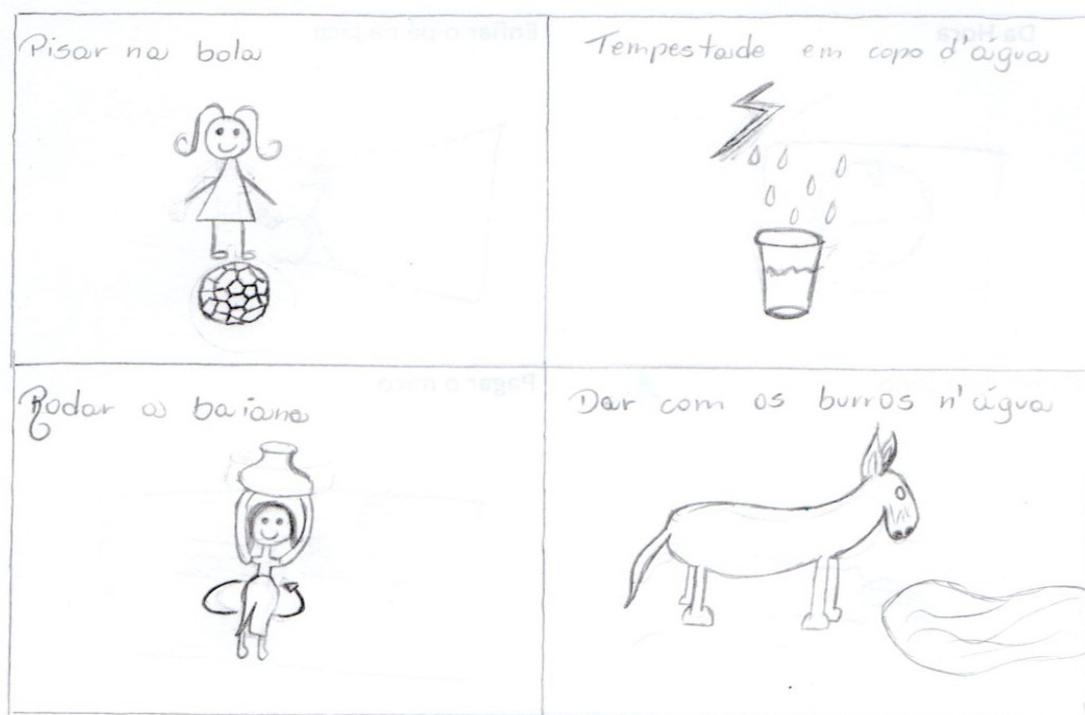
Ter a capacidade de expressar por meio de desenhos emoções e pensamentos. A palavra “desenho” que etimologicamente deriva do latim **DESIGNARE**: marcar, apontar, traçar”,

formado por **DE-**, “fora”, mais **SIGNARE**, “marcar, apontar”, de **SIGNUM**, “sinal, marca”, assim está vinculada à palavra **desígnio**, que significa, vontade de desenvolver alguma coisa; que demonstra intenção. Desse modo ao criar estes desenhos, os alunos demonstraram que têm a capacidade de expressar o pensamento. No momento em que os alunos estavam desenhando eles relatavam que esse ato de desenhar é para eles como estar brincando, e que é um ato prazeroso.

Mesmo que os alunos não tenham conseguido elaborar desenhos, que não tivessem a característica denotativa, o importante é que eles entenderam o contexto de uso de cada EI, e ainda, é relevante dizer que em todas as buscas realizadas temos sempre imagens denotativas, expressando as EIs, o que vem demonstrar que talvez os alunos necessitassem de inspiração ou exemplos para fazê-los de modo conotativo. Particularmente, também, durante pesquisas para este trabalho, não tivemos acesso a nenhum, muito embora possa haver sem que tivéssemos a oportunidade de encontrá-los.

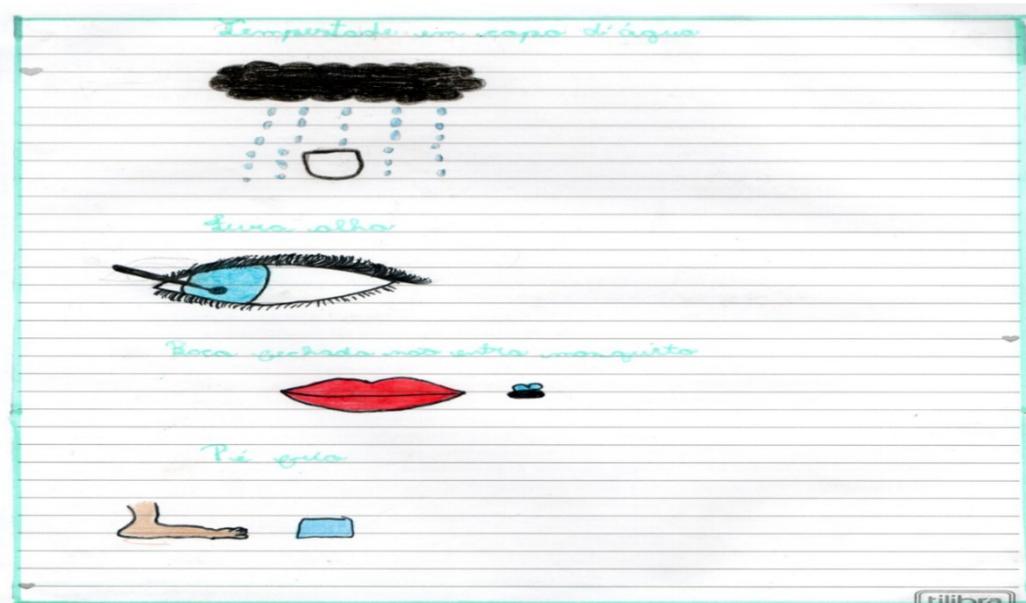
A seguir, selecionamos, aleatoriamente, alguns dos desenhos feitos pelos alunos a partir de sugestões de EIs, previamente planejadas, como forma de exemplificar a culminância da atividade proposta deste módulo.

FIGURA 16 - Desenhos feitos pelos alunos



Fonte: Blog criado pela professora pesquisadora.

FIGURA 17 - Desenhos feitos pelos alunos 2



Fonte: Blog criado pela professora pesquisadora.

FIGURA 18- Desenho feito pelos alunos 3





Fonte: Blog criado pela professora pesquisadora.

O módulo 9 com duração de 4 horas/aula, marcou o encerramento do projeto. Foi realizada, nesse momento a produção final e desenvolvida a elaboração e criação de Gifs e animações com o recurso de aplicativos pelo celular, depois que os alunos pesquisaram o significado e as origens das expressões que usariam nas animações, demonstrando assim que os alunos compreenderam os sentidos e usos das EIs e que estas são construções sociais.

Foram realizadas, também, pesquisas pelos grupos de imagens, da internet, que ilustrariam as expressões usadas nas animações.

Os aplicativos escolhidos foram pesquisados pelos alunos. E foram utilizados: FLIPACLIP - ANIMATOR e FILMORA GO para criação de GIFs.

Todo o material produzido foi postado no BLOG do projeto, ao qual os alunos nomearam de “VIAJANDO PELA - EIS”. Este BLOG apresenta o desenvolvimento e os resultados do projeto, e está disponível, na internet, para acesso de todos que tenham interesse sobre o assunto, pelo endereço eletrônico: “<https://viajandoplpt.wixsite.com/vplp>”

Pela qualidade das atividades e produtos realizados pelos alunos, podemos considerar que o projeto alcançou a sua proposta de ampliação do léxico, por meio do uso do celular como ferramenta pedagógica, estudando as EIs. Ao final, todas as EIs já estavam sendo entendidas em seus contextos. Isso no início não acontecia, pois a maioria das EIs que iam sendo apresentadas, nos primeiros módulos, causava estranhamento na maioria dos alunos.

O uso do celular na sala de aula para o ensino da Língua Portuguesa, na realização do projeto, foi eficiente, atendendo e mesmo superando as expectativas. A liberdade em usar o celular na sala foi fator motivador para os alunos aderirem ao projeto. Não foi registrado o uso

do celular na sala de aula, durante os módulos, em outros acessos que não às pesquisas propostas. Acreditamos que a preparação para o projeto surtiu o efeito esperado de adesão e compromisso com as regras do uso do celular, nas aulas.

A criação de GIFs também motivou muito os alunos, por ser um formato de imagem recente e que agrada muito aos adolescentes, especialmente.

A seguir, temos as transcrições das atividades desenvolvidas na culminância do projeto. Todas foram realizadas em grupo e com o uso do celular. Não tem a referência das atividades, porque os alunos se esqueceram de fazê-las, mesmo sendo orientados para tal. Ficou perceptível que, dado o nível de escolaridade, os alunos não têm, ainda, a noção real da necessidade de referenciar as pesquisas. Esse aspecto foi motivo para uma discussão não prevista. Mas de todo modo muito oportuno e necessário para a vida escolar desses alunos. Doravante, saberão que devem ter cuidados em atribuir autorias.

Os alunos buscaram as imagens e textos, pelo celular, na internet, para em seguida, por meio dos aplicativos, realizaram a atividade de criação das animações. Os textos não são dos alunos, mas, sim, cópias de buscas realizadas pelos eles e como já esclarecido nem todos os grupos tiveram o cuidado de fazer as devidas referencias, mesmo sendo solicitadas.

✓ TRABALHOS ELABORADAS PELOS GRUPOS DE ALUNOS²²

²² Nesta parte estarão postados os frames, uma vez que o Word não aceitou os GIFs. No BLOG, estão todos os GIFs dos alunos. As imagens e textos, apresentados, foram retirados da internet, pelos alunos. Estarão coloridos para melhor identificação do que foi produção dos alunos.

FIGURA 19 - Pesquisa do grupo 1 sobre a expressão “Andando nas nuvens”

ANDANDO NAS NUVENS

A expressão idiomática **andando nas nuvens** refere-se à pessoa que está distraída, desatenta, despreocupada, com o pensamento longe, imaginando coisas.

Exemplos:

- 1-Marcinha vive com a cabeça nas nuvens.
- 2- Marcinha ficou nas nuvens com a notícia que recebeu da mãe.

Origem da expressão

Os participantes do grupo não encontraram resposta.

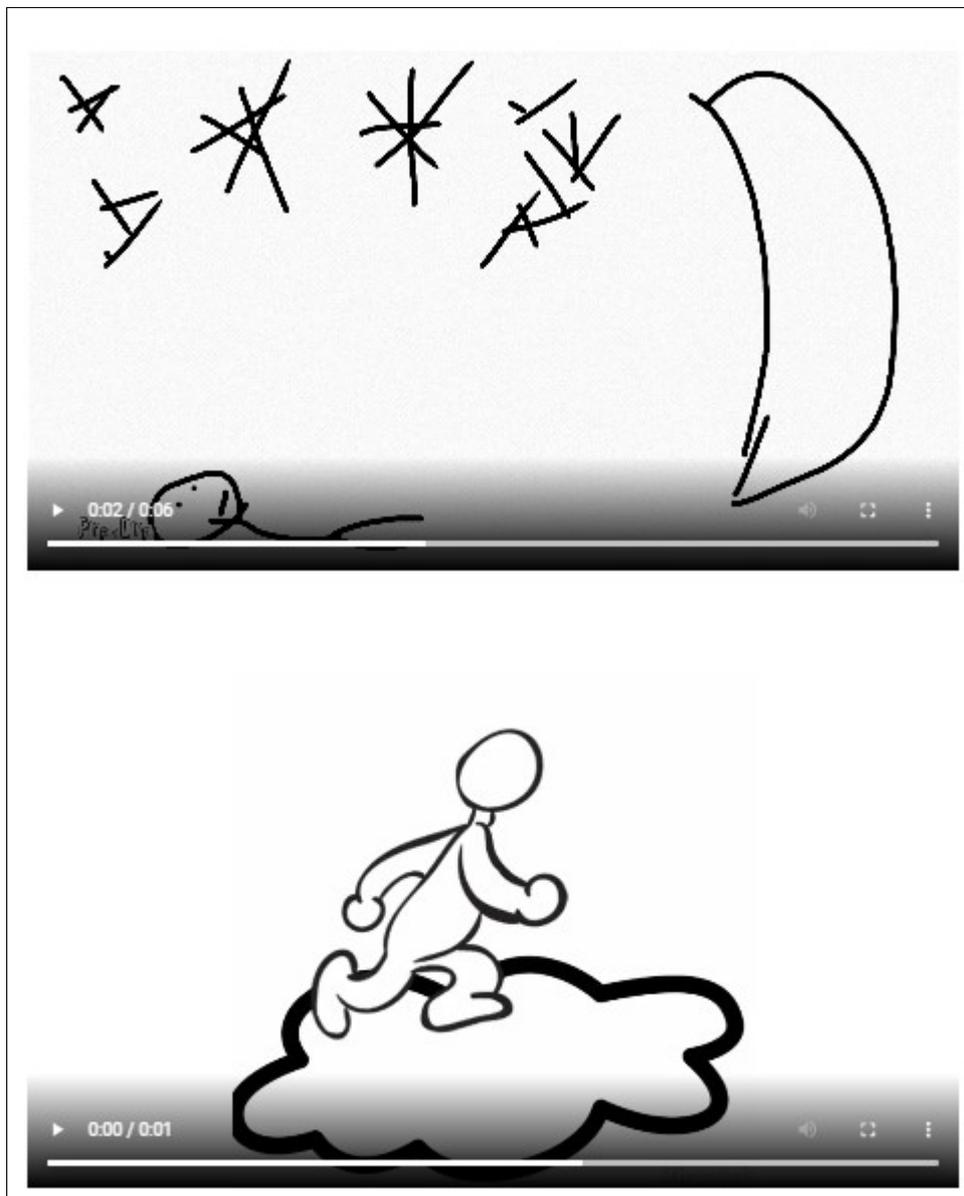
A photograph showing a person walking on a wet beach. The sky is filled with large, white, fluffy clouds, and the water on the beach perfectly reflects the clouds and the person walking. The horizon is visible in the distance.

Fonte: Blog criado pela professora pesquisadora.

Os alunos do grupo não encontraram resposta para a origem da expressão.

No momento da produção do Gifs, fomos dando suporte aos grupos. Ao mesmo tempo que orientamos, aproveitamos para observar se todos os alunos do grupo estavam ajudando na elaboração. Essa orientação direta nos grupos foi importante porque possibilitou notar que não se desviavam da atividade proposta, usando o celular para outros fins.

FIGURA 20 - GIFS do grupo 1 “Andando nas nuvens”



Fonte: Blog criado pela professora pesquisadora.

À medida que os grupos iam terminando a atividade proposta, os alunos, juntamente com a professora, postavam no Blog, previamente criado para esse fim, as atividades. A professora foi a responsável pelas postagens. A alegria dos alunos ao verem o resultado de seus trabalhos era sempre contagiante, uma vez que se sentiam produtores do próprio conhecimento.

FIGURA 21 - Pesquisa do grupo 1 sobre a expressão “Chutar o balde”

A expressão idiomática **chutar o balde** é uma expressão popular na Língua Portuguesa, utilizada no sentido de **"perder o controle"**, **"desistir de tudo"** ou **"abrir mão de algo"**, como uma resposta a um sentimento de raiva ou ira. Normalmente, esta expressão também pode significar **"perder a calma"**, **"perder a paciência"**, **"ficar nervoso"** ou **"ficar com raiva"**. Pode ser interpretada como uma condição insustentável, quando alguém chega a um limite de tolerância em relação a algo e **"explode"**, manifestando toda a frustração, raiva, ira e outros sentimentos que estavam reprimidos. Desistir de uma situação, como reação a um sentimento de raiva, decepção ou cansaço: tem dias que dá vontade de chutar o balde e recomeçar do zero. Perder o medo, o receio, e tomar uma atitude radical: temos que deixar extravasar, enfrentar, chutar o balde, e dizer o que está entalado na garganta.

EXEMPLO:

Talvez pela exaustiva exigência do tal 'politicamente correto' estar peirando por aí, os programas de humor estejam sentindo a necessidade de "chutar o balde". *Folha de S.Paulo, 13/11/2011*

Origem da expressão

A origem de "chutar o balde" na Língua Portuguesa é desconhecida, mas a expressão, no sentido atribuído pelos ingleses, seria uma referência à morte por enforcamento. No entanto, existe também outra versão da história, que se refere aos antigos matadouros de porcos.



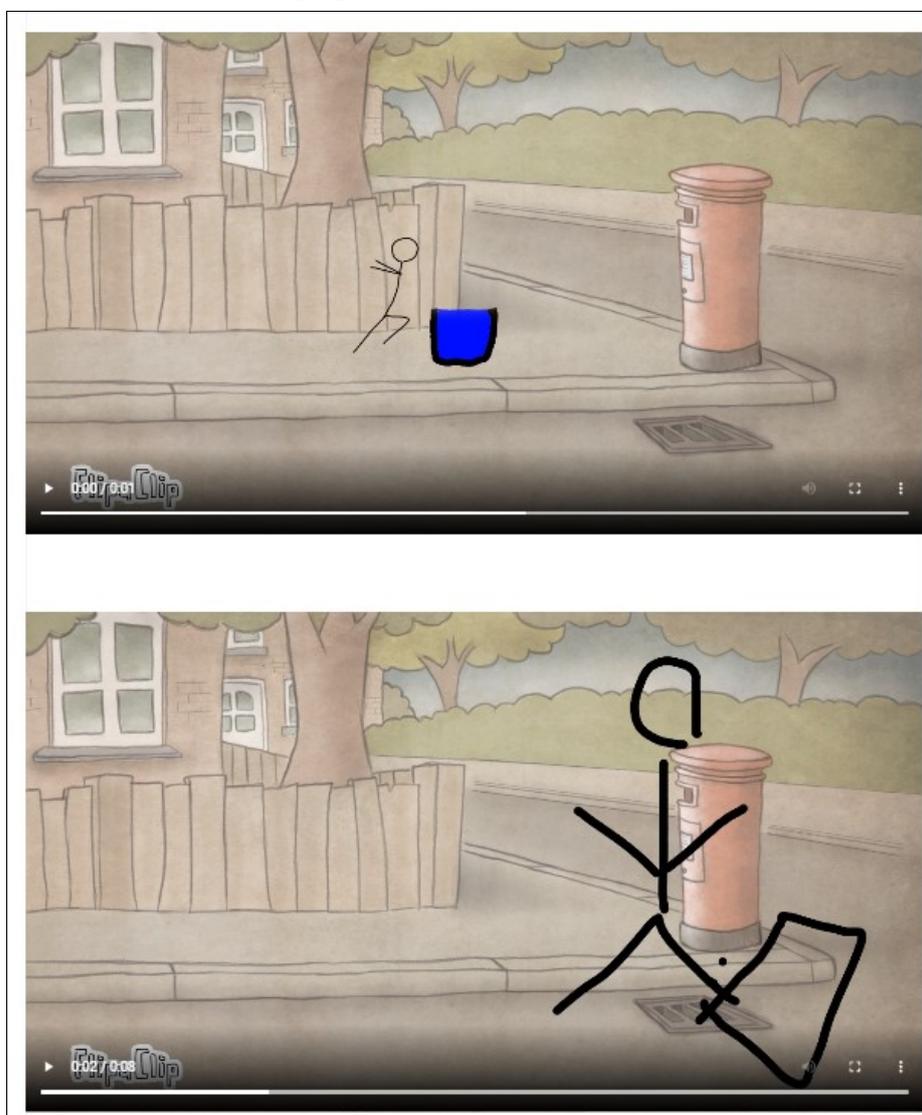
Fonte: Blog criado pela professora pesquisadora.

Alguns grupos quiseram produzir dois GIFs, porque gostaram muito das atividades, porém a proposta foi de um GIF para cada grupo. Isso denota o interesse da turma pela atividade proposta. Quando se planeja uma atividade, é necessário estar atento se estas serão de interesse dos alunos em realizá-las. Esta atividade, especificamente, foi do agrado dos alunos por dar oportunidade de trabalhar em grupo, e também, de se expressarem. O trabalho em grupo vem, já há um tempo, se mostrando muito significativo e necessário na formação do cidadão, e na contemporaneidade, isso se tornou crucial, visto que o mercado de trabalho assim o requer. Para prepararmos os alunos para exercer suas funções sociais, no mundo do trabalho, se faz mister, prepará-los para trabalhar em grupo de modo eficiente. Segundo Witter (s.d):

A aprendizagem para o trabalho em equipe começa na pré-escola com o aprendizado do trabalho em cooperação, com adequada divisão de tarefas e responsabilidades, com o aprender a respeitar o outro. Deve prosseguir nos vários anos acadêmicos até a Universidade.

O desenvolvimento deste trabalho, em grupos, reforçou os laços de amizade e afinidades dos alunos, e reiterou a capacidade, que os alunos que participaram do projeto, demonstrava sempre de ser cooperativa, unida e amigável, uma vez que houve muita ajuda dentro dos grupos e mesmo entre eles.

FIGURA 22 - GIFs do grupo 1 “Chutando o balde”



Fonte: Blog criado pela professora pesquisadora.

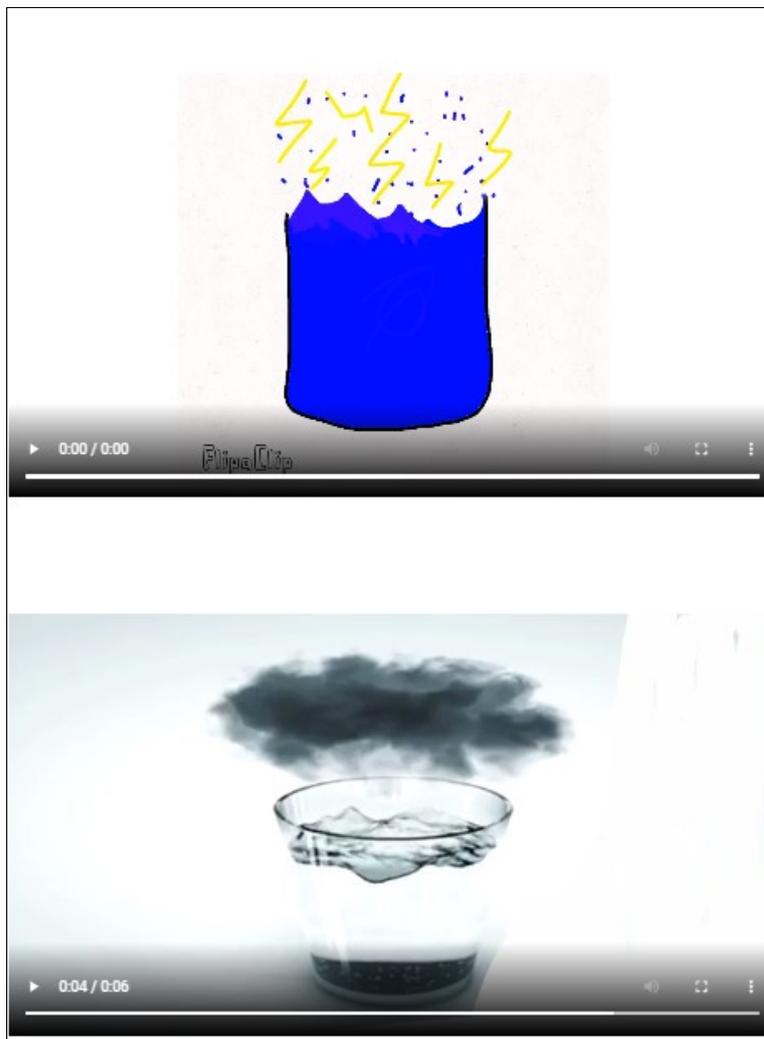
FIGURA 23 - Pesquisa do grupo 2 sobre “Fazer tempestade em copo d’água”



Fonte: Blog criado pela professora pesquisadora.

Conforme os trabalhos avançavam e as primeiras equipes iam terminando e postando o resultado da atividade proposta, os grupos que ainda não haviam concluído, sentiam-se estimulados a terminar e ainda mais a superar a qualidade da equipe anterior. Isso foi gerando uma qualidade, um resultado cada vez melhor. Notamos, também, a alegria dos colegas ao verem que as outras equipes terminarem seus trabalhos.

FIGURA 24 - GIFs do grupo 2 “Fazer tempestade em copo d’água”



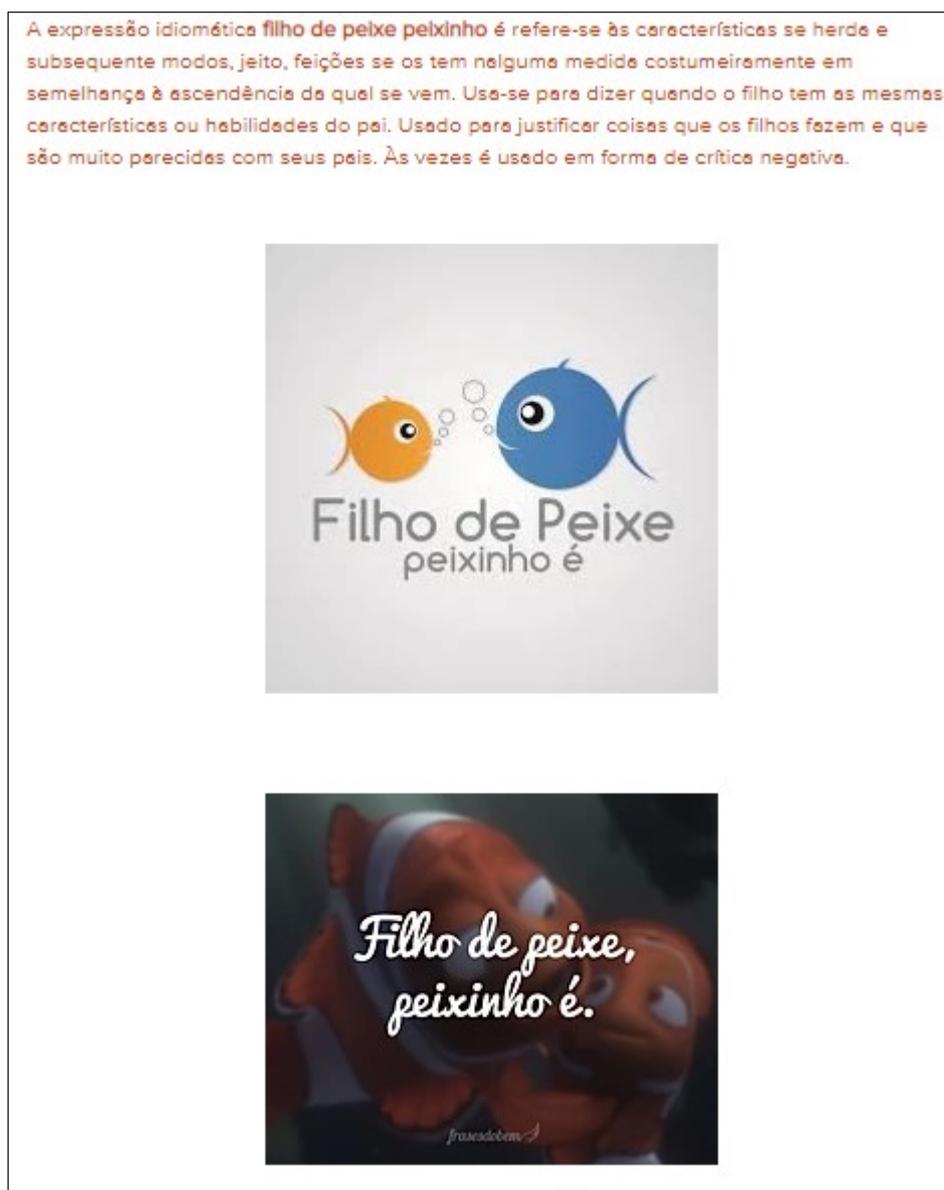
Fonte: Blog criado pela professora pesquisadora.

Origem da expressão

Os alunos do grupo não encontraram resposta.

Ainda que nem todas as equipes tenham encontrado as respostas esperadas para a origem da expressão estudada, isso não atrapalhou no entendimento das EIs. De certa forma, esperávamos que isso ocorreriam, uma vez que não temos muitas fontes sobre esse tema.

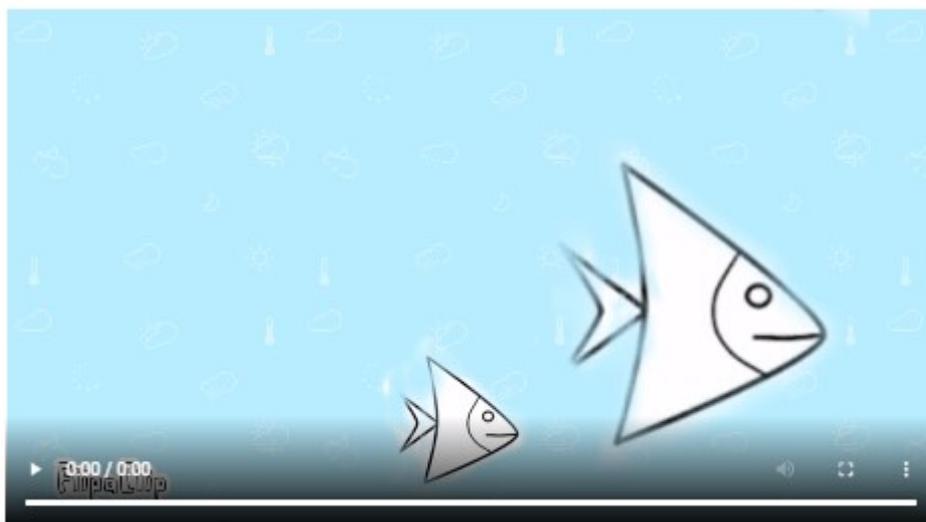
FIGURA 25 - Pesquisa do grupo 2 sobre “Filho de peixe peixinho”



Fonte: Blog criado pela professora pesquisadora.

Nos momentos de trabalhos em grupos, o professor deverá sempre usar da habilidade de administrar conflitos, e ter um olhar para organizar a formação das equipes. Sempre tendo o cuidado de não deixar equipes formadas com alunos com a mesmas habilidades juntos. Assim, as equipes ficaram o máximo possível equilibradas, mas logicamente, com algumas em destaque. No entanto, independente da qualidade final, o empenho de todos foi notório.

FIGURA 26 - GIFS do grupo 2 “Filho de peixe peixinho”



Fonte: Blog criado pela professora pesquisadora.

FIGURA 27 - Pesquisa do grupo 3 sobre “Chorar o leite derramado”

Não adianta ficar lastimando e reclamando de algo ruim que passou, que aconteceu. Sentido arrependimento tardio, também é aceitável. Chorar sobre o leite derramado é uma expressão popular na língua portuguesa, utilizada no sentido de reclamar ou se entristecer por algo de ruim que já aconteceu. A partir desta frase, surgiu outra expressão bastante popular entre os brasileiros: "não adianta chorar sobre o leite derramado", que significa não valer a pena lamentar algo que já passou. Esta expressão pode variar, de acordo com algumas regiões, para "não adianta chorar pelo leite derramado". Normalmente, estas expressões são utilizadas em um contexto de consolo.

Fonte: Blog criado pela professora pesquisadora.

FIGURA 28 - GIFS do grupo 3 “Chorar o leite derramado”



Fonte: Blog criado pela professora pesquisadora.

FIGURA 29 - Pesquisa do grupo 4 sobre “Viajar na maionese”

É uma expressão idiomática usada para indicar que alguém fez ou disse alguma coisa sem lógica ou sentido, como uma bobagem ou um absurdo. É usada também para afirmar que alguém está distraído, que não está prestando atenção ao que está acontecendo.



Origem da expressão

A expressão surgiu nos presídios cariocas na década de 1970. A população carcerária, que tinha preconceito contra homossexuais, costumava modificar alguns verbos e expressões que pudessem ter duplo sentido. O verbo “servir”, por exemplo, era considerado gay. O ofício de “servir refeições” teve seu nome modificado para “pagar refeições”. A mesma coisa aconteceu com a expressão “escorregar no quiebo”, que na época era usada quando alguém falava uma besteira ou cometia uma gafe. Como a expressão também podia servir para tirar zorra de um homem que cometesse algum deslize ofeminado, os presidiários trataram de separar as coisas, inventando uma nova gíria. Foi então que surgiu a expressão “viajar na maionese”, que, sem duplo sentido, passou a ser usada para referir a quem cometesse uma gafe.

Existem algumas teorias que tentam explicar a origem da expressão *viajar na maionese*. Desde viagens prometidas e não oferecidas por uma fábrica de maionese até uma frase utilizada nos presídios do Rio de Janeiro para indicar que se cometeu um erro. Nenhuma dessas versões é, contudo, considerada oficial.

A criação desta expressão poderá ter como base o próprio significado das palavras. O verbo *viajar* pode ser usado com o sentido de delirar ou alucinar. O substantivo *maionese*, com sentido figurado, indica um conjunto de coisas misturadas e confusas, ou seja, uma miscelânea, desordem ou confusão.

Exemplos de uso da expressão:

- Você está viajando na maionese com essa história!
- Desculpe a confusão, viajei na maionese!
- A conversa esteve ótima até que ele começou a viajar na maionese sem mais nem menos!
- Preste atenção! Sempre viajando na maionese!
- Aula de história: hora de viajar na maionese!

Nota: Existe também a expressão *escorregar na maionese*, mais usada com o sentido de cometer um erro, dar uma mancada.

Fonte: <https://www.dicio.com.br/origem-expressao-viajar-na-maionese/>

Fonte: Blog criado pela professora pesquisadora.

FIGURA 30 - GIF do grupo 4 “Viaja na maionese”



Fonte: Blog criado pela professora pesquisadora.

FIGURA 31 - GIF do grupo 4 “Viaja na maionese”



Expressões idiomáticas

"Pisar na bola"

PISAR NA BOLA é o mesmo que dar mancada, vacilar, errar com alguém, cometer um equívoco, vacilar, dar mole, decepcionar, não fazer o que foi combinado. "Pisar na bola" quer dizer "decepcionar alguém com ou sem intenção", "não fazer o que foi combinado".

Pisar na bola é o mesmo que dar mancada, vacilar, errar com alguém, cometer um equívoco.

Alguns exemplos:

- 1- Paulo marcou um almoço e não compareceu. Ele pisou na bola comigo.
- 2- O funcionário não está fazendo o que o chefe pediu. Ele já pisou na bola duas vezes esta semana.
- 3- Ele vai ser demitido da companhia se pisar na bola novamente.
- 4- Caramba... o Pedrão pisou na bola comigo vei...Marquei de me encontrar com ele hoje aqui no Shopping e ele não veio...Pisou na bola legal.

FONTE: <https://qualeguria.com.br/guria/pisar-na-bola/>

Origem da expressão

A expressão idiomática pisar na bola teve sua origem no futebol, quando numa jogada de gol o jogador pisa na bola perdendo a oportunidade de balançar as redes.

Fonte: Blog criado pela professora pesquisadora.

FIGURA 32 - GIF do grupo 5 “Pisar na bola”



Fonte: Blog criado pela professora pesquisadora.

FIGURA 33 - Pesquisa do grupo 4 sobre “Quebrar um galho”



Quebrar um galho

Expressões idiomáticas

“Quebrar um galho”

Brasil

A expressão quer dizer resolver ou ajudar a resolver um problema. Também pode significar fazer um favor para alguém ou improvisar. Um quebra-galho pode ser uma pessoa, uma coisa ou uma maneira para resolver situações complicadas. Também se pode chamar de quebra-galho uma pessoa que tem habilidade para resolver diferentes problemas, quase sempre de maneira criativa e rápida.

Origem da expressão

A história mais conhecida sobre a origem do termo "quebrar o galho" diz que a expressão vem da religião Umbanda. Conta-se que uma das entidades espirituais mais conhecidas e procuradas para solucionar problemas é o Exu Quebra-Galho, que tem esse nome por ser um dominador das matas e florestas.

Fonte: Blog criado pela professora pesquisadora.

FIGURA 34 - GIF do grupo 6 “Quebrar um galho”



Fonte: Blog criado pela professora pesquisadora.

É importante ressaltar que os alunos não conseguiram produzir GIFs não literais, mas entenderam o sentido da EI e seu contexto de uso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A própria história do percurso do homem, nos mostra que ele teve sempre o desafio de se adaptar ao seu momento histórico e às transformações que ocorrem nesse dado momento. De caçadores-coletores nômades passam a dominar as técnicas de agricultura, sempre se adequando ao novo. E assim, de adequação em adequação, chegamos ao nosso tempo e conosco está a tecnologia cibernética. Desse modo, historicamente, é impossível se negar a aceitar as mudanças, que são intrínsecas à trajetória humana. Por nosso turno, contemporaneamente, vivemos, também, mudanças, que não podemos negar, exigindo, assim, uma constante busca pela adaptação/adequação a esse novo tempo e novo modo de vida que a tecnologia trouxe.

Nessa direção é que desenvolvemos a pesquisa em questão, na qual visamos a inserir o celular nas aulas de Língua Portuguesa, pois sabemos que o mundo virtual nos processos de ensino-aprendizagem é uma necessidade que se apresenta, nestes novos tempos. Procuramos, então, suprir a necessidade de buscar mecanismos que quebrassem as barreiras entre a realidade e o ensino, uma vez que continuar com modelos de aula que foram producentes em tempos, quando as demandas eram outras, não mais se justificavam. Dessa maneira, traçamos estratégias produtivas de uso de recursos virtuais nesta pesquisa, e foi um grande desafio, pois controlar o acesso aos sites e redes sociais, como *WhatsApp*, *Instagram*, entre outras, não é tarefa simples para o professor desenvolver. Não obstante a dificuldade, a concretização dessa experiência caminhou positivamente, e esse controle se mostrou possível, com uma orientação prévia, uma conscientização do como se daria o uso pedagógico do celular nas aulas de Língua Portuguesa.

A partir da conscientização e do próprio anseio dos alunos em aprender de uma maneira menos tradicional, ou seja, lousa, livro didático, material xerocado, os trabalhos com as atividades propostas foram realizadas com prazer, empenho e interesse por todos os alunos, e com um rendimento acima do que eles mostravam em outros momentos, em outras aulas, o que denota que nós, professores devamos sempre ir ao encontro ao que os alunos desejam como aula. Sabemos que às vezes podemos nos equivocar, quando ousamos, mas de erros e acertos é que se constrói o magistério. Nesse caso, ousar deu frutos positivos, e se não seria a chance de experimentar com as falhas. Por isso ousamos usar o celular. Diante do exposto, podemos destacar que todas as dificuldades encontradas no âmbito escolar, em especial a adoção de novos procedimentos e recursos pedagógicos, como no caso desta pesquisa, o uso do celular nas aulas de Língua Portuguesa, para o ensino léxico, por meio da exploração das EIs, podem ser amenizadas

pela conscientização da turma de alunos e pela motivação pelas pesquisas. A motivação dos alunos foi um divisor de águas, pois tornou o processo mais factível.

Desse modo, este trabalho surgiu da observação e prática em sala de aula, após notarmos o pouco espaço da tecnologia como ferramenta de ensino/aprendizagem, bem como de haver uma carência no desenvolvimento de atividades para o ensino sistemático do léxico, a presente pesquisa propôs-se a introduzir, nas aulas, o recurso tecnológico do celular como ferramenta pedagógica, com vistas a suprir essa necessidade. Este trabalho surgiu, também, da observação de que o espaço dedicado às EIs não é muito explorado nas aulas de. A partir dessas observações, foi realizado o estudo das EIs utilizando o celular, para o ensino do léxico. Explorando essas carências notadas nas aulas, foram implementadas várias atividades que, se não supriram de todo esse vácuo, pelos menos amenizaram um pouco essa deficiência. Desse modo, o que se objetivou, com a presente pesquisa foi o desenvolvimento de uma ação pedagógica, explorando as EIs (*Eis*), tendo como foco a ampliação lexical, e por aliado o celular. Foi alcançada a confirmação da hipótese de que o uso celular, nas aulas de Língua Portuguesa, é uma ferramenta pedagógica relevante para o ensino-aprendizagem. Isso se confirmou pela adesão dos alunos, que realizaram todas as atividades propostas.

Tendo em vista os aspectos observados sobre o léxico e o tratamento dado a ele nas aulas e nos livros didáticos de Língua Portuguesa, acreditamos que, de maneira interessante, usando o celular para as pesquisas, é possível ganhar mais espaços para esse ensino. Essa foi uma maneira possível de ensinar de modo um pouco mais dinâmico, mas logicamente não descarta outras possibilidades.

Por tudo isso, podemos considerar que a exploração das EIs é uma forma produtiva de ensino do léxico, visto que são uma construção social e facilitam a compreensão da linguagem de uma dada comunidade de falantes, à qual estão vinculadas. A produção dos alunos, na culminância do projeto, denota bem esse aspecto, pois eles conseguiram, por meio de GIFs, expressar literalmente a expressão, porém revelando entendimento da face conotativa da expressão. Eles compreenderam que as EIs estudadas, são formadas no âmbito social de uma dada comunidade de falantes. Desse modo, a partir do projeto, eles perceberam que a linguagem usada pelos avós, por exemplo, é fruto do tempo deles. Essa percepção serviu para amenizar o preconceito que alguns jovens demonstram ter diante das escolhas lexicais dos mais velhos.

Sendo assim, esta pesquisa é uma pequena contribuição para os estudos do léxico, e para os professores de Língua Portuguesa, que, por meio do celular como ferramenta pedagógica de ensino/aprendizagem, podem visar à ampliação lexical dos alunos do Ensino Fundamental II, com

o intuito de formar melhores usuários da língua nativa, nas competências da oralidade, da escrita, da leitura e da interpretação de textos.

Em face do que foi abordado, podemos observar que quando o aluno se sente parte do processo de ensino-aprendizagem, esse aprendizado se torna mais significativo, uma vez que ele compreende o processo. Quando as ferramentas pedagógicas alcançam esse aluno esse processo, também, fica mais fácil, pois a participação é efetiva e não há perda de tempo com brincadeiras fora de hora, motivadas pelo desinteresse. Compreendemos, então, que o ensino de Língua Portuguesa tendo por ferramenta pedagógica o celular é um caminho possível para que os alunos se tornem partícipes. Com o desenvolvimento deste projeto, pudemos perceber que quando o aluno se interessa pelo assunto, ele adere e investe atenção ao que é proposto. Especificamente, neste caso, os alunos não faltaram às aulas, motivados em participar das atividades, com as quais estavam se divertindo e interessados em aprender com elas. Assim como as famílias que ao perceberem o entusiasmo dos filhos, passaram a participar, mesmo que indiretamente do processo de ensino-aprendizagem. Desse modo, os pais valorizaram o empenho dos filhos na busca pelo conhecimento da Língua Portuguesa e reconheceram que o uso do celular para aprendizagem, pode ajudar nessa busca. Isso comprova que o caminho ideal é a parceria escola-pais, para o sucesso dos aprendizes.

A parceria escola-família potencializa o processo de ensino-aprendizagem. Ao se fazerem presentes na escola, as famílias alicerçam o corpo docente em um trabalho que tem mais chances de ser exitoso. Ao ensinar, ou mesmo, só presenciar a realização do Dever de Casa, pelos alunos, os pais já estão irmanados aos professores na construção da educação de seus filhos. E educar para a vida é o objetivo maior da escola, bem como dos pais.

O trabalho em equipe merece sempre ser priorizado, uma vez que o mundo moderno assim o exige. E a escola é desde os primeiros anos escolares, grande responsável por formar cidadãos que desenvolvam habilidades de trabalho em grupo. Sabemos que alguns fatores como ter um propósito claro e em comum com outras pessoas; saber dar sua colaboração e ao mesmo saber manter sua interdependência dentro do grupo; elaborar normas claras e bem específicas para o grupo; demonstrar ter responsabilidade e ter/ser liderança; permitir-se que haja envolvimento emocional; mantendo-se empenhado na organização do ambiente físico e emocional; ser capaz de enfrentar grandes e novos desafios; e ter um bom caráter, são cobrados no exercício da maioria das funções da vida profissional e social futura dos alunos, esses contingentes devem ser agregados ao ensino de outros conteúdos, uma vez que são tão importantes quanto. Enquanto professores devemos cuidar para os alunos desenvolvam essas habilidades supracitadas.

Por meio da leitura de vários gêneros textuais, os alunos foram expostos a um número razoável de EIs, que ajudou na ampliação do léxico, uma vez que, pelo observado nas discussões, todos entenderam os sentidos da EIs estudadas, nas atividades. Ter a oportunidade de fazer as leituras pedidas, na tela do celular, fez com que muitos alunos resistentes ao ato de ler, se envolvessem e realizasse as leituras propostas sem reclamar. Assim como os alunos deste projeto, que ao iniciarem as leituras foram se envolvendo e gostando dos textos, o mesmo provavelmente pode acontecer com outros alunos, que não se interessam pelos textos, por já receber a proposta de leitura com desinteresse. Esse envolvimento pode abrir caminhos para novas leituras, pelo menos é o que nós, enquanto professora de Língua Portuguesa, desejamos.

REFERÊNCIAS

- ABBADE, Celina Márcia de Souza. A lexicologia e a teoria dos campos lexicais. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA, 15., 2011, Rio de Janeiro. **Cadernos do CNLF**, Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011. t. 2, p. 1332-1343. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xv_cnlftomo_2/105.pdf. Acesso em: 10 ago. 2018.
- ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. Educação a distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 327-340, Dec. 2003.
- ALMG-DIÁRIO do Legislativo de Minas Gerais: **O Estado de Minas Gerais a LEI 23.013, DE 21 DE JUNHO DE 2018**. Belo Horizonte, MG, p.1-63, 21 jun. 2018. Disponível em: https://www.almg.gov.br/export/sites/default/consulte/arquivo_diario_legislativo/pdfs/2018/06/L20180622.pdf. Acesso em: 13 out. 2019.
- ALVES. A. R.A.O Figuras de linguagem. Praticando a Língua Portuguesa. 06 de novembro de 2012. Disponível em: <http://praticandoalinguaportuguesananet.blogspot.com/2012/11/figuras-de-linguagem-questoes.html> Acesso em: 22 de maio de 2019
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Caminhos de João Brandão**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.
- ANTONIO, José Carlos. Uso pedagógico do telefone móvel (celular). *In*: ANTONIO, José Carlos. **Professor digital**: [BLOG]. [S. l.], 13 jan. 2010. Disponível em: <https://professordigital.wordpress.com/2010/01/13/uso-pedagogico-do-telefone-movel-celular/>. Acesso em: 10 maio de 2018.
- ANTUNES, Irandé. **Território das palavras**: estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- ARAÚJO, Luciana Kuchenbecker. **Denotação e Conotação**. Disponível em : <https://www.portugues.com.br/redacao/denotacaoconotacao.html#:~:text=Quando%20queremos%20nos%20expressar%20verbalmente,conotativo%2C%20que%20%C3%A9%20o%20sentido>. Acesso em 4 de dez. de 2018.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Campo conceptual e campo lexical dos termos globalização e mundialização: relações. **Revista Brasileira de Linguística**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 29-52, 1999.
- BARBOSA, Maria Aparecida. A construção do conceito nos discursos técnico-científicos, nos discursos literários e nos discursos sociais não literários. **Revista Brasileira de Linguística**, São Paulo, v. 11, p. 31-60, 2001.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Estruturas e tipologia dos campos conceptuais, campos semânticos e campos lexicais. **Acta Semiotica et Lingvistica**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 95-120, 2000.

BARBOSA, M. A. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia, identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação. *In*: SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE TERMINOLOGIA, 2.; ENCONTRO BRASILEIRO DE TERMINOLOGIA TÉCNICO-CIENTÍFICA, 1., 1990, Brasília, DF. **Anais...** Brasília, DF: [s. n.], 1990. p. 152-158.

BARBOSA, Maria Aparecida. [Paradigmas de criatividade léxica]. *Hommage à Simone Saillard*. **Textures: Cahiers du CEMIA**, Bron, p. 385-405, 1998b.

BARBOSA, Maria Aparecida. Terminologização, vocabularização, cientificidade, banalização: relações. **Acta Semiotica et Linguistica**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 25-44, 1998a.

BARBOSA, M. A. Terminologia aplicada: percursos interdisciplinares. Mato Grosso: Polifonia (UFMT), v. iv, 2009. p. 29 – 44.

BEZERRA, M. A. Condições para aquisição de vocabulário. *In*: INTERCÂMBIO DE PESQUISAS EM LINGÜÍSTICA APLICADA, 8., 1998, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: PUC-SP, 1998. v. 1. p. 81-82.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dimensões da palavra. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, n. 2, p. 81-118, 1998.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Compreensão de leitura: da palavra ao texto. *In*: GUIMARÃES, Eduardo; MOLLICA, Maria Cecília. (org). **Palavra: forma 135 e sentido**. Campinas: Mercado das Letras, 2007. p. 99-107.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. 2. versão rev. Brasília, DF: MEC/CONSED/UNDIME, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CP nº 2, de 22 de dezembro de 2017**. Institui e orienta a implantação da Base Nacional Comum Curricular, a ser respeitada obrigatoriamente ao longo das etapas e respectivas modalidades no âmbito da Educação Básica. Brasília, DF: MEC, 2017a. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/2018/04/RESOLUCAOCNE_CP22_2DEDEZEMBRODE2017.pdf. Acesso em: 10 set. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, DF: MEC, 2017b. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 10 maio de 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em nov. 2019.

BUENO, José Geraldo Silveira. Crianças com necessidades educativas especiais, política educacional e a formação de professores: generalistas ou especialistas? **Revista Brasileira de Educação Especial**, Piracicaba, v. 5, p. 7-25, set. 1999.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.

Campo lexical e campo semântico. Português. 22 de setembro de 2011. Disponível em: <https://portugues-fcr.blogspot.com/2011/09/campo-lexical-e-campo-semantico.html> Acesso em 4 de dezembro de 2018.

CASTRO, W. **Metáforas machadianas: estruturas e funções**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

CEREJA, William; COCHAR, Thereza. **Português: Linguagens**. 9ª. ed. São Paulo: Saraiva, 2015. 320 p. v. 9. ISBN 978-85-02-6323-5.

CLARE, Nícia De Andrade Verdini. Léxico: continuidade linguística, empréstimo vocabular, formação vernácula. *In: FÓRUM DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS*, 8., 2005, Rio de Janeiro. [Anais...] Rio de Janeiro: UERJ, 2005. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viiiifelin/27.htm>. Acesso em: 10 set. 2018.

CORTÊS, H. A importância da tecnologia na formação de professores. **Revista Mundo Jovem**, Porto Alegre, n. 394, p. 18, mar. 2009.

CULTURA popular: origem de algumas expressões. **Cultura Popular**, [S. l.], p. s.p, 22 jan. 2010. Disponível em: <http://culturapopular2.BLOGspot.com/2010/04/origem-de-algumas-expressoes.html>. Acesso em: 17 jan. 2020.

CUMPRI, Marcos Luiz. Algumas reflexões sobre léxico e gramática. **Revista Entre palavras**, Fortaleza, ano 2, v. 2, n. 1, p. 41-50, jan./jul. 2012. Disponível em: http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/23562/1/2012_art_mlcumpri.pdf. Acesso em: 10 set. 2018.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. **O sentido das palavras na interação leitor <-> texto**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005.

DIAS, Eliana. **O ensino do léxico: do livro didático às oficinas de vocabulário**. 2004. 2007 f. Tese de doutoramento - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara- São Paulo 2004.

DIRETRIZES de políticas da UNESCO para a aprendizagem móvel. **Diretrizes de políticas da UNESCO para a aprendizagem móvel**, [S. l.], p. 1-41, 17 jan. 2014. Disponível em: <http://www.bibl.ita.br/UNESCO-Diretrizes.pdf>. Acesso em: 16 out. 2019.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita: elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). *In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 41-70.

Expressões Idiomáticas correntes no Brasil. *In: SÓ PORTUGUÊS*. [S. l.], Virtuoso Tecnologia da Informação, 2007-2019. Disponível em : <https://www.soportugues.com.br/secoes/expressoesIdiomaticas/>. Acesso em: 10 jan. 2019.

Expressões Idiomáticas - reforço escolar de Português. **EIs**, [S. l.], p. 1-16, 17 jan. 2020. Disponível em: <https://canal.cecierj.edu.br/012016/00bc5f469c28e13f592e34b9dcd767a6.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2020

Expressões populares. Linguagens e afins. 25 de março de 2011. Disponível em: <https://linguagemeafins.blogspot.com/2011/03/expressoes-populares-250311.html> Acesso em: 22 de maio de 2019

FIGUEIREDO, Laura de; BALTHASAR, Marisa; GOULART, Shirley. **Singular & Plural: Leitura, produção e estudos de linguagem**. 2ª. ed. São Paulo: Moderna, 2015. 479 p. v. 9. ISBN 978-85-1610012-4.

FUCHS, Cristina Yukie Miyaki. O projeto PIBID de leitura e o ensino do léxico. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 11., 2013, Curitiba. [Anais...] Curitiba: PUC-PR, 2013. p. 11050- 11059. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/13626_6388.pdf. Acesso em: 10 ago. 2018.

GESTÃO e competências tecnológicas da BNCC. *In*: **EDUCADOR360**. [S. l.], 2 abr. 2018. Disponível em: <https://educador360.com/gestao/competencias-tecnologicas-da-bncc/>. Acesso em: 10 ago. 2018.

GUARESCHI, Pedrinho A. **Mídia, educação e cidadania: tudo o que você quer saber sobre a mídia**. Petrópolis: Vozes, 2005.

HENRIQUES, ANTÔNIO. **Denotação e Conotação**. Oficina de Português. 20 de abril de 2018. Disponível em :<http://oficinaportugues.unisseixal.org/2018/04/20/denotacao-conotacao/> Acesso em 06 de dezembro de 2018.

HOUAISS, Antonio. **Minidicionário Houaiss**: da . Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

IMBERNÓN, F. (org.). **A educação no século XXI**. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

NASCIMENTO JUNIOR, Antonio Fernandes et al .**O ensino dos conceitos de solstício e equinócio e das estações do ano a partir do uso de GIF como recurso didático**. Periódico Eletrônico Fórum Ambiental da Alta Paulista. Vol. 13. Numero 7, 2017. Disponível em: https://www.amigosdanatureza.org.br/publicacoes/index.php/forum_ambiental/article/viewFile/1723/1711Acesso em out de 2019.

KOMESU, Fabiana. Pensar em hipertexto. *In*. ARAÚJO, Júlio Xavier & BIASIRODRIGUES, Bernadete (Orgs.) **Interação na internet: novas formas de usar a linguagem**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

LABOV, William. Building on empirical foundations. *In*: LEHMANN, Winifred P.; MALKIEL, Yakov (ed.). **Perspectives on historical linguistics**. Amsterdan: John Benjamins, 1982. p. 17-92.

LEFFA, Vilson J. Aspectos externos e internos da aquisição lexical. *In*: LEFFA, Vilson J. (org.). **As palavras e sua companhia**: o léxico na aprendizagem. Pelotas: [s. n.], 2000. v. 1, p. 15-44.

Ler nas entrelinhas. Reforço escolar – Português. Disponível em : <https://canal.cecierj.edu.br/012016/c7464247a4d22e070d39a162a1dfc23c.pdf> . Acesso em 15 de novembro de 2018

MARCHETTI, Greta; STRECKER, Heidi; CLETO, Mirella L. **PARA VIVER JUNTOS: PORTUGUÊS**. 4ª. ed. São Paulo: SM, 2015. 288 p. v. 9. ISBN 978-85-418-0943-6.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONÍSIO, A.P., MACHADO, A.R. e BEZERRA, M.A. **Gêneros textuais & ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Ana Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.) **Gêneros textuais & ensino**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. *In*: MARCUSCHI, Luiz Antônio & XAVIER, Antônio Carlos (Orgs.) **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARTINS, Evandro Silva. O tratamento das lexias compostas e complexas. **Revista do GELNE**, Natal, v. 4, n. 2, p. 1-6, 2002.

MORAN, José Manuel. Como utilizar a Internet na educação. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 26, n. 2, p. 1-8, May 1997. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19651997000200006/. Acesso em: 10 out. 2018.

MORAN, José Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. *In*: MORAN, José Manuel; BEHRENS, Marilda Aparecida; MASETTO, Marcos T. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 10. ed. Campinas: Papirus, 2006. p. 11-65.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000. Cap. 1 publicado por Thiago Rodrigues Nascimento, 27 mar. 2013, no Scrib. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/132690790/Moran>. Acesso em: 10 out. 2018.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. São Paulo: Papirus, 2013.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. São Paulo: Papirus, 2000. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/56734014/moran-berehns-ensino-inovador>. Acesso em 10 out. 2018.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda. As muitas formas de comunicarmo-nos. Trecho do segundo capítulo do meu livro *Desafios na comunicação pessoal*, 3. ed, Paulinas, 2007, p.43-50.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Como utilizar as tecnologias na escola. Disponível [Online] em <http://www.eca.usp.br/prof/moran/utilizar.htm>. Acesso em 15 de maio de 2019

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Disponível em <http://www.edapeci-ufrs.net/ANAIS/04/025JOSEALDON2.pdf> . Acesso: 21/01/2019.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda. José Manuel. A contribuição das tecnologias para uma educação inovadora. **Revista Contrapontos**, Itajaí, SC., v. 4, n. 2, mar. 2009. ISSN 1984- 7114. Disponível em: . Acesso em: 01 Nov. 2012.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda. Como utilizar a Internet na educação: relatos de experiências. **Ciência da Informação**: Brasília, v.26, n.2, p. 146-153, maio/ago. 1997.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Novos desafios na educação - a Internet na educação presencial e virtual. In: PORTO, Tania Maria Esperon. Saberes e linguagens de educação e comunicação. Pelotas, RS: Ed. Universitária/UFPEL, 2001.p.19-44.

MUNIZ, CARLA. Significado de Metáfora. Língua Portuguesa- Significados Disponível em: <https://www.significados.com.br/metafora/> Acesso em 06 de dezembro de 2018.

Origem das Expressões. Só Português. Virtuoso Tecnologia da Informação, 2007-2020. Disponível em <https://www.soportugues.com.br/secoes/proverbios/> Acesso em: 22 de maio de 2019

Origem das expressões populares. 29 de janeiro de 2011. Disponível em:https://www.newsrondonia.com.br/lerNoticias.php?news=1279&fb_comment_id=10150309083734837_10152471305614837. Acesso em: 22 de maio de 2019

PAROLIN, Isabel. As dificuldades de aprendizagem e as relações familiares. Fortaleza, 2003

PARREIRA, Maria Cristina. Fraseopedagogia: um ponto de encontro entre os estudos do léxico e a linguística aplicada. In: Nadin, Odair Luiz; FERREIRA, Anise de Abreu Gonçalves D'Orange; FARGETTI, Cristina Martins (org.). **Léxico e suas interfaces**: descrição, reflexão e ensino. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016. p. 61-76.

PEREIRA Fátima. Expressões idiomáticas: Linguagem conotativa – Expressões idiomáticas . Texto em movimento. 24 de setembro de 2015. Disponível em: <http://textoemmovimento.blogspot.com/2015/09/expresoes-idiomaticas.html> . Acesso em 4 de novembro de 2018.

PIMENTA, Reinaldo. A Casa da mãe Joana. Rio de Janeiro: Campus, 2002

POTTIER, Bernard; AUDUBERT, Albert; PAIS, Cidmar Teodoro. **Estruturas linguísticas do português**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.

PRENSKY, Marc. Que você pode aprender a partir de um telefone celular? **Revista de educação online**, [s. l.]. 2004. Documento original disponível em: <https://nsuworks.nova.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1173&context=innovate>. Acesso em: 30 jun. 2018.

RISCHBIETER, Luca. Os inimigos da infância. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 26 jul. 2009. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/sinapse/sa2607200501.htm>. Acesso em: 30 jun. 2018.

ROCHA, Camila Maria Corrêa. [AS EIS E A MOTIVAÇÃO METAFÓRICA QUE A ELAS SUBJAZ](#). **Revista Entrelinhas** – Vol. 7, n. 2 (jul./dez. 2013). Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/entrelinhas/article/view/2960>. Acesso em: jul. de 2019.

RODRIGUES, G. Estudo sobre as expressões idiomáticas e o uso de dicionários especiais da língua portuguesa no ensino fundamental. São José do Rio Preto, 115p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos: Análise Linguística) – UNESP, 2010. Disponível em: <https://www.ibilce.unesp.br/Home/Pesquisa469/gample/GRM-ArividadesEIs.pdf>: Acesso em 26 maio 2019

ROJO, R; BARBOSA. J.P. **Hipermodernidade, Multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola, 2015.

RONCOLATTO, E. **EIs do português do Brasil e do espanhol da Colômbia: análise, classificação e equivalências**. Tese de Doutorado, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis. 2001. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ce/ce/article/view/8637157>. Acesso em: 18 jan. 2019.

SAÚDE de Crianças e Adolescentes na Era Digital. **Manual de Orientação: Departamento de Adolescência**, S.l, ano 2016, n. 1, p. 1-13, 17 out. 2016. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/2016/11/19166d-MOrient-Saude-Crian-e-Adolesc.pdf. Acesso em: 20 ago. 2019.

SILVA, Moisés Batista. Uma palavra só não basta: um estudo teórico sobre as unidades fraseológicas. **Revista de Letras**, Fortaleza, v. 1/2, n. 28, p. 11-20, jan./dez. 2006. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/viewFile/2308/1775>. Acesso em: 10 jan. 2019.

SQUARISI, Dad. Expressões curiosas da língua 8. 05 de outubro de 2013. Disponível em: http://blogs.correiobraziliense.com.br/dad/expressoes_curiosas_da_lingua_8/ Acesso em: 22 de maio de 2019

TEDESCO, Juan Carlos. Os fenômenos de segregação e exclusão social na sociedade do conhecimento. **Cadernos de Pesquisa**, n. 117, p. 13-28, nov. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n117/15550.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2018.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez: 1986.

Uso da internet no Brasil cresce, e 70% da população está conectada: Economia e tecnologia. **G1**, [S. l.], p. s.p, 28 ago. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2019/08/28/uso-da-internet-no-brasil-cresce-e-70percent-da-populacao-esta-conectada.ghtml>. Acesso em: 4 set. 2019.

VIANA, Claudemir Edson; BERTOCCHI, Sônia. **Pelo celular lá na escola**. In: ACERVO educa rede. [S. l.], 21 maio 2013. Disponível em: <http://www.rea.net.br/educarede/2013/05/21/pelo-celular-la-na-escola/>. Acesso em: 10 jul. 2018.

XATARA, Cláudia Maria. Tipologia das EIs. **Alfa: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 42, p. 169-176, 1998.

XATARA, Cláudia Maria. **O ensino do léxico: as EIs**. Campinas, (37):49-59, Jan./Jun. 2001 Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8639325/6919>. Acesso em jul. de 2019

XATARA, Cláudia Maria. **A comparação nas EIs**. Alfa, São Paulo, 41: 211-222, 1997. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/107750/ISSN1981-5794-1997-41-211-222.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em jul. de 2019

XAVIER, Antônio Carlos. **Como fazer e apresentar trabalhos científicos em eventos acadêmicos**. Recife: Rêspel, 2012.

ANEXOS

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA RESPONSÁVEL LEGAL POR MENOR DE 18 ANOS

Considerando a sua condição de responsável legal pelo(a) menor, apresentamos este convite e solicitamos o seu consentimento para que ele(a) participe da pesquisa intitulada “***O USO DO CELULAR NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: VIAJANDO PELO MUNDO DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS***”, sob a responsabilidade dos pesquisadores Professora Dra. Adriana Cristina Cristianini (orientadora)UFU- e Profª. Leticia Maria Pereira dos Santos (aluna do mestrado profissional em letras)-UFU.

Nesta pesquisa nós estamos buscando realizar uma proposta pedagógica para o ensino de Língua Portuguesa, mais especificamente sobre a mudança lexical na língua, que tenha o celular como principal instrumento de aprendizagem. Buscamos elaborar atividades que tracem caminhos possíveis do uso do celular em sala de aula; elaborar proposta pedagógica/atividades, com uso de celular, para auxiliar na aprendizagem do léxico no que tange à variação diacrônica; colocar em prática, com os participantes da pesquisa, a proposta pedagógica elaborada; analisar e avaliar os resultados da aplicação da proposta pedagógica; desenvolver um blog interativo da proposta pedagógica de forma a fomentar uma discussão sobre o uso do celular em sala de aula de Língua Portuguesa e contribuir com os professores de Língua Portuguesa e áreas afins para a reflexão sobre o celular e o ensino.

O Termo de Assentimento será obtido pela pesquisadora Leticia Maria Pereira dos Santos, na Escola Estadual Professor Zama Maciel, de Patos de Minas - MG, onde, em reunião pedagógica com os pais e/ou responsáveis pelo participante, a referida pesquisadora explicará a proposta de pesquisa. Na ocasião, será entregue aos pais e/ou responsáveis, um termo de assentimento para que o participante possa integrar a pesquisa. Sendo essa reunião ordinária, prevista no calendário escolar, de modo que os pais e/ou responsáveis não se deslocarão até à escola para esse fim. No momento da reunião, os pais e/ou responsáveis pelo participante, serão informados que terão um tempo para decidir se autorizarão ou não, o(a) filho(a) participar da pesquisa(conf. item IV da Resol. CNS 466/12 ou Cap. III da Resol. 510/2016).

Na participação do(a) menor sob sua responsabilidade, ele(a) participará da pesquisa que será realizada na Escola Estadual Professor Zama Maciel, em Patos de Minas-MG. O grupo de participantes da pesquisa será constituído por 35 alunos que compõem uma turma do nono ano do Ensino Fundamental, do ano letivo de 2019, na escola onde dar-se-á a pesquisa. A pesquisadora que desenvolverá com os participantes as atividades ministra aulas de língua portuguesa para a referida turma, que é composta por 35 alunos, o que justifica o número de participantes da pesquisa. O recrutamento e apresentação do projeto aos pais/responsáveis e alunos, ocorrerá em uma primeira reunião ordinária com os pais marcada pela escola para fins gerais, após o projeto ter sido aprovado pelo CEP. Esta pesquisa ocorrerá em 4 momentos. O primeiro momento será apresentação do projeto aos alunos, explicitando os objetivos do mesmo. O segundo momento serão as oficinas – 8 módulos de 50 minutos – sendo 2 módulos por semana. O terceiro momento será avaliação se os objetivos foram alcançados. No quarto momento será realizada a construção de um blog com vistas à divulgação do projeto e de seus resultados. Iremos organizar os participantes para pesquisar – pelo celular, com uso da internet – a origem e evolução de palavras previamente planejadas, para, a seguir, fazerem a apresentação oral para os colegas. Em outro momento, as origens das palavras serão apresentadas para que os participantes pesquisem a sua evolução e reconheçam em qual palavra do léxico atual resultou. Desse modo, o participante entrará em contato com uma gama de palavras, que propiciará a ampliação do conhecimento do léxico da língua portuguesa, bem como das questões semânticas envolvidas nessa interpretação e dos graus de formalidade do texto. Realizar-se-á esta pesquisa com alunos do nono do ensino fundamental, em uma turma na qual atuamos desenvolvendo o trabalho de regência de aulas de Língua Portuguesa desde fevereiro do ano de 2018. Sendo assim, em 2019, o segundo ano de atuação com os participantes da pesquisa. O trabalho será iniciado após adesão dos participantes, com do consentimento dos pais e a concordância dos

participantes, que assinarem o termo de consentimento livre e esclarecido (pais ou responsáveis) e o termo de assentimento (participantes da pesquisa).

Serão excluídos os participantes que não concordarem em participar da pesquisa, assinando o termo de assentimento e aqueles cujos pais não assinarem o termo de consentimento livre e esclarecido. As atividades desenvolvidas com a turma serão parte integrante do plano de disciplina, portanto, mesmo não participando da pesquisa, os alunos estarão presentes nas aulas e farão as atividades. Serão utilizados, para análise, somente os resultados dos participantes da pesquisa. A pesquisa será cancelada se nenhum aluno quiser participar da pesquisa e/ou responsáveis não autorizarem a participação. Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada. Não haverá divulgação de imagens, preservando assim o anonimato do participante. Você não terá nenhum gasto nem ganho financeiro por participar na pesquisa.

Ao realizar-se uma pesquisa, sabe-se que não há isenção de riscos. Porém, entende-se que os participantes aqui envolvidos, nessa pesquisa, não estão passíveis a danos, uma vez que a maior parte da pesquisa será desenvolvida pelos participantes, em sala de aula e durante o expediente normal das aulas de Língua Portuguesa e coordenada pela professora regente da turma. Pressupõe-se que o risco envolvido mínimo que os alunos podem correr se dará pela identificação da pesquisa, o que contraria a Resolução CNS 466\12. Nesse caso, enquanto ministrador desta pesquisa nos comprometemos a manter em absoluto sigilo a identidade dos participantes deste estudo. Além disso, para minimizar estes riscos, os participantes da pesquisa serão nomeados com uso de códigos, enumeração ou nomes fictícios.

Levando-se em conta os benefícios que a pesquisa trará, acredita-se que o principal deles é a ampliação do léxico e da competência de interpretativa e de escrita, uma vez que o conhecimento e o aprimoramento do léxico dos participantes proporcionarão o alcance dos mesmos.

Ainda pode-se citar que o conhecimento diacrônico do léxico vai proporcionar uma visão mais ampla da língua, e ainda uma melhor compreensão de textos antigos, em especial os de literatura portuguesa e de literatura brasileira. Também, os participantes terão a oportunidade de participação nas aulas elaboradas exclusivamente para a aplicação e desenvolvimento da pesquisa, um assunto pouco trabalhado nas aulas de Língua Portuguesa; e criação de um blog que apresentará o passo a passo da pesquisa e seu resultado, para que outros professores de Língua Portuguesa possam levar para suas salas de aula.

A qualquer momento, você poderá retirar o seu consentimento para que o(a) menor sob sua responsabilidade participe da pesquisa. Garantimos que não haverá coação para que o consentimento seja mantido nem que haverá prejuízo ao(a) menor sob sua responsabilidade. Até o momento da divulgação dos resultados, você também é livre para solicitar a retirada dos dados do(a) menor sob sua responsabilidade da pesquisa.

O(A) menor sob sua responsabilidade também poderá retirar seu assentimento sem qualquer prejuízo ou coação. Até o momento da divulgação dos resultados, ele(a) também é livre para solicitar a retirada dos seus dados da pesquisa.

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você.

Em caso de qualquer dúvida ou reclamação a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com os membros da equipe executora do projeto: Professora Dra. Adriana Cristina Cristianini , na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, campus Santa Mônica, Uberlândia, MG, 38408-100; telefone: (34) 3239-4411 e Professora Leticia Maria Pereira dos Santos, na Rua Pref. Camundinho, 651 - Centro, Patos de Minas - MG, 38700-194; telefone: (34) 3821-2246. Você poderá também entrar em contato com o CEP - Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos na Universidade Federal de Uberlândia, localizado na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, campus Santa Mônica – Uberlândia/MG, 38408-100; telefone: 34-3239-4131. O CEP é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Uberlândia, de de 20.....

Assinatura dos pesquisadores

Eu, responsável legal pelo(a) menor _____ consinto na sua participação na pesquisa citada acima, após ter sido devidamente esclarecido.

Assinatura do responsável pelo(a) participante da pesquisa

ANEXO B – TERMO DE ASSENTIMENTO PARA O MENOR ENTRE 12 E 18 ANOS INCOMPLETOS

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “*O USO DO CELULAR NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: VIAJANDO PELO MUNDO DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS*”, sob a responsabilidade das pesquisadoras Profa. Dra. Adriana Cristina Cristianini (orientadora/UFU) e Profa. Letícia Maria Pereira dos Santos (aluna do Mestrado Profissional em Letras/UFU).

Nesta pesquisa, nós buscamos realizar uma proposta de ensino de Língua Portuguesa, em que vamos falar sobre as mudanças que as palavras sofrem no decorrer do tempo. Para isso, o nosso principal instrumento de aprendizagem será o celular. Iremos elaborar atividades que possibilitem o uso do celular em sala de aula e, depois, você fará essas atividades. Com os resultados desses trabalhos, desenvolveremos um blog interativo para promover uma discussão sobre o uso do celular em sala de aula de Língua Portuguesa.

O Termo de Assentimento será obtido pela pesquisadora Letícia Maria Pereira dos Santos, em sua sala de aula, na Escola Estadual Professor Zama Maciel, de Patos de Minas - MG, depois de a pesquisadora ter explicado como será a pesquisa e você ter um tempo, até o final da aula, para pensar se quer participar.

Na sua participação, você desenvolverá, durante as aulas de Língua Portuguesa (duas aulas por semana), as atividades que serão planejadas para sua aprendizagem. Nessas atividades, você, por exemplo, procurará com o celular a origem e a evolução de palavras para apresentar aos seus colegas. Essas atividades fazem parte das aulas, por isso, toda a turma fará as atividades, mas só serão utilizados os resultados de quem concordar em participar da pesquisa. No final das atividades, você participará da construção de um blog.

Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada. Não haverá divulgação de imagens, preservando assim o anonimato do participante.

Você não terá nenhum gasto nem ganho financeiro por participar na pesquisa.

Os riscos consistem em uma possibilidade mínima de você ser identificado, mas para evitar que isso aconteça, para a pesquisa o seu nome será trocado por um código ou por um número ou por um nome fictício. Os benefícios serão a ampliação da aprendizagem sobre as palavras e uma maior aprendizagem para interpretar e escrever textos. Com a construção do blog, outros professores de Língua Portuguesa conhecerão o trabalho e poderão desenvolvê-lo com suas turmas.

Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem qualquer prejuízo ou coação. Até o momento da divulgação dos resultados, você também é livre para solicitar a retirada dos seus dados da pesquisa. Mesmo seu responsável legal tendo consentido, você não é obrigado a participar da pesquisa se não quiser.

Uma via original deste Termo de Assentimento ficará com você.

Em caso de qualquer dúvida ou reclamação a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com os membros da equipe executora do projeto: Profa. Dra. Adriana Cristina Cristianini , na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, *campus* Santa Mônica, Uberlândia, MG, 38408-100; telefone: (34) 3239-4411 ou Profa. Leticia Maria Pereira dos Santos, na Rua Prof. Camundinho, 651 - Centro, Patos de Minas - MG, 38700-194; telefone: (34) 3821-2246. Você poderá também entrar em contato com o CEP - Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos na Universidade Federal de Uberlândia, localizado na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, *campus* Santa Mônica – Uberlândia/MG, 38408-100; telefone: 34-3239-4131. O CEP é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Uberlândia, ___ de _____ de 2019.

Assinatura das pesquisadoras

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Assinatura do participante da pesquisa